

MORFOLOGIA APLICADA ÀS LINGUAS ORAIS E LINGUA DE SINAIS

Prof.ª Graciele Alice Carvalho Adriano



2018



Copyright © UNIASSELVI 2018

Elaboração:

Prof.^a Graciele Alice Carvalho Adriano

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

AD243I

Adriano, Graciele Alice Carvalho

Morfologia aplicada às línguas orais e língua de sinais. / Graciele Alice Carvalho Adriano. – Indaial: UNIASSELVI, 2018.

186 p.; il.

ISBN 978-85-515-0237-2

1.Libras. – Brasil. 2.Linguagem. – Brasil. 3. Linguística. – Brasil.
II. Centro Universitário Leonardo Da Vinci.

CDD 415

APRESENTAÇÃO



Caro acadêmico!

Os estudos sobre a morfologia aplicada às línguas orais e língua de sinais englobam conceitos que permeiam entendimentos referentes à estrutura linguística, formação, classe, flexão, gênero e derivação de palavras. Ou seja, apresenta a definição dos termos na perspectiva da língua oral e da língua de sinais, com exemplos que auxiliam na sua compreensão. A definição de morfologia permeia conceitos básicos a respeito da língua portuguesa e Libras, sendo que o termo morfologia foi primeiramente empregado nas ciências da natureza. Mais tarde incorporado como elemento da gramática, ao descrever a forma ou a estrutura interna das palavras.

Na Unidade 1 conheceremos os estudos linguísticos e a sua influência no ensino da língua oral e da língua de sinais. O desenvolvimento do estudo da língua ao longo do processo histórico social, destacando a relação semiótica e a relação da variação linguística com a formação de palavras. Desta forma, apresentamos os conceitos básicos do termo morfologia, incluindo a definição de alomorfes, formação de palavras em Libras e as classes de palavras na língua oral e na língua de sinais.

Na Unidade 2 estudaremos sobre o conceito de flexão e gênero na língua oral e na língua de sinais, incluindo saberes sobre verbos, classificadores e advérbios de tempo. Em relação ao conceito de flexão, pretendemos esclarecer sobre a flexão nominal e verbal com exemplos para auxiliar no entendimento do assunto. Outro tópico incluído nos estudos será em relação à composição do gênero em libras, juntamente a sua flexão.

Na Unidade 3 entenderemos sobre o processo de derivação na língua oral e na língua de sinais, o texto aborda conhecimentos a respeito de sua definição, tipos de processos derivacionais como a derivação prefixal e sufixal. Nesse sentido, também destacamos explicações sobre a estrutura interna das palavras com processos de composição e reduplicação. Nos tipos de ambiguidade lexical em Libras, o que inclui contextos relacionados à homonímia e polissemia em Libras.



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, tablet ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo layout, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



Olá acadêmico! Para melhorar a qualidade dos materiais ofertados a você e dinamizar ainda mais os seus estudos, a Uniasselvi disponibiliza materiais que possuem o código *QR Code*, que é um código que permite que você acesse um conteúdo interativo relacionado ao tema que você está estudando. Para utilizar essa ferramenta, acesse as lojas de aplicativos e baixe um leitor de *QR Code*. Depois, é só aproveitar mais essa facilidade para aprimorar seus estudos!



BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades. ✓✓



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE. ✓✓



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**.

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso. ✓✓



Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas. ✓✓



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE! ✓✓



SUMÁRIO

UNIDADE 1 – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E SUA INFLUÊNCIA NO ENSINO DA LÍNGUA DE SINAIS.....	1
TÓPICO 1 – RELAÇÃO DA LINGÜÍSTICA COM O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA LÍNGUA	3
1 INTRODUÇÃO.....	3
2 PROCESSO HISTÓRICO DO ESTUDO DA LÍNGUA	3
3 LINGUAGEM E PENSAMENTO: UMA RELAÇÃO SEMIÓTICA.....	7
4 LINGÜÍSTICA NA LÍNGUA DE SINAIS	11
5 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA.....	14
RESUMO DO TÓPICO 1.....	16
AUTOATIVIDADE	17
TÓPICO 2 – DEFINIÇÃO DE MORFOLOGIA	19
1 INTRODUÇÃO.....	19
2 CONCEITOS BÁSICOS DE MORFOLOGIA: DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LIBRAS	19
3 OS TIPOS DE MORFEMAS NA LÍNGUA PORTUGUESA.....	28
4 ALOMORFES NA LÍNGUA PORTUGUESA	32
5 CLASSES DE PALAVRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA.....	33
RESUMO DO TÓPICO 2.....	37
AUTOATIVIDADE	38
TÓPICO 3 – FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM LIBRAS	41
1 INTRODUÇÃO.....	41
2 ESTRUTURA LINGÜÍSTICA NA LIBRAS.....	41
3 CLASSES DE PALAVRAS EM LIBRAS	43
3.1 SUBSTANTIVOS	44
3.2 ADJETIVOS.....	45
3.3 PRONOMES	45
3.4 NUMERAL.....	52
LEITURA COMPLEMENTAR.....	59
RESUMO DO TÓPICO 3.....	63
AUTOATIVIDADE	64
UNIDADE 2 – FLEXÃO E GÊNERO NA LÍNGUA ORAL E NA LÍNGUA DE SINAIS	67
TÓPICO 1 – VERBOS, CLASSIFICADORES E ADVÉRBIOS	69
1 INTRODUÇÃO.....	69
2 VERBO	69
3 CLASSIFICADOR NA LÍNGUA DE SINAIS.....	80
4 ADVÉRBIO	83
RESUMO DO TÓPICO 1.....	89
AUTOATIVIDADE	91

TÓPICO 2 – FLEXÃO NA LÍNGUA ORAL E LÍNGUA DE SINAIS	93
1 INTRODUÇÃO	93
2 CONCEITO DE FLEXÃO	93
3 FLEXÃO NOMINAL	94
4 FLEXÃO VERBAL.....	95
5 A FLEXÃO NA LÍNGUA DE SINAIS.....	96
RESUMO DO TÓPICO 2.....	110
AUTOATIVIDADE	112
TÓPICO 3 – CONCEITO E DEFINIÇÃO DE GÊNERO	115
1 INTRODUÇÃO	115
2 DEFINIÇÃO DE GÊNERO NA LÍNGUA ORAL	115
3 FLEXÃO DE GÊNERO NA LÍNGUA DE SINAIS	118
LEITURA COMPLEMENTAR.....	121
RESUMO DO TÓPICO 3.....	125
AUTOATIVIDADE	126
UNIDADE 3 – CONCEITO DE DERIVAÇÃO NA LÍNGUA ORAL E NA LÍNGUA DE SINAIS	127
TÓPICO 1 – CONCEITO E ESTRUTURA DA DERIVAÇÃO NA LÍNGUA ORAL	129
1 INTRODUÇÃO	129
2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	129
2.1 DERIVAÇÃO SUFIXAL	130
2.2 DERIVAÇÃO PREFIXAL.....	134
2.3 DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA.....	135
2.4 DERIVAÇÃO CONVERSIVA.....	135
2.5 DERIVAÇÃO SIGLADA (ACRONÍMIA).....	136
2.6 DERIVAÇÃO TRUNCADA	136
3 COMPOSIÇÃO	137
4 ONOMATOPEIA	137
5 HIBRIDISMO	137
RESUMO DO TÓPICO 1.....	139
AUTOATIVIDADE	140
TÓPICO 2 – PROCESSOS DE DERIVAÇÃO E REDUPLICAÇÃO NA LÍNGUA DE SINAIS	141
1 INTRODUÇÃO	141
2 DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO	141
2.1 NOMINALIZAÇÃO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	142
2.2 FORMAÇÃO DE COMPOSTOS.....	143
3 REPETIÇÃO E REDUPLICAÇÃO	146
RESUMO DO TÓPICO 2.....	153
AUTOATIVIDADE	154
TÓPICO 3 – AMBIGUIDADE LEXICAL EM LIBRAS	157
1 INTRODUÇÃO	157
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TIPOS DE AMBIGUIDADE LEXICAL EM LIBRAS.....	157
3 HOMONÍMIA EM LIBRAS.....	162

4 POLISSEMIA EM LIBRAS	165
5 RELAÇÕES POR DETERMINANTE EVOCATIVO.....	170
LEITURA COMPLEMENTAR.....	173
RESUMO DO TÓPICO 3.....	180
AUTOATIVIDADE	181
REFERÊNCIAS	183

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E SUA INFLUÊNCIA NO ENSINO DA LÍNGUA DE SINAIS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir dessa unidade você será capaz de:

- conhecer o processo histórico da construção conceitual de morfologia;
- compreender a relação entre pensamento e linguagem;
- analisar os conceitos referentes à linguística na língua de sinais;
- conhecer as variações linguísticas;
- compreender os conceitos sobre morfologia na Língua Portuguesa e em Libras;
- identificar os tipos de morfemas;
- apreender as classes de palavras na Língua Portuguesa e em Libras;
- analisar o processo da estrutura linguística em Libras.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. Ao final de cada um deles, você poderá dispor de atividades que o auxiliarão na fixação do conteúdo apresentado.

TÓPICO 1 – RELAÇÃO DA LINGUÍSTICA COM O
DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA LÍNGUA

TÓPICO 2 – DEFINIÇÃO DE MORFOLOGIA

TÓPICO 3 – FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM LIBRAS



RELAÇÃO DA LINGUÍSTICA COM O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA LÍNGUA

1 INTRODUÇÃO

Caro acadêmico, neste primeiro tópico da disciplina Morfologia aplicada às línguas orais e à língua de sinais, estudaremos sobre assuntos referentes a saberes que estruturam o campo conceitual morfológico, o qual permeia a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Comentaremos brevemente sobre o processo histórico do estudo da língua para entendermos como ocorreu a sua construção no desenvolvimento da sociedade, de acordo com cada tempo e espaço.

Para compreendermos a gênese da linguagem, faz-se necessário perceber a relação que ocorre entre a linguagem e o pensamento mediada pelos signos sociais e culturais. Assim, trazemos os estudos do teórico Vygostky para elucidar os conceitos sobre o desenvolvimento da comunicação na criança, que, ao perceber o uso dos signos, associa-os aos conceitos impressos socialmente.

Outro ponto a ser destacado no decorrer dos estudos diz respeito aos conceitos relacionados à linguística na língua de sinais. A linguística como o estudo científico das línguas naturais e humanas, enquanto que a língua natural inicia com o homem a partir do seu nascimento a fim de expressar a palavra, o que inclui a língua de sinais.

Por fim, destacamos a variação linguística referente às mudanças que a língua sofre em determinado espaço, tempo e situação de comunicação, as chamadas variantes linguísticas. As variações linguísticas também abrangem a Libras, destacando os regionalismos, nos quais sinais diferentes são usados para expressar o mesmo significado.

2 PROCESSO HISTÓRICO DO ESTUDO DA LÍNGUA

A história dos estudos linguísticos no Ocidente se inicia com os gregos no século V a.C., com as primeiras investigações sobre a natureza da linguagem a partir de um caráter filosófico. Assim, a língua era considerada como uma expressão do pensamento, materializada nas técnicas do discurso, persuasão e na retórica. O estudo da língua era uma forma de ampliar a compreensão textual para além da análise da língua. Com o passar do tempo, a sociedade da época sentiu a necessidade de pesquisar sobre os aspectos linguísticos referentes ao gênero das palavras, diferença entre substantivo e verbo, natureza do signo e as suas denominações (SPERANÇA-CRISCUOLO, 2014).

No século IV a. C. se iniciaram os questionamentos sobre os tempos verbais e o conceito de conjunção. Nesse ínterim, os estudos dos gregos se baseavam na definição e classificação, o que será aceito em tempos posteriores nas gramáticas alexandrinas e ocidentais, influenciando o ensino da língua no decorrer dos próximos séculos (SPERANÇA-CRISCUOLO, 2014).

Nos séculos II e III a.C., os estoicos analisavam enunciados, evidenciando o estudo das conjunções, mais precisamente no seu valor lógico, com estudos voltados também para o artigo e seu caráter articulador. No final do século II a.C., o critério morfológico da flexão passou a ser considerado, integrado a categorias gramaticais para a língua grega, como modelo para a organização das classes de palavras da gramática ocidental. Nessa época, não havia o estudo da sintaxe para garantir o caráter linguístico na sua essência (SPERANÇA-CRISCUOLO, 2014).

Condicionada por sua finalidade prática, a gramática elege para exame, especialmente, a fonética e a morfologia, fixando-se nos fatos de manifestação depreensível, passíveis de organização em quadros concretos. Se considerada nesse estágio, a sintaxe teria fatalmente compromisso com a lógica, constituindo uma deriva das considerações filosóficas. Ela é, portanto, praticamente ignorada, não tendo lugar nessa nova disciplina, que, pelas condições de surgimento, só tem sentido se empírica (NEVES, 2003. p. 51).

No século II d.C., iniciaram-se os estudos sobre os fenômenos sintáticos com a participação de Apolônio Díscolo. À época, a sintaxe era percebida como um conjunto de regras que deveriam reger a síntese dos elementos que formam a língua, compreendida pela oração. Por sua vez, na Roma no século I d.C., houve estudos gramaticais de uma língua diferente do grego (NEVES, 2003).

Na Idade Média, no século IV, Donato apresentou pesquisas em fonética, a partir da comparação do latim com o grego, e dos estudos de Prisciano no século V, propuseram a primeira definição de sintaxe do Ocidente, referente à disposição que pretende obter uma oração perfeita. As gramáticas produzidas na época foram utilizadas como manuais de ensino durante a Idade Média, com os estudos gramaticais seguindo os preceitos dessas obras (SILVA, 1996).

No Renascimento, nos séculos XV a XVIII, surgiram as gramáticas das línguas vernáculas, como a Gramática de *La Lengua Castellana* (Antonio de Nebrija), Gramática da Linguagem Portuguesa (Fernão de Oliveira) e Gramática de João de Barros, ambas inspiradas nas gramáticas clássicas. O racionalismo dos séculos XVII e XVIII reviveu a ligação conceitual estabelecida entre a linguagem e o pensamento, considerando como transgressão, algo que descontextualizaria a concepção de língua defendida na época (AZEVEDO, 2001).

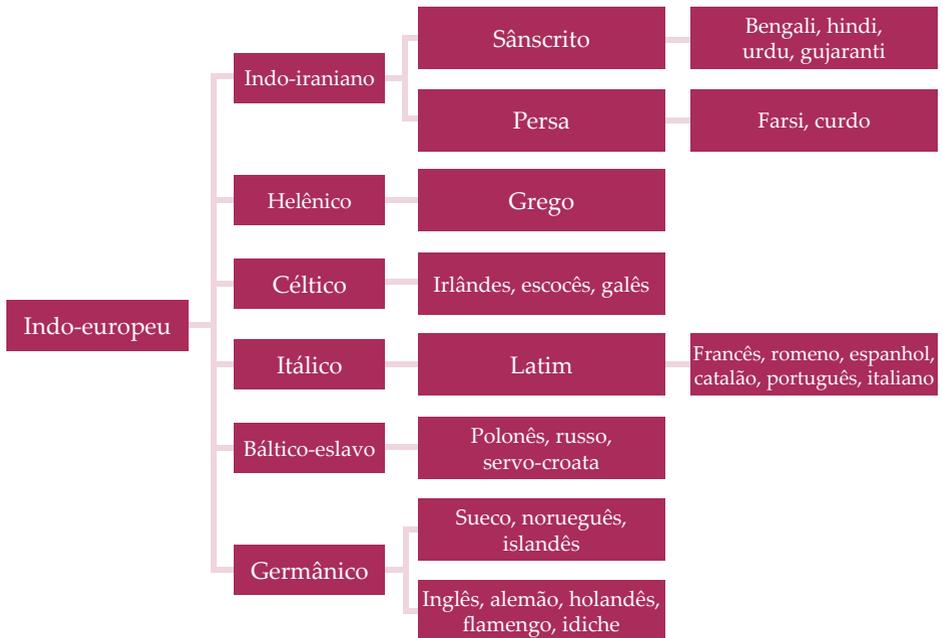
O percurso histórico da língua como objeto científico até o século XVIII permite um entendimento da constituição da disciplina gramatical, mais precisamente em relação às razões do ensino de língua voltado para a análise

de sua estrutura e nomenclatura. Os estudos da língua, da organização da Linguística como ciência, decorreram da observação e descrição de um modelo e seus respectivos paradigmas apontado por estudiosos da área (SPERANÇA-CRISCUOLO, 2014).

A partir do século XIX, os estudos linguísticos começaram a se distanciar da tradição gramatical e assumiram uma metodologia específica, estruturando a Linguística Moderna, no entanto, mantendo a referência na tradição gramatical. Nesse sentido, passou-se a privilegiar a comparação entre as línguas para deduzir princípios gerais de sua organização, buscando elementos comuns para explicar a natureza da linguagem. Surgiu a gramática histórico-comparativa, que apresentava a investigação das unidades lexicais gramaticais e sonoras das línguas.

As semelhanças fonéticas e morfológicas encontradas nas diversas línguas apresentavam uma ancestral em comum, a língua denominada indo-europeu, que havia sido utilizada na planície da Anatólia, atual Turquia, ou nas estepes da atual Ucrânia. Desse lugar, os habitantes teriam migrado para toda a Europa e originado o grego, o latim, o germânico e outros idiomas (BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PEARSON, 2014).

FIGURA 1 – GENEALOGIA DAS LÍNGUAS INDO-EUROPEIAS



FONTE: Biblioteca Universitária Pearson (2014, p. 9)

Os linguistas históricos não justificam as semelhanças entre as línguas como uma estrutura comum do pensamento presente em todas, mas como algo ocasionado pelos movimentos migratórios que incidiam no contato entre os diferentes povos. Outra situação apontada na época foi em relação à oralidade, percebendo em seus estudos que as mudanças na formação das palavras estavam relacionadas ao som. Assim, perceberam que todas as línguas se transformam com o passar do tempo, e tais transformações advêm da oralidade, do uso que as pessoas fazem da língua em seu cotidiano (BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PEARSON, 2014).

O suíço Ferdinand de Saussure, professor de linguística moderna, foi considerado o precursor do estruturalismo, iniciando a linguística moderna com um novo método de análise do estudo da língua. O estudioso Saussure apresentou a língua como “[...] um sistema de signos que deveria ser estudado em suas relações internas e em dado momento do tempo” (BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PEARSON, 2014, p. 12). Na área dos estudos linguísticos, Saussure resolve essa tensão traçando uma distinção entre “langue” (língua), uma estrutura abstrata, coletiva e homogênea, e “parole” (fala), o uso concreto, individual e variável dessa estrutura (BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PEARSON, 2014, p. 24).

Na concepção saussuriana, a língua consiste no sistema de signos que uma determinada comunidade utiliza para se comunicar, construída pela sociedade de forma geral. De modo geral, a linguística moderna se ocupou dos estudos da língua (sistema abstrato) e da fala (uso concreto desse sistema), denominada como uma “[...] ciência que estuda as línguas naturais tanto pela perspectiva de sua estrutura geral e abstrata como de seu uso individual e concreto” (BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PEARSON, 2014, p. 25).

Mais tarde, a ascensão do estruturalismo incidiu nos estudos sincrônicos das línguas, rompendo com as concepções da gramática tradicional, voltando-se, ainda, para a estrutura da língua. Houve avanços no campo da fonologia e sintaxe a partir da definição das classes de palavras por meio das análises e da formulação de regras sintagmáticas que apontavam para decomposição dos enunciados para descrever a estrutura da oração (AZEVEDO, 2001).

Na metade do século XX, o linguista americano Chomsky apresentou uma proposta que pretendia explicar os fenômenos subjetivos da linguagem que ainda não tinham sido contemplados. Apresentou destaque ao centralizar a sintaxe como unidade fundamental da gramática, seguido dos estudos da fonologia e morfologia. Contudo, sua versão se mostrou limitada por atribuir um único sistema, indicando a linguagem como um módulo mental autônomo (SPERANÇA-CRISCUOLO, 2014).

Os estudos funcionalistas, com pesquisas desenvolvidas na primeira metade do século XX, passaram a investigar a língua em sua totalidade, incluindo sua produção, enunciado e compreensão do significado. A partir de então, outras correntes de estudos surgiram, com enfoques específicos para o uso linguístico, das condições de produção e recepção dos enunciados e a subjetividade da linguagem.

De qualquer forma, admite-se que a organização dos elementos da língua é motivada não somente por características dos elementos linguísticos como também por fatores extralinguísticos, também constitutivos da natureza da linguagem, que interferem direta ou indiretamente em sua organização. A língua, vista como um sistema complexo, adapta-se constantemente às situações de uso, o que é contrário à ideia de um sistema fechado e autônomo (SPERANÇA-CRISCUOLO, 2014, p. 24).

O estudo da língua como objeto científico compreendeu um longo processo de descobertas que se iniciaram a partir da análise da sua estrutura, com a interferência de diversas teorias segundo as situações do uso e das necessidades de quem falava. Dessa forma, a língua compreende o meio pelo qual o indivíduo acessa às regras de funcionamento de uma sociedade, passando a conhecer sua ordem social (MATTOSO CÂMARA, 1975).

Para Mattoso Câmara (1975, p. 9), “a língua fica sendo, como unidade, uma estrutura ideal, que apresenta em si os traços básicos comuns a todas as suas variedades. É a invariante abstrata e virtual, sobreposta a um mosaico de variantes concretas e atuais”. A língua consiste no objeto da linguística que se constitui enquanto norma de todas as outras manifestações da linguagem.

3 LINGUAGEM E PENSAMENTO: UMA RELAÇÃO SEMIÓTICA

Para Vygotsky (2009), a criança em contato com um ambiente social enriquecido é conduzida a um desenvolvimento precoce das formas de comunicação. Nos primeiros meses de vida, a criança interage socialmente por meio das risadas, balbúcio, gestos e movimentos. Esses seriam as raízes pré-intelectuais da fala no desenvolvimento da criança, que não sustentam ligação com o desenvolvimento do pensamento.

Aos dois anos de idade, o desenvolvimento do pensamento e da fala, até então separados, coincidem para iniciar um novo comportamento mais humanizado. Nessa fase, a consciência se desperta no sentido da vontade de dominar a linguagem, o que leva a criança a sentir necessidade de saber os nomes das coisas e dos elementos do mundo. A criança inicia a ampliação de seu vocabulário que ocorre rapidamente, a compreensão da relação entre o signo e o significado diferencia do simples emprego de noções e associações. A exigência da criança em saber o nome de qualquer objeto se encontra vinculada à necessidade da descoberta do conceito geral e real da criança (VYGOTSKY, 2009).

Segundo Vygotsky (1997a, p. 73), “[...] o signo modifica as relações interfuncionais”, novas conexões que incidem mudanças na percepção. Sobretudo, quando o signo, enquanto algo externo ao homem, atua com um significado variável, como um instrumento que estabelece uma mediação entre o indivíduo com o objeto e com alguém. O instrumento é compreendido como algo que incide em uma ação sobre os objetos, que age nos objetos e os transforma; o signo como um regulador das ações que age sobre o psiquismo dos indivíduos. Ou seja, os

signos, assim como os instrumentos, operam nos indivíduos como ação social, seja na elaboração de algo para o bem comum, seja na interpretação de códigos utilizados por uma cultura social, seja na escrita, seja na leitura, seja na fala.

A presença social dos signos revela que o indivíduo, após o nascimento, desenvolve suas habilidades segundo as estimulações oferecidas por outros no meio cultural. Assim, assimila as formas sociais como algo para si mesmo porque os signos apresentam um meio de relação social mediada que influencia os que o cercam, depois se transforma em um meio de influência sobre si mesmo (VYGOTSKY, 1997b).

O estágio pré-intelectual compreende o início da linguagem desvinculada do pensamento e, em valores fonéticos, são isentos de significado. A criança, no decorrer da vivência no meio, interioriza a forma de agir do grupo cultural, incluindo a fala, que após ser aprendida evolui para a linguagem egocêntrica (ADRIANO, 2017).

A linguagem egocêntrica antecede o discurso interior, ou seja, as crianças, quando pequenas, fazem uso da linguagem de forma verbalizada, revelando os processos de fala do discurso interior. São aqueles momentos em que a criança fala sozinha, questiona, muitas vezes de forma incompreensível para quem a escuta. Na verdade, não estabelece uma conversa com ninguém à sua volta, os próprios colegas na idade da Educação Infantil o fazem semelhantemente (ADRIANO, 2017).

De certa forma, quando um indivíduo pergunta algo ao outro, a linguagem egocêntrica cessa após a resposta dada ou após a solicitação de algo ser realizada, e a criança retorna sua concentração para a atividade e, em pouco tempo, caso sinta a necessidade, retorna à “fala para si mesma”. Na interação com o outro, ou seja, a socialização da criança com os demais na Educação Infantil instiga o desenvolvimento das funções psíquicas superiores de uma forma coletiva para a individual, em que a criança, de forma gradativa, incorpora a linguagem (egocêntrica) exteriorizada que se torna discurso interior, uma ação intrapsíquica (ADRIANO, 2017).

Segundo Vygotsky (2009), a palavra formula a unidade que dá sentido às propriedades do pensamento, seu significado traduz a intenção do enunciado, ao contrário de uma palavra isenta de significado que se traduz como um aglomerado de fonemas. As palavras possuem significados generalizados pela cultura à qual pertencem, são conceitos posteriormente elaborados pelo pensamento que apresentam algum sentido no discurso a ele vinculado.

A linguagem utiliza as palavras para expressar o pensamento e, transformando-o em discurso, o pensamento se reelabora e se modifica na condição de se tornar palavra. No pensamento, há o uso de um número menor de palavras, que são “faladas” de forma predicativa, reduzida, porque os indivíduos possuem a consciência do assunto discutido (pensamento) (ADRIANO, 2017).

A velocidade da linguagem oral difere do discurso interior, em aspectos que preveem a intenção conduzida a alguém que precisa compreender o que está sendo exposto. Assim, a quantidade de palavras cresce na medida em que se explica algo a alguém quando, na forma de pensamento, são abreviadas ao ponto de aglutinar palavras. A rapidez na formação das orações chega ao ponto de predicalizar, inclusive, um conceito. O discurso escrito, pelo contrário, prevê uma ação complexa. Na ausência de quem recebe a mensagem, surge a necessidade de utilizar rascunhos para depois transcrever a mensagem de forma definitiva, avaliando estritamente o uso de palavras e combinações para que a mensagem final tenha sentido, exteriorizando o discurso interior (ADRIANO, 2017).

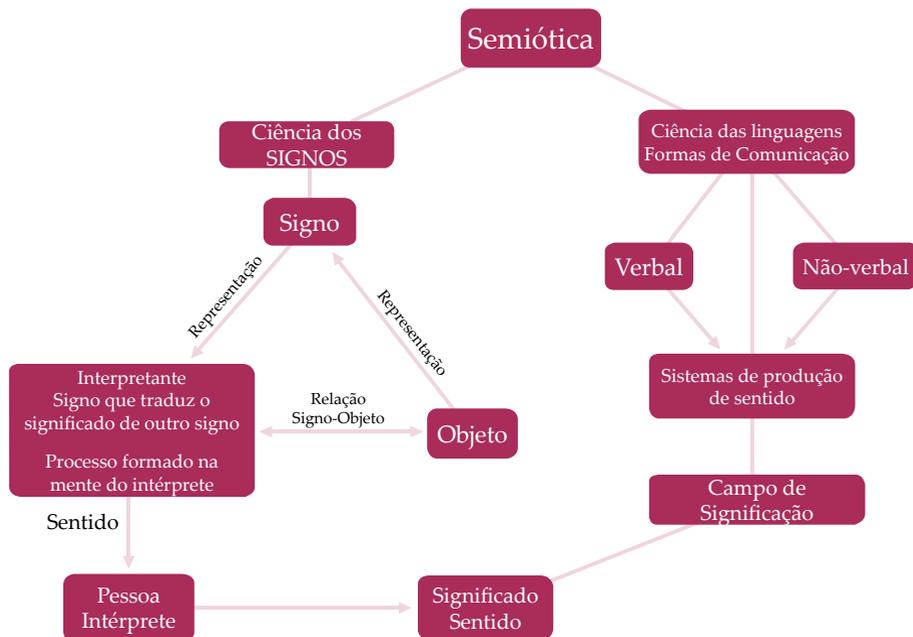
A linguagem se interioriza por meio da mudança de sua função, perpassando a linguagem exterior, linguagem egocêntrica e linguagem interior. Há diferenças entre o discurso interior e a linguagem exterior, acima de tudo, uma não precede a outra. O discurso interior consiste em uma linguagem predicativa e idiomática que não se traduz na “fala sem som”, o mesmo para a linguagem exterior que não sistematiza o “discurso interior mais som” (VYGOTSKY, 2009).

O discurso interior se transforma na linguagem exterior, uma vez que assume outra forma de expressão, elaborada com maior número de palavras necessárias para expressar ao receptor algo que este ainda não tem conhecimento. Para tanto, o uso da quantia de termos aumenta para além dos predicados que satisfaçam a compreensão do discurso interior de um indivíduo para se transformar e nascer como linguagem exterior na comunicação com o outro. O discurso interior constitui uma linguagem no pensamento vinculado à palavra. No pensamento verbal, a interação entre a palavra e o pensamento segue de forma paralela, visto que muitos pensamentos não se transformam em palavras, somente povoam a consciência (ADRIANO, 2017).

[...] a linguagem interior se desenvolve mediante um lento acúmulo de mudanças estruturais e funcionais; que ela se separa da linguagem exterior das crianças ao mesmo tempo que ocorre a diferenciação das funções social e egocêntrica da linguagem; por último, que as estruturas da linguagem dominada pela criança tornam-se estruturas básicas de seu pensamento (VYGOTSKY, 2009, p. 148).

O uso dos signos regula o desenvolvimento do comportamento, ou seja, a criança, ao conviver num grupo social, internaliza formas de comportamento observadas, transferindo para si as ações observadas dos outros. Vygotsky (1997b, p. 100) propõe que “o signo, no princípio, é sempre um modo de relação social, um modo de influência sobre os demais e tão somente depois se transforma em modo de influência sobre si mesmo”. No início, o signo expresso na forma da linguagem surge para a criança de forma socializada, quando reflete sobre o que observa, formulando a linguagem interior que se converte posteriormente em pensamento a fim de organizar seu desenvolvimento cultural.

FIGURA 2 – MEDIAÇÃO SEMIÓTICA



FONTE: <<http://vcbportefolio.blogspot.com/2014/01/leitura-de-texto-de-imagens-e-do-mundo.html>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

Para Vygotsky (2009, p. 122), “a essência do problema não está nos sons, mas no emprego funcional do signo, correspondente à fala humana”. O autor ainda afirma que a linguagem não se encontra exclusivamente na forma sonora, assim como os surdos que criaram e utilizam da linguagem visual.

O desenvolvimento do pensamento e o desenvolvimento da linguagem variam conforme os instrumentos de pensamento e da experiência sociocultural da criança. O desenvolvimento da linguagem interior depende de fatores externos, do domínio dos meios sociais. Por fim, o desenvolvimento não seria uma simples continuação do outro, ou das suas formas de agir, mas na mudança do próprio tipo de desenvolvimento, do biológico para o histórico-social (VYGOTSKY, 2009).

No aprendizado da linguagem como forma de interação social, a criança percebe o uso dos signos e o associa aos conceitos impressos socialmente. Assim, a criança surda aprende a se comunicar socialmente utilizando da linguagem de sinais como instrumento mediador, para internalização dos signos e seu significado conceitual.



Para saber mais sobre a teoria histórico-cultural e os conceitos referentes à ZDP e processos de aprendizagem conceitual, confira a obra "Contribuições da concepção histórico-cultural para a educação". Disponível em: <<http://editoraprismas.com.br/>>. Leia e amplie seus conhecimentos!



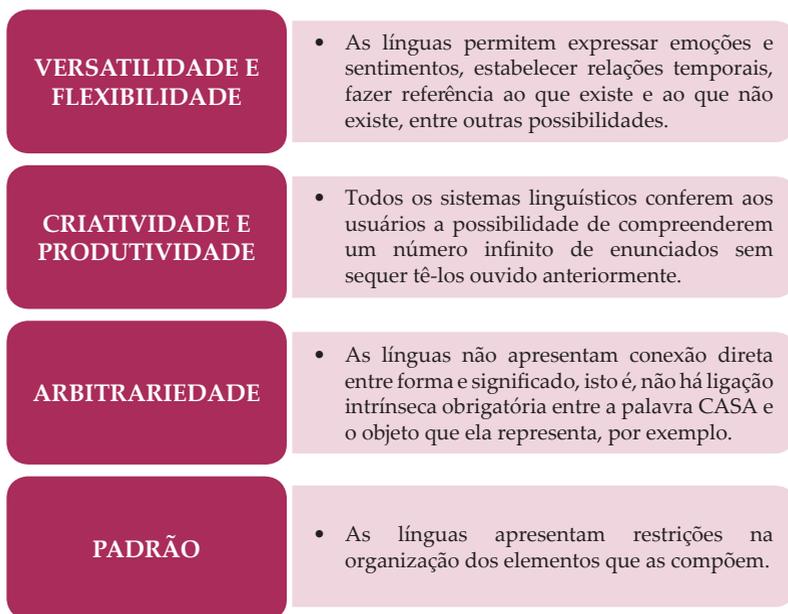
4 LINGUÍSTICA NA LÍNGUA DE SINAIS

O termo linguagem representa um sistema de comunicação qualquer que pode ser a linguagem de programação, matemática, corporal ou outra. Todavia, a língua se refere à materialização dessas formas de expressão por indivíduos que apresentam determinados traços culturais restritos a um espaço geográfico (BAGGIO; NOVA, 2017).

Chauí (2000) explicita as questões relacionadas à linguagem natural quando infere a linguagem como uma capacidade de expressão dos seres humanos de forma orgânica a partir do nascimento, em que os indivíduos dispõem do aparelho físico, anatômico, nervoso e cerebral que permite expressar a palavra. A língua seria algo convencional, surgido em meio às condições históricas, geográficas, econômicas e políticas de uma determinada cultura.

Nesse sentido, a linguagem humana ou natural seria “[...] aquela que pode ser desenvolvida espontaneamente pelo instrumental biológico e sensorial de que os seres são dotados, traduzindo-os em uma capacidade de expressão e reflexão por meio de signos” (BAGGIO; NOVA, 2017, p. 17).

FIGURA 3 – PROPRIEDADES INERENTES À LÍNGUA NATURAL



FONTE: Adaptado de Baggio e Nova (2017).

A área da linguística consiste no estudo científico das línguas naturais e humanas, com a língua natural como algo que inicia com o homem. Ambas se relacionam com os pensamentos dos filósofos, mais precisamente com Platão e Aristóteles (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Aristóteles era naturalista em relação às proposições e convencionalista quanto à formação das palavras, afirmava que as coisas eram infinitas e as palavras finitas, determinadas pelo homem, desenvolvendo a linguística estruturalista. Platão era naturalista em relação à constituição das palavras, concebia que a linguagem nascia com o homem (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Para entender os princípios que organizam a linguagem humana, seria necessário conhecer a faculdade da linguagem como um componente advindo da mente humana. A teoria que se ocupa desses estudos, denominada Gramática Universal (GU), busca descobrir os princípios e os elementos comuns das línguas humanas (QUADROS; KARNOPP, 2004).

A regularização de uma língua depende de sua efetiva utilização em nível nacional ou mundial. Sobretudo, quanto maior o índice de uso de uma determinada língua, mais ela é considerada viva, assim como ao contrário, seu uso reduzido a ameaça de extinção (SALLES et al., 2004).

A vivência nas instituições sociais revela as necessidades de um coletivo, formando territórios sociais que regularizam seu funcionamento. Assim, a internacionalização das relações políticas e econômicas é organizada por meio das línguas oficiais no âmbito dos Estados (SALLES et al., 2004).

Para Salles et al. (2004), as línguas naturais apresentam uma imensa diversidade, em média 20.000 termos que designam línguas, dialetos e tribos, sendo de 5.000 a 6.000 as línguas consideradas vivas. Assim, a definição de língua se associa a “[...] uma língua nacional, expressão do conjunto de manifestações culturais e artísticas de um povo e de uma geopolítica, a que se pode associar o papel de língua oficial e quadro de referência” (SALLES et al., 2004, p. 79).

Assim, a língua oficial apresenta um sentido de união e identificação cultural com funções institucionais e políticas. Aborda um quadro de referência que aponta

[...] a um conjunto de formas linguísticas prestigiadas no contexto social, também referido como norma padrão. A norma padrão pode favorecer a manutenção de valores que promovem a situação de prestígio de certas formas linguísticas em detrimento de outras, como práticas de exclusão social (SALLES et al., 2004, p. 79).

Nesse sentido, às vezes, duas ou mais línguas são consideradas como oficiais, o que justifica a convivência de povos e etnias dividindo o mesmo território sob um mesmo sistema político. Em meio a essa condição, emergem as condições psicossociais específicas, ocasionando o surgimento do bilinguismo ou multilinguismo (SALLES et al., 2004).

Para Cristal (1996), o bilinguismo seria um fenômeno com aspectos complexos que envolvem questões de proficiência, regularidade e frequência de uso, juntamente com a função de uso referente às pressões sociais ou interesse pessoal. De modo geral, a língua se encontra intimamente conectada às relações sociais de um determinado povo. Na interação verbal, a língua seria o instrumento da ação social, como reguladora do comportamento verbal, que indicaria a cooperação, relevância, operações cognitivas de raciocínio e inferência.

Salles et al. (2004) afirmam que na dinâmica social o fenômeno das línguas e variedades em contato inclui as comunidades minoritárias. Ou seja, as comunidades de surdos apresentam referenciais culturais e linguísticos próprios ao mesmo tempo que compartilham com os ouvintes os referenciais da cultura nacional e da cidadania.

O estudo da linguística parte de alguns pressupostos que restringem a linguagem em determinados princípios, ou regras, que fazem parte do conhecimento humano. Nesse sentido, atuam ainda na produção oral ou visuo-espacial, segundo a modalidade das línguas, falada ou sinalizada, na formação de palavras, construção de sentenças ou de textos (QUADROS; KARNOPP, 2004).

As línguas apresentam algumas diferenças, contudo não interferem nas estruturas que demonstram aspectos comuns na linguagem humana. Assim, as áreas de estudo da linguagem humana se ocupam da fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Inclui ainda as áreas interdisciplinares, como a sociolinguística, a psicolinguística, a linguística textual e a análise do discurso (QUADROS; KARNOPP, 2004). Nesse livro nos ocuparemos dos estudos relacionados à morfologia, precisamente à língua de sinais.



Indicamos a leitura da obra "Libras? que língua é essa?", para ampliar seus conhecimentos referentes ao assunto. O objetivo desse livro é pensar algumas questões relativas à surdez, num momento oportuno e particularmente pertinente, quando decisões políticas têm propiciado um olhar diferenciado para as minorias linguísticas no Brasil. Os discursos sobre o surdo, a língua de sinais e a surdez "abrem-se" para dois mundos desconhecidos entre si: o do surdo em relação ao mundo ouvinte e o do ouvinte em relação ao mundo surdo.



5 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

A variação linguística infere sobre as mudanças que ocorrem no uso da língua relacionado ao espaço, tempo e situação de comunicação, denominadas como variantes linguísticas ou variedades linguísticas, que também ocorrem na Língua Brasileira de Sinais – Libras. A variação linguística acontece em todos os níveis de funcionamento da linguagem, determinada pelo modo de como cada um usa a língua nas situações de comunicação. A variedade cultural de cada comunidade linguística, região, idade, nível de escolaridade e profissão pode interferir na forma de comunicação. Um exemplo seria a Língua Portuguesa com sua variação desde o léxico (uso de diferentes expressões para nomear a mesma coisa) como no sotaque (BAGGIO; NOVA, 2017).

As variantes de prestígio designam a norma culta padrão, enquanto que as variantes estigmatizadoras, os dialetos, ambas não apresentam uma hierarquia linguística. No entendimento dos estudos da linguística não há relação de superioridade ou inferioridade, a escolha de uma variante de prestígio sobre a variante estigmatizadora ocorre na opção sociopolítica e econômica de quem as utiliza (BAGGIO; NOVA, 2017).

As variedades linguísticas seriam, então, as diversas formas de se dizer a mesma coisa, no contexto generalizado e com igual valor de verdade. Baggio e Nova (2017) classificam as variedades linguísticas em dois tipos: dialetos e registros.

FIGURA 4 – CLASSIFICAÇÃO DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS

DIALETOS	REGISTROS
<ul style="list-style-type: none"> • Ocorrem em função do falante, da pessoa que utiliza a língua. • Fazem parte da variação dialetal as variações regionais, sociais, etárias e profissionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ocorrem em decorrência do uso da língua e dependem do receptor, da mensagem e da situação de comunicação. • Relaciona-se ao grau de formalismo no uso da língua, modalidade do uso da língua e sintonia.

FONTE: Adaptado de Baggio e Nova (2017).

Na Libras também ocorrem variações linguísticas que, segundo Strobel e Fernandes (1998), sofrem mudanças ao serem influenciadas pelos fatores regionais, sociais e históricos. As variações regionais advêm da relação com o lugar onde o sinal será utilizado, ou seja, algumas vezes os sinais diferentes são utilizados para o mesmo significado, dependendo da região.

As variações sociais condizem com a configuração das mãos e/ou ao movimento, dependendo de como o emissor utiliza o sinal. Por fim, as variações históricas seriam as modificações que o sinal pode sofrer com o passar do tempo, segundo os costumes da geração que o utiliza (STROBEL; FERNANDES, 1998).

Strobel e Fernandes (1998) apontam sobre as variações linguísticas na Libras, em que há pelo menos uma língua de sinais usada nas comunidades surdas de cada país, diferente da utilizada na mesma área geográfica. Tal fato ocorre porque essas línguas são independentes das línguas orais, enquanto produções internas das comunidades surdas. Nesse sentido, a Libras apresenta alguns dialetos regionais intensificando seu caráter de língua natural.

RESUMO DO TÓPICO 1

- A história dos estudos linguísticos no Ocidente se inicia com os gregos no século V a.C., com as primeiras investigações sobre a natureza da linguagem com caráter filosófico.
- Na Idade Média, no século IV, Donato apresentou pesquisas em fonética com a comparação do latim com o grego, e os estudos de Prisciano no século V propuseram a primeira definição de sintaxe do Ocidente, referente à disposição que pretende obter uma oração perfeita.
- No Renascimento, nos séculos XV a XVIII, surgiram as gramáticas das línguas vernáculas, como a Gramática de *La Lengua Castellana* (Antonio de Nebrija), Gramática da Linguagem Portuguesa (Fernão de Oliveira) e a Gramática de João de Barros, ambas inspiradas nas gramáticas clássicas.
- A partir do século XIX, os estudos linguísticos começam a se distanciar da tradição gramatical e assumiram uma metodologia específica, estruturando a Linguística Moderna, mantendo, ainda, a referência na tradição gramatical.
- O suíço Ferdinand de Saussure, professor de linguística moderna, foi considerado o precursor do estruturalismo, iniciando a linguística moderna com um novo método de análise do estudo da língua.
- Na metade do século XX, o linguista americano Chomsky apresentou uma proposta que pretendia explicar os fenômenos subjetivos da linguagem que ainda não tinham sido contemplados.
- Os estudos funcionalistas, com pesquisas desenvolvidas na primeira metade do século XX, passaram a investigar a língua em sua totalidade, incluindo sua produção, enunciado e compreensão do significado.
- Para Vygostky (2009), a criança em contato com um ambiente social enriquecido é conduzida a um desenvolvimento precoce das formas de comunicação.
- A presença social dos signos revela que o indivíduo, após o nascimento, desenvolve suas habilidades segundo as estimulações oferecidas por outros no meio cultural.
- O desenvolvimento do pensamento e o desenvolvimento da linguagem variam conforme os instrumentos de pensamento e da experiência sociocultural da criança.
- No aprendizado da linguagem como forma de interação social, a criança percebe o uso dos signos e os associa aos conceitos impressos socialmente.
- A área da linguística consiste no estudo científico das línguas naturais e humanas, a partir da língua natural como algo que inicia com o homem.
- A regularização de uma língua depende de sua efetiva utilização em nível nacional ou mundial.
- As línguas apresentam algumas diferenças, contudo não interferem nas estruturas que demonstram aspectos comuns na linguagem humana.
- A variação linguística infere sobre as mudanças que ocorrem no uso da língua relacionado ao espaço, tempo e situação de comunicação, denominadas como variantes linguísticas ou variedades linguísticas, o que também ocorre na Língua Brasileira de Sinais – Libras.
- As variações regionais advêm da relação com o lugar onde o sinal será utilizado, ou seja, algumas vezes, os sinais diferentes são utilizados para o mesmo significado dependendo da região.

AUTOATIVIDADE



1 O processo de construção da língua enquanto objeto científico, até o século XVIII, se baseou numa constituição da disciplina fundamentada na gramática. Mais especificamente, relacionada ao ensino da língua voltado à análise de sua estrutura e nomenclatura. Analise a concepção dos estudos linguísticos a partir do século XIX, quando uma nova concepção surge, e assinale a alternativa CORRETA:

- a) () Inicia o distanciamento dos estudos exclusivamente gramaticais e assume uma metodologia científica que estrutura a linguística moderna.
- b) () Reiteram os estudos sobre a fonologia das palavras para estruturar a organização gramatical e oferecer o suporte conceitual para sua formação.
- c) () Surge a linguística moderna, que aponta a gramática como forma de estudo da língua e prossegue com os estudos do século anterior.
- d) () Começaram a privilegiar a língua materna para deduzirem os princípios gerais de sua organização e justificando a natureza da linguagem.

2 Segundo Vygotsky (2009), a criança, quando entra em contato com o ambiente social, desenvolve as formas de comunicação. Nos primeiros meses a criança interage por meio de risadas, balbucios, gestos e movimentos; a partir dos dois anos, inicia o desenvolvimento do pensamento e da fala. Reflita sobre a função do signo no processo de desenvolvimento da linguagem na criança. Analise as sentenças a seguir:



FONTE: VYGOTSKY, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

- I - A criança amplia seu vocabulário quando compreende a relação entre o signo e o seu significado.
- II - O signo altera as relações interfuncionais, gerando novas conexões que promovem mudanças na percepção social.
- III- O signo seria o objeto transformado que não atua na regulação das ações e pensamento dos indivíduos.
- IV- O signo atua nos indivíduos como ação social e na interpretação de códigos utilizados pela cultura social.

Agora, assinale a alternativa CORRETA:

- a) () I – II – III.
- b) () I – II – IV.
- c) () I – III – IV.
- d) () II – III – IV.



DEFINIÇÃO DE MORFOLOGIA

1 INTRODUÇÃO

Neste tópico estudaremos sobre os aspectos referentes à definição de morfologia, o que inclui conceitos básicos a respeito da Língua Portuguesa e Libras. Observaremos que o termo morfologia, primeiramente empregado nas ciências da natureza, foi incorporado como elemento da gramática ao descrever a forma ou a estrutura interna das palavras.

Ademais, conheceremos os tipos de morfemas que existem na Língua Portuguesa, compostos por um radical e afixos. Contudo, há alguns tipos de morfemas que influenciam a formação de palavras, como os morfemas aditivos, reduplicativo, alternativo, zero e substantivo. Também estudaremos sobre os alomorfes e como se apresentam na Língua Portuguesa, referente à variação e à forma das palavras. Mais precisamente, quando um morfema representado por morfes e configurações fonéticas diferentes, ou seja, quando um mesmo morfema aparece foneticamente de diversas formas.

Por fim, apresentaremos os tipos de classes de palavras diferentes, enquanto grupos unidos de acordo com uma determinada estrutura morfológica e sintática. Esse grupo será composto por substantivos, artigos, adjetivos, numerais, pronomes, advérbios, preposições, conjunções e interjeições

2 CONCEITOS BÁSICOS DE MORFOLOGIA: DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LIBRAS

O termo morfologia foi empregado primeiro nas ciências da natureza, nos estudos da botânica e geologia. Sua constituição apresenta os seguintes elementos: *morfo* e *logia*, que provêm do grego *morphé*, respectivamente *forma* e *estudo*. Para a linguística, a morfologia consiste no elemento da gramática que descreve a forma ou a estrutura interna das palavras (NIDA, 1970).

Para Guimarães (2015), os signos linguísticos são formados por dois elementos fundamentais, a sequência sonora (significante) e um conceito (significado). Como exemplo, a palavra *nacionais*, o morfema *nacion-* indica o significado básico associado à ideia de *nação*. Contudo, seguido da sequência final *-ais* a palavra indica um adjetivo, decorrente do sufixo *-al* que se encontra no plural *-s*.

Os morfemas podem ser divididos, mas não revelam signos linguísticos porque não há significado. Usando o exemplo do morfema *nacion-*, há seis sons da língua /n/, /a/, /s/, /i/, /o/, /n/ que precisam ser combinados exatamente nessa ordem para que formem esse morfema, com o conceito relativo a *nação*. Assim, caso ocorra a troca de um dos fonemas, por exemplo do /n/ por /r/, o significado será alterado no surgimento de um outro significado, a palavra *racionais*.

Nesse sentido, Guimarães (2015, p. 40) explica que “essas unidades sonoras que não têm significado em si, mas exercem papel distintivo no sistema da língua, diferenciando um morfema do outro, são denominadas fonemas”. Em suma, há três primeiras unidades para descrição gramatical, que consiste no fonema, morfemas e as palavras.

FIGURA 5 – UNIDADES DE DESCRIÇÃO GRAMATICAL

Nacionais								Palavra	
Nacion-						-al	-s	Morfemas	
/n/	/a/	/s/	/i/	/o/	/n/	/a/	/i/	/s/	Fonemas

FONTE: Guimarães (2015, p. 41).

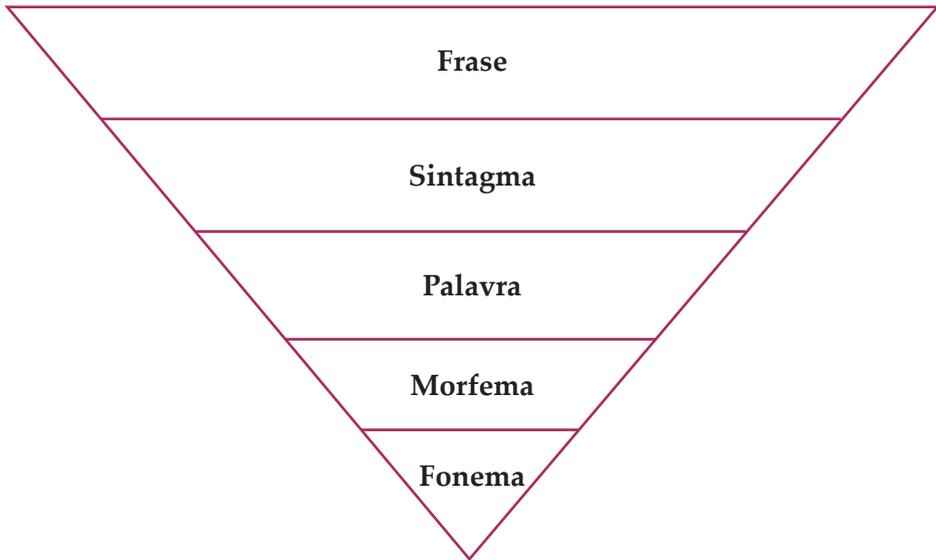
A frase consiste no arranjo de palavras organizadas por blocos que formam unidades significativas que só fazem sentido quando integradas em uma frase. Esses blocos são denominados de sintagmas, são mais amplos do que as palavras e, ao mesmo tempo, só fazem sentido quando integrados no todo da frase.

FIGURA 6 – UNIDADES DE DESCRIÇÃO SUPERIORES À PALAVRA

Festival de arte cênicas traz atrações nacionais e internacionais ao Rio.									Frase	
Festival de arte cênicas				traz	atrações nacionais e internacionais				ao Rio.	Sintagmas
Festival	de	artes	cênicas	traz	atrações	nacionais	e	internacionais	ao Rio.	Palavras

FONTE: Guimarães (2015, p. 42).

FIGURA 7 – AS CINCO UNIDADES DA DESCRIÇÃO TEXTUAL



FONTE: Guimarães (2015, p. 42).

A palavra *nacionais* é composta por três morfemas: um com significado básico representado pelo radical *nacion-*, outro que o distingue enquanto adjetivo por meio do sufixo *-al*, e outro que aponta o plural na desinência *-s*. Nesse sentido, o radical apresenta significação externa, relacionada à objetividade, e o sufixo e a desinência com significação interna, segundo as necessidades internas da língua. Guimarães (2015) apresenta dois tipos de morfemas:

Morfemas lexicais – com significação externa, entram em composição com palavras lexicais ou lexemas, constituindo palavras isoladas, como em *arte*, ou associados a morfemas gramaticais, como em *artista*.

Morfemas gramaticais – isentos de significação externa, servem de base na formação de palavras gramaticais: *de*, *para*, *o*, *um*, *teu*, ou ainda, agregam-se aos morfemas lexicais para indicar flexões e derivações como em *artista*, *caquis* e *preconcebido*.

FIGURA 8 – MORFEMAS LEXICAIS E GRAMATICAIS



FONTE: Guimarães (2015, p. 44).

Segundo Rosa (2011), há seis princípios para identificar os morfemas de uma língua:

- Constitui um morfema único, e as formas que apresentam de forma distinta a semântica comum e fonêmica idênticas em todas as suas ocorrências.
- Formas que apresentam a distinção semântica comum, mas diferente na forma fonêmica, podem constituir um morfema, desde que a distribuição de diferenças formas seja fonologicamente percebida.
- Formas que apresentam a distinção semântica comum, mas que diferem na forma fonêmica, quando, na sua distribuição, não são fonologicamente definidas, e constituem um morfema único se ocorrem distribuídos de forma complementar segundo as restrições:
 - Ocorrência nas mesmas séries estruturais com precedência sobre a ocorrência em diferentes séries estruturais na determinação da apresentação do morfema;
 - Distribuição complementar em séries estruturais diferentes com base na combinação de possíveis alomorfes em um morfema apenas, isso se também ocorrer nessas séries estruturais diferentes um morfema que pertença à mesma classe de distribuição, como as séries alomórficas em questão, e que tenha apenas um alomorfe ou alomorfes definidos fonologicamente;
 - Ambientes táticos imediatos com precedência sobre ambientes táticos não imediatos na determinação da apresentação morfêmica;
 - Contraste com o ambiente distribucional idêntico pode ser tratado como sub-morfêmico se a diferença no significado dos alomorfes reflete a distribuição dessas formas.
- Um morfema constitui uma diferença formal explícita quando em qualquer membro dessa série a diferença formal explicitar uma diferença estrutural zero, como únicos traços para distinguir uma unidade mínima de distintividade fonético-semântica.
- As formas homótonas são identificadas como o mesmo morfema ou como morfemas diferentes com base nas condições:
 - *formas homótonas* com significados nitidamente diferentes constituem morfemas diferentes;
 - *formas homótonas* com significados relacionados constituem um único morfema se as classes de significados são colocadas em paralelo pelas diferenças distribucionais, constituindo múltiplos morfemas se as classes de significado não puderem ser postas em paralelo pelas diferenças distribucionais.
- Um morfema é isolável quando ocorre sob as seguintes condições: em isolado; em combinações múltiplas, pelo menos em um unidade com que se combina ocorrer em isolado ou em outras combinações; em uma combinação única desde que o elemento com o qual se combina ocorra em isolado ou em outras combinações com constituintes não únicos.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 19), morfologia é o

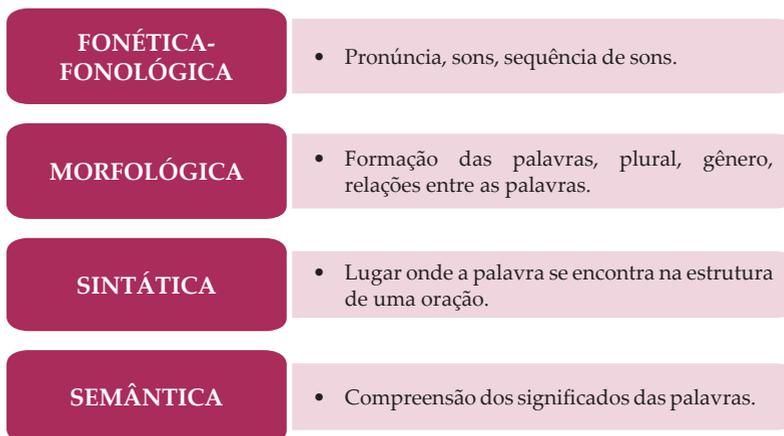
[...] estudo da estrutura interna das palavras, ou seja, da combinação entre os elementos que formam as palavras e o estudo das diversas formas que apresentam tais palavras quanto à categoria de número, gênero, tempo e pessoa. Uma das questões que a morfologia busca responder é: O que nós sabemos quando conhecemos uma palavra?

Os morfemas são estudados segundo seu nível morfológico, assim, a morfologia, de forma geral, estuda as relações que ocorrem entre a forma e o sentido dos morfemas e das palavras. Segundo Guimarães (2015), a morfologia se ocupa do estudo:

- **Estrutura e a formação de palavras** – consistem em informações sobre os tipos de morfemas: radical, sufixo, prefixo, desinências e outros, juntamente a processos de formação de palavras da língua portuguesa, derivação, composição, empréstimo e outros.
- **Classificação das palavras** – definição das palavras em substantivo, adjetivo, verbo, pronome, advérbio, preposição, conjunção, artigo, numeral ou interjeição.
- **Flexão das palavras** – os substantivos, adjetivos, verbos, artigos, alguns pronomes e numerais alteram suas formas para expressarem noções relacionadas à pessoa, ao gênero ou ao número.

Nesse sentido, há diversos tipos de informações necessárias para a identificação e compreensão de uma palavra, como a informação fonética/fonológica, morfológica, sintática e semântica.

FIGURA 9 – ELEMENTOS QUE IDENTIFICAM A PALAVRA



FONTE: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004).

As unidades das palavras são denominadas de morfemas, e as palavras podem se constituir enquanto simples ou complexas, dependendo da combinação de no mínimo dois morfemas. Para Castilho (2010, p. 51),

O morfema é a unidade mínima da estrutura gramatical. Ele associa os dois polos do signo linguístico, o significante e o significado, de acordo com a conhecida formulação saussuriana. Um morfema também é definido como o segmento maior que o fonema e menor que a palavra.

A morfologia apresenta como pressuposto de estudo o radical, a vogal temática, os afixos e as desinências, estas seriam segmentos superiores ao fonema e inferiores à palavra na hierarquia da construção de uma oração. Envolve também a construção dos verbos, nomes substantivos, adjetivos e adverbiais, e as demais classes de palavras (HENRIQUES, 2011).

FIGURA 10 – ESTRUTURA DAS PALAVRAS



FONTE: Adaptado de Henriques (2011).

Os vocábulos são formados por combinações de diferentes morfemas que consistem em radicais, afixos (sufixos e prefixos) e desinências, elementos que compõem uma palavra. De forma geral, os radicais seriam os morfemas chamados de base, a parte fixa das palavras que determina a ideia básica de tal palavra. Os afixos são morfemas que aparecem antes (prefixo) ou depois (sufixo) dos radicais, são posicionados no início ou no final das palavras. E as desinências são morfemas acrescentados ao radical para indicar flexão (FAUSTINO; FEITOZA, 2016).

A junção dos morfemas-base com os afixos gera novas palavras. Sua produção se encontra em constante evolução por estarem associados à língua, que se constitui como um processo social promovido pelos falantes. Assim, alguns vocábulos deixam de ser usados, e mesmo existindo nos dicionários, não condizem com o contexto social do cotidiano das pessoas. (FAUSTINO; FEITOZA, 2016).

Os prefixos consistem em particularidades que antecedem o radical e modificam seu significado, emprestando seu significado a outro radical. Os sufixos apresentam uma variedade de possibilidades de significados, pois estabelecem relações semânticas com suas origens e são classificados em morfossintático e semânticos (FAUSTINO; FEITOZA, 2016).

Do tipo morfossintático, os sufixos podem ser, de acordo com Faustino e Feitoza (2016):

- **Nominal** – aglutinado a um radical que origina um substantivo ou adjetivo -*pont-eira*, *pont-udo*.
- **Verbal** – ligado a um radical que origina um verbo - *suav-izar*, *amanh-ecer*.
- **Adverbial** – acrescido o sufixo [mente] a uma forma feminina de um adjetivo -*bondosa-mente*, *franca-mente*.

O tipo semântico classifica os sufixos segundo sua função, pontuam Faustino e Feitoza (2016):

- **Formação de substantivos a partir de outros substantivos** – sufixos aumentativos e diminutivos que constroem coletivos, agentes, nomes de ideologia e outros. O principal sufixo formador consiste no *-ada* usado para unir substantivos relativos a pessoas, como *criançada*, *rapaziada*. Outros constroem nomes de lugares com bases nominais utilizando sufixo *-aria*, *-ario* ou *-eiro*, como em *peixaria*, *cenário*, *banheiro*. Os substantivos abstratos simbolizam um significado intermediário entre a ação e a qualidade, como no uso do sufixo *-agem*, que forma nomes de ação como *triagem*, e substantivos de atitude como *malandragem*. Por fim, o sufixo *-ismo* com significado que se une a substantivos para formar outros substantivos que designam ideologias como *capitalismo*, *socialismo* e atitudes como *exclusivismo*, *individualismo*.
- **Formação de substantivos a partir de adjetivos** – indicam sentido de propriedade, qualidade ou estado. Consistem em adjetivos abstratos designativos de estado e como regra geral são femininos: *-idade*, *-ez*, *-eza*, *-ura*, *-dão*, *-tude*, *-ice*. O sufixo

-i é o mais comum na construção de substantivos abstratos de estado e se une à maioria dos adjetivos como em *idade*, *intimidade*. Outro sufixo comum seria o *-ura*, que se une a adjetivos e verbos como em *fritura*, *licenciatura*.

- **Formação de substantivos a partir de verbos** – são classificados como abstratos de ação ou resultado a partir dos sufixos *-ção*, *-mento*, *-agem*, *-ncia*, e designativos de lugar em que acontece a ação: *-ório*, *-tório*. Esses substantivos conservam o significado com a base verbal.
- **Formação de adjetivos a partir de substantivos ou outros adjetivos** – apresentam sentido em relação a algo, e suas bases designativas estão ligadas a nomes de continentes, países, estados e cidades brasileiras. Representa o local de origem ou nacionalidade: *-ano*, *-ense*, *-ês*, como em *angolano*, *paraense*, *português*.
- **Formação de adjetivos a partir de verbos** – constituídos por *-nte*, *-ivo*, *-vel*. O sufixo *-nte* constrói substantivos e adjetivos com o significado de agente ou instrumento de ação expressa pelo verbo primitivo, como em *duramente*, *facilmente*. O sufixo *-ivo* apresenta um significado relacionado à ação que o verbo expressa, como em *evolutivo*, *aquisitivo*. E o sufixo *-vel* origina adjetivos com o significado semelhante a ‘passível de’, por exemplo, *aplicável*, *visível*.
- **Formação de advérbios a partir de adjetivos e substantivos** – demonstra a noção de qualidade, quantidade, tempo, lugar e outros, dependendo do contexto em que será usado. O sufixo *-mente* seria o único que permite a formação de advérbios.
- **Formação de verbos a partir de adjetivos e substantivos** – são de primeira conjugação *-izar*, *-ezar*, com exceção do sufixo *-ecer*.
- **Aumentativos** – usados no sentido pejorativo e agressivo, ou em atributos de boa forma, dependendo do caso, ambos utilizam o sufixo *-ão*.
- **Diminutivos** – relacionados ao sentido de carinho e ternura, mas também podem evidenciar estados pejorativos quando associados a linguagem coloquial, são *-inho*, *-zinho*.
- **Superlativos** – acentua uma qualidade para que seja interpretada maior que se espera de algo, uso dos sufixos *-íssimo*, *-érrimo*.

Tafner (2011) cita as desinências como morfemas colocados após os radicais, e podem se classificar em nominais ou verbais. As desinências nominais indicam gênero (feminino, masculino) e número (singular, plural) dos nomes (adjetivos, substantivos). As desinências verbais apontam as formas verbais como modo, tempo, número e pessoa. E as desinências verbo-nominais apontam as formas nominais do verbo, infinitivo, gerúndio e o particípio, encontradas pelas desinências *-r*, *-ndo*, *-do*.

QUADRO 1 – DESINÊNCIAS NOMINAIS, VERBAIS E VERBO-NOMINAIS

DESINÊNCIAS		
NOMINAIS	gênero	masculino (-o) feminino (-a)
	número	singular (não há) plural (-s)
VERBAIS	de tempo e modo	-va, -ve: imperfeito do indicativo, 1ª conjugação (amava) -ia, ie: imperfeito do indicativo, 2ª e 3ª conjugações (partia) -ra, re: mais - que - perfeito do indicativo (átone) (amara) -sse: imperfeito do subjuntivo (amasse) -ra,-re: futuro do presente do indicativo (tônico) (amará), amaremos) -ria, rie: futuro do pretérito do indicativo (amaria) -r: futuro do subjuntivo (quiser) -a: presente do subjuntivo, 1ª conjugação (peça) -e: presente do subjuntivo, 2ª e 3ª conjugação (ame) -u: pretérito perfeito do indicativo (amou)
	de número e pessoa	-o: 1ª pessoa do singular, presente do indicativo (amo) -s: 2ª pessoa do singular (amas) -mos: 1ª pessoa do plural (amamos) -is, -des: 2ª pessoa do plural (amais, amardes) -m: 3ª pessoa do plural (amam)
VERBO-NOMINAIS	-r: infinitivo -ndo: gerúndio -do: particípio regular	

FONTE: Tafner (2011, p. 7).

Felipe (1997) pontua que, apesar da palavra fonema fazer referência ao som/voz, na Libras indicará a concepção de unidade mínima, seguindo a base dos estudos da fonologia. Dessa forma, para realizar um sinal se faz necessário utilizar vários aspectos representados na ideia de fonemas dos sinais de Libras. As unidades mínimas seriam compostas pelos elementos que configuram um sinal; configuração de mãos (CM), ponto de articulação (PA), direcionalidade (DIR), movimento (M) e expressões não manuais.

Nesse sentido, pode-se afirmar que as cinco partes menores formam um sinal, e que na ausência de um dos parâmetros o sinal aponta uma falta. Felipe (1997) infere a combinação dos cinco parâmetros para formar um item lexical na Libras, e a partir desse pressuposto, compreende-se o morfema na Libras e o surgimento de novos sinais. Os morfemas lexicais ou gramaticais podem ser raiz/radical (M), afixo (alterações em M e CM) e desinência, como marca de concordância, número pessoal (DIR) ou de gênero (CM).



A obra explica como as relações morfológicas da língua se estruturam e se organizam no português. Depois de uma exposição didática e acessível do histórico da morfologia e da formação do léxico, o autor se detém na análise dos processos de formação de palavras, com ênfase especial na derivação sufixal. Os últimos capítulos são dedicados à intrincada relação entre derivação e flexão, um dos problemas mais estudados e controvertidos dos estudos morfológicos



3 OS TIPOS DE MORFEMAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

As formações das palavras, de forma geral, são compostas por um radical e afixos. Contudo, a análise de línguas diferentes apresentou que os processos morfológicos podem ocorrer de outros tipos. Dessa forma, há alguns tipos de morfemas que contribuem para formação de palavras, como o morfema aditivo, o reduplicativo, o alternativo, zero e o substantivo (ROSA, 2011).

FIGURA 11 – TIPOS DE MORFEMAS



FONTE: Adaptado de Rosa (2011).

Os **morfemas aditivos** são tranquilamente encontrados pela análise morfológica, representando os radicais e os afixos. A raiz ou radical primário seria o elemento mínimo de significado lexical, caso seja ampliado por derivação ou composição, formando o radical ou radical secundário. Como exemplo, na palavra *transformar* se tem o radical, ou radical secundário, *transfm-*, retirando o prefixo *trans-*, permanece a raiz ou radical primário *form-*. Rosa (2011, p. 51) alerta que “[...] no estudo de palavras encontra-se muitas vezes o termo base em lugar de raiz ou de radical ou ainda de palavra”.

Os afixos são elementos distinguidos pela posição que ocupam em relação à raiz, caracterizados pelos prefixos que a antecedem, como *re-* em *reler*, e os sufixos que a seguem, como *-al* em *arrozal*. A morfologia das línguas geralmente predomina em apenas um desses dois tipos de afixos. Contudo, há tendência entre as línguas para o uso de maior número de sufixos (ROSA, 2011).

O **morfema reduplicativo** se expressa não como um afixo de variadas formas, mas enquanto modificação da raiz, na repetição de toda ela ou de parte. Por exemplo, na língua pidgin da Nova Guiné, que apresenta a reduplicação da sílaba final, como exemplo, *lapan* significa velho, mas *lapunpum* significa muito velho. Na língua austronésia, falada em Samoa, há outros exemplos de reduplicação, mas propriamente quando a palavra passa do singular ao plural (ROSA, 2011).

FIGURA 12 – LÍNGUA AUSTRONÉSIA

manao ¹⁶	'quer'	'mananao'	'querem
matua	'é velho'	'matutua'	'são velhos
malosi	'é forte'	'malolosi'	'são fortes
punou	'retesa'	'punonou'	'retesam
pese	'canta'	'pepese'	'cantam
alofa	'ama'	'alolofa'	'amam
galue	'trabalha'	'galulue'	'trabalham
maliu	'morre'	'maliliu'	'morrem

FONTE: Rosa (2011, p. 54).

O conjunto de significados expressos na reduplicação são limitados, por exemplo, nos nomes de forma geral que indicam a pluralidade, formas diminutivas ou aumentativas. Nos verbos, a reduplicação indica diferenças no seu aspecto como nos imperfeitos, perfeitos que representam um estado, distributivos, interativos, e ainda na forma do plural (ROSA, 2011).

O **morfema alternativo** se expressa na mudança da estrutura fônica da raiz, na alternância da qualidade ou quantidade de vogais, consoantes, acento ou tom, como no exemplo digo – dizes. Há alguns exemplos clássicos desses morfemas nas línguas flexivas, representadas na apofonia e metafofia, enquanto processos de alternância de vogais no interior de uma raiz. Esse modo de representação ocorre na linguística histórica, no grego clássico a alternância entre -e marca o presente, sendo que o -o juntamente à reduplicação, aponta o perfeito: *leipo / leipoia*, no português encontra-se em casos como *fiz / fez* (ROSA, 2011).

FIGURA 13 – SUPLETIVISMO



Vaca é feminino de boi?

A literatura linguística refere exemplos como *boi/vaca, sou/fui/era* sob a denominação **supletivismo**, que é a alteração máxima que se poderia aplicar a uma raiz: substituí-la por outra forma. Uma alternativa a esse enfoque flexional é considerar que estamos diante de itens lexicais diferentes, relacionados semanticamente, cada um expressando diferentes propriedades.

O motivo que levou à inclusão desses casos entre os fenômenos flexionais nos estudos gramaticais foi, justamente, o estudo de línguas morfologicamente muito flexionadas como o latim, o grego e o sânscrito. Na medida em que lidava com línguas que apresentavam processos de alteração das raízes, a gramática tradicional focalizou tais exemplos como os casos mais radicais desses processos.

Um exemplo clássico pode tornar mais claro o nível de alteração das raízes estudado nas gramáticas tradicionais: o sistema de **Ablaut** (ou alteração de vogais) do protoindo-europeu, aqui exemplificado com a raiz indo-europeia **bher* ‘carregar’ (Hock, 1986: 545). As alterações são classificadas em graus:

- a) **grau normal, ou grau-e**, em que se mantém o -e- na raiz, como em **bher-ō*: gr. *pher-ō*; lat. *fer-ō* ‘eu carrego’;
- b) **grau-o**, em que há a substituição do e do grau normal por o, como em **bhor-eyō*: gr. *phor-eō* ‘carrego repetidamente’;
- c) **grau expandido**, com a substituição de e ou o pela vogal longa correspondente, como em **e-bhēr-s-t*: sânscr. *a-bhā-r* ‘carregou’; gr. *phōr* ‘ladrão’;
- d) **grau-ø**, em que há a supressão da vogal básica, como em **bhṛ-ti*: sânscr. *bhṛ-ti* - ‘um carregamento’.

FONTE: Rosa (2011, p. 56).

O **morfema zero** apresenta natureza diferente, referida ao gênero do nome, principalmente de nomes relativos a seres animados em português.

FIGURA 14 – EXEMPLOS DE MORFEMAS

Masculino	Feminino
mestre	mestra
hóspede	hóspeda
leitor	leitora
professor	professora
marquês	marquesa
menino	menina
gato	gata

FONTE: Rosa (2011, p. 56).

Nos exemplos de morfemas, o feminino é marcado pelo *-a* e sua ausência indica o masculino das palavras, o morfema zero no masculino, em português, indica a ausência de alomorfe evidente, que origina sua condição de gênero. Alguns linguistas consideram desnecessário seu emprego na língua, uma vez que poderiam adicionar livremente zeros de toda ordem às descrições. Outros ainda lembram que o uso indiscriminado de zeros morfêmicos deve ser evitado para que a descrição da língua não fique com excessos de zeros, devido à congruência estrutural e ao seu equilíbrio (ROSA, 2011).

O **morfema substantivo** traduz o radical que perde fonemas para a expressão de um dado traço gramatical, como no exemplo de gênero do adjetivo em francês. A forma feminina serve como base, por sua vez, a masculina serve como uma derivação realizada por meio de um traço substantivo que perde a consoante final (ROSA, 2011).

FIGURA 15 – MORFEMA SUBSTANTIVO

Masculino			Feminino	
plat	[pla]	‘plano’	platte	[plat]
laid	[le]	‘feio’	laide	[led]
distinct	[diste ⁿ]	‘distinto’	distincte	[diste ⁿ kt]
long	[lo ⁿ]	‘longo’	longue	[lo ⁿ g]
bas	[ba]	‘baixo’	basse	[ba:s]
gris	[gri]	‘cinza’	grise	[gri:z]
frais	[frɛ]	‘fresco’	fraiche	[frɛ:ʃ]
gentil	[žɔ ⁿ ti]	‘gentil’	gentille	[žɔ ⁿ ti:j]
léger	[ležɛ]	‘luz’	légère	[ležɛ:r]
soul	[su]	‘bêbado’	soule	[sul]
plein	[ple ⁿ]	‘cheio’	pleine	[plɛ:n]

FONTE: Rosa (2011, p. 57).

O morfema seria uma classe de morfes, a qual denomina “[...] um segmento de enunciado, ou melhor, uma sequência fônica, a que é possível atribuir significado e que será posteriormente classificado num morfema” (ROSA, 2011, p. 58). O morfema consiste na abstração ou classe do morfe, e cada morfe consiste em um elemento de um conjunto formador de uma unidade estrutural, denominado morfema (ROSA, 2011).

4 ALOMORFES NA LÍNGUA PORTUGUESA

O morfema, de forma geral, representa uma unidade abstrata de sentido estruturada por uma ou mais formas, que pode apresentar variações formais. Como no exemplo dos vocábulos *dizer*, *disse*, *digo* e *direi* há um mesmo morfema representado por *diz*, *diss*, *dig* e *di*, respectivamente. Contudo, a concretização de um morfema ocorre por meio do morfe, e quando há mais de um morfe para o mesmo morfema, surge a alomorfia (MONTEIRO, 2002).

A alomorfia advém dos termos *alo* e *morphé* que significam, respectivamente, *variação* e *forma*. Assim, seria um morfema representado por morfes e configurações fonéticas diferentes. Ou ainda, quando um mesmo morfema se apresenta foneticamente de diversas formas (CRYSTAL, 2000). O verbo *nascer* pode ser usado como exemplo para o conceito quando predominam as formas que terminam em *-m* como em *nascem*, *nasceriam*, *nasceram*, *nascessem* e outros. Contudo, no futuro do presente do indicativo surge a forma *nascerão*, evidenciando a alomorfia na flexão do verbo.

Rocha (1998) aponta que existe uma variação nos elementos morfológicos do português, o que inclui os prefixos, bases nominais e verbais, sufixos, desinências verbais, flexões nominais de gênero, número e outros. Na língua portuguesa ocorrem dois tipos de alomorfia, segundo Pinto (2008), é a alomorfia condicionada fonologicamente e a morfológicamente.

FIGURA 16 – TIPOS DE ALOMORFIA

ALOMORFIA CONDICIONADA FONOLÓGICAMENTE	ALOMORFIA CONDICIONADA MORFOLOGICAMENTE
<ul style="list-style-type: none"> • Respectivamente à desinência verbal do pretérito imperfeito do modo indicativo /<i>va</i>/ (<eu <i>andava</i>, tu <i>andavas</i>, ele <i>andava</i>, nós <i>andávamos</i>, vós <i>andáveis</i>, eles <i>andavam</i>>), pode ser observada uma alomorfa na segunda pessoa do plural, na qual, por fatores fonológicos, a desinência passa a ser realizada como /<i>vel</i>/, porque a vogal média /<i>e</i>/ tem um ponto de articulação muito mais próximo de /<i>i</i>/, integrante da desinência número-pessoal /<i>is</i>/; daí a sistemática substituição de /<i>a</i>/ por /<i>e</i>/ no paradigma verbal. 	<ul style="list-style-type: none"> • No caso da expressão morfológica de imperfeito do indicativo, observa-se, também, uma sistemática mudança na forma, condicionada pela classe temática a que pertence o verbo. Assim, /<i>va</i>/, que aparece na primeira conjugação (<<i>cantava</i>, <i>namorávamos</i>>), concorre com /<i>ia</i>/, forma utilizada nas demais conjugações (<<i>bebia</i>, <i>sorriamos</i>, <i>sentia</i>>). Nesse caso, não há condicionamento fonológico, mas paradigmático: diferentes classes de conjugação determinam a escolha do sufixo, de modo que são agramaticais formas como *<i>bebeva</i>, *<i>partiva</i> ou *<i>cantia</i>.

FONTE: Adaptado de Pinto (2008, p. 20).

Para Pinto (2008), a alomorfa não pode ser entendida como uma modificação na natureza ortográfica, como em *brincar - brinquei*, nesse caso não ocorre alomorfa na raiz, porque o [*qu*] consiste numa representação gráfica do fonema /*k*/. Assim, a forma fonética da raiz não sofre modificação, pois não há alteração na pronúncia.

5 CLASSES DE PALAVRAS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Faustino e Feitoza (2016) citam que existem dez tipos de classes de palavras diferentes, cada uma consiste em grupos que são unificados de acordo com uma determinada estrutura morfológica e sintática.

FIGURA 17 – CLASSES DE PALAVRAS



FONTE: Adaptado de Faustino e Feitoza (2016).

Os **substantivos** nomeiam seres como pessoas, lugares, grupos, instituições e entes de natureza espiritual ou mitológica, ações, estados e qualidades, sentimentos e sensações. Variam conforme o gênero (feminino ou masculino), número (plural ou singular) e grau (aumentativo e diminutivo). Segundo Faustino e Feitoza (2016), quanto à formação podem ser:

- Primitivos – não derivam de palavras, como em *jardim*.
- Derivados – derivam de palavras existentes na língua, ex.: *jardineiro*.
- Simples – são formados por um radical, ex.: *sol*.
- Compostos – formados por mais de um radical, ex.: *guarda-sol*.

Além disso, de acordo com Faustino e Feitoza (2016), em relação aos elementos que nomeiam, eles podem ser:

- Comuns – denominam elementos de uma mesma espécie, ex.: *cidade, rio*.
- Próprios – nomeiam um indivíduo específico de uma espécie, ex.: *Maria, Brasil*.
- Concretos – designam elementos concretos, reais ou fictícios, e imaginários, ex.: *casa, fada*.
- Abstratos – nomeiam ações, estados, qualidades e sentimentos que necessitam de um ser para se manifestar, ex.: *alegria, carinho*.
- Coletivos – designam grupos de elementos de uma mesma espécie, ex.: *cardume, acervo*.

Os **artigos** são palavras que antecedem os substantivos com a função de generalizar o sentido dos substantivos, como os artigos indefinidos *um, uma, uns, umas* e os artigos definidos *o, a, os, as*.

Os **adjetivos** são responsáveis por caracterizar o substantivo e atribuem qualidades ou defeitos, modos de ser, aspectos ou estado. Variam conforme gênero, número e grau, concordando com o substantivo a que se referem. Segundo Faustino e Feitoza (2016), podem ser:

- Primitivos – originam outras palavras, como o adjetivo *belo* que origina o substantivo *beleza*.
- Derivados – derivam de substantivos ou verbos, o adjetivo *garboso* origina do substantivo *garbo*.
- Simples – formados por um radical: *estudioso, honesto*.
- Compostos – formados por mais de um radical: *superlegal*.

Vale lembrar que existem as locuções adjetivas que consistem em conjuntos de palavras com valor adjetivo na frase, como *olhar de anjo* representando o sentido *angelical*, *comida sem sabor* apontando como *insípido* (FAUSTINO; FEITOZA, 2016).

Os **numerais** possuem a função de indicar a quantidade ou a posição de seres, coisas ou conceitos. São classificados como cardinais *um, dois, três...*, ordinais, *primeiro, segundo, terceiro...*, fracionários, *metade, meio, terço*, e multiplicadores, *dobro, triplo*.

Os **pronomes** apresentam a função de substituir ou acompanhar o substantivo, e indicam o posicionamento da pessoa no discurso. Os pronomes pessoais podem variar em gênero, número e pessoa, assumem ainda como pessoais do caso reto, enquanto sujeito da oração, de tratamento, possessivos, demonstrativos, indefinidos e interrogativos.

Os **verbos** expressam ação (fazer, correr, andar), estado (ser, estar, ficar), ocorrência (acontecer, ocorrer, suceder), fenômeno da natureza (chover, amanhecer), desejo (almejar, desejar, aspirar), entre outros processos. Variam em pessoa, primeira, segunda e terceira; número, singular e plural; tempo, presente, passado e futuro; modo indicativo, subjuntivo e imperativo, e voz ativa, passiva e reflexiva.

Os **advérbios** apresentam como função primordial a relação com os verbos, apresentando as circunstâncias em que esse processo se desenvolve. Os advérbios, como as locuções adverbiais, são classificados conforme as circunstâncias expressadas, como lugar, tempo, modo, afirmação, negação, intensidade, dúvida e outros.

As **preposições** servem como conectivos dos termos de uma oração, estabelecendo entre as palavras uma relação de dependência. Segundo Faustino e Feitoza (2016), podem ser classificadas em:

- Essenciais – vocábulos que atuam exclusivamente como preposições, ex.: *a, após, com, até, entre, contra, em, de*.
- Acidentais – palavras que pertencem a outras classes gramaticais e que podem atuar como preposições, ex.: *senão, como, exceto, fora, consoante, segundo, salvo*.
- Locuções prepositivas – ex.: *por cima de, acerca de, abaixo de, graças de*.

As **conjunções** estabelecem ligações entre os termos de uma oração ou entre as orações. Caracterizam-se em:

- Coordenativas – aditivas, *e, nem, mais, também*; alternativas, *ora, ou*; adversativas, *mas, porém, contudo, todavia*; conclusivas, *logo, portanto, por conseguinte*; explicativas, *pois* (anteposto ao verbo), *porque, que, porquanto*.
- Subordinativas – integrantes *que, como, se*; finais, *a fim de que, para que, que, porque*; causais, *porque, como, uma vez que, visto que, posto que*; consecutivas *que, de sorte que, de forma que*; condicionais, *desde que, contanto que, caso*; concessivas, *ainda que, embora, apesar de que*; comparativas, *menos (do) que, mais (do) que, como*; conformativas, *como, segundo, conforme*; proporcionais, *à medida que, ao passo que, à proporção que*; temporais, *assim que, enquanto, quando*.

As **interjeições** pertencem a uma classe de palavras que exprimem sentimentos, sensações, emoções e estados de espírito, como alegria, *oba!, viva!*; tristeza, *que pena!*; medo, *credo!*; alívio, *ufa!*, animação, *coragem!*; aprovação, *bravo!*; desaprovação, *francamente!*; concordância, *certo!*; desejo, *tomara!*; desculpa, *perdão!*; dúvida, *hã?*; espanto, *caramba!*; contrariedade, *droga!*

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico você viu que:

- O termo morfologia foi empregado primeiro nas ciências da natureza, nos estudos da botânica e geologia. Sua constituição apresenta os seguintes elementos: morfo e logia, que provêm do grego morphé, respectivamente, forma e estudo.
- Os morfemas são estudados segundo seu nível morfológico, assim, a morfologia de forma geral estuda as relações que ocorrem entre a forma e o sentido dos morfemas e palavras.
- As unidades das palavras são denominadas morfemas, e as palavras podem se constituir enquanto simples ou complexas, dependendo da combinação de no mínimo dois morfemas.
- A morfologia apresenta como pressuposto de estudo o radical, a vogal temática, os afixos e as desinências, segmentos superiores ao fonema e inferiores à palavra na hierarquia da construção de uma oração. Envolve também a construção dos verbos, nomes substantivos, adjetivos e adverbiais, e das demais classes de palavras.
- Felipe (1997) aponta que apesar da palavra fonema fazer referência ao som/voz, na Libras indicará a concepção de unidade mínima, seguindo a base dos estudos da fonologia.
- Os morfemas lexicais ou gramaticais podem ser raiz/radical (M), afixo (alterações em M e CM) e desinência, como marca de concordância, número pessoal (DIR) ou de gênero (CM).
- A formação das palavras: de forma geral, são compostas por um radical e afixos. Contudo, a análise de línguas diferentes apresentou que os processos morfológicos podem ocorrer de outros tipos.
- Há alguns tipos de morfemas que contribuem para a formação de palavras, como o morfema aditivo, o reduplicativo, o alternativo, zero e o substantivo.
- A concretização de um morfema ocorre por meio do morfe, e quando há mais de um morfe para o mesmo morfema, surge a alomorfia.
- A alomorfia advém dos termos alo e morphé, que significam, respectivamente, variação e forma.
- Existem dez tipos de classes de palavras diferentes, cada uma consiste em grupos que são unificados de acordo com uma determinada estrutura morfológica e sintática.



1 O termo foi empregado primeiro nas ciências da natureza, nos estudos da botânica e geologia, representado por morfo e logia, que provêm do grego morphé, respectivamente, forma e estudo. Na linguística, a morfologia consiste no elemento da gramática que descreve a forma ou a estrutura interna das palavras. Sobre os princípios usados para identificar os morfemas numa língua, analise as sentenças a seguir:



- I - Apresentam um único morfema com forma distinta na semântica e fonêmica idênticas em todas suas aparências.
- II - Pode ocorrer a distinção semântica comum diferente da fonêmica com a distribuição de diferenças formais fonologicamente percebida.
- III- Um morfema apresenta uma diferença formal explícita quando explicitar uma diferença estrutural zero com distintividade fonético-semântica.
- IV- As formas homótonas não são identificadas por conterem o mesmo morfema ou como morfemas diferentes em algumas condições.

Agora assinale a alternativa CORRETA:

- a) () I – II – IV.
- b) () II – III – IV.
- c) () I – II – III.
- d) () I – III – IV.

2 Na Língua Portuguesa existem dez tipos de classes de palavras diferentes, organizadas em grupos unidos por uma determinada estrutura morfológica e sintática. Analise e aponte de forma sucinta os conceitos das classes de palavras encontrados na Língua Portuguesa:



SUBSTANTIVOS	ARTIGOS	ADJETIVOS	NUMERAIS	PRONOMES
VERBOS	ADVÉRBIOS	PREPOSIÇÕES	CONJUNÇÕES	INTERJUNÇÕES



FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM LIBRAS

1 INTRODUÇÃO

Acadêmico, ao longo dessa unidade estudamos sobre alguns aspectos referentes ao conceito da morfologia na Língua Portuguesa e em Libras, ou seja, na língua oral e de sinais utilizada em território nacional, ao perceber sua estrutura e formação, com ênfase na Língua Portuguesa.

Contudo, nessa etapa dos estudos, voltamos nossa atenção à Libras e destacamos a estrutura linguística na Libras, em como se deu a constituição e a organização enquanto língua. Perceberemos a influência da interação entre os países: Brasil, Estados Unidos e França, no contato entre as línguas que gerou uma herança linguística entre as línguas de sinais.

Por fim, estudaremos as classes de palavras em Libras, que também recebem classificação como substantivos, verbos, adjetivos e outros. Ademais, abordaremos o estudo referente aos verbos na próxima unidade, estruturando o texto com os advérbios e flexões. Nesta etapa apontaremos os conceitos sobre os substantivos, adjetivos, pronomes e numerais, a saber, ambos não apresentam flexão de gênero por não existir uma desinência que aponta para o tipo de gênero dos sinais.

2 ESTRUTURA LINGUÍSTICA NA LIBRAS

A partir da criação do Imperial Instituto de Surdos-Mudos em 1857, pelo professor surdo francês Edward Huet, houve os primeiros registros em relação ao uso da Libras no país (LEITE; QUADROS, 2014). Assim, a Língua de Sinais Francesa (LSF) consistiu na base de organização da Língua Brasileira de Sinais, Libras.

A interação entre os países: Brasil, Estados Unidos e França originou o contato entre as línguas, ocasionando uma herança linguística entre as línguas de sinais, com maior influência da Língua de Sinais Francesa (DINIZ, 2010). Ou seja, há similaridades entre os sinais utilizados nos três países destacados, sendo que tal situação forma um arranjo linguístico apontado como puzzle linguístico por Bernieri-Souza e Segala (2009, p. 34), que afirmam que:

Com esses dados, podemos identificar o puzzle linguístico que originou a Língua Brasileira de Sinais, inferindo que ela não só sofreu influência da LSF, mas também de vários outros sistemas primários de sinais e outras línguas provindas de outros países durante a colonização do Brasil pelos imigrantes que aqui se instalaram.

De forma geral, a Libras consiste na língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira nos centros urbanos, uma vez que há registro de outras utilizadas em outras áreas no Brasil. Como a Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB) usada pelos índios surdos Urubus-Kaapor na Floresta Amazônica, e a Língua de Sinais Cena em uma comunidade do sertão do Piauí (FERREIRA, 2010; PEREIRA, 2013).

Segundo Faria (2009), entre a língua de sinais e a língua oral ocorre um empréstimo linguístico, como no caso da Língua Portuguesa e a Libras, por estarem em contato linguístico.

No contexto específico de contato entre uma língua oral e uma língua de sinais, é fundamental entender que todo e qualquer empréstimo terá uma natureza estritamente visual, pois mesmo a cópia fonoarticulatória da sílaba tônica da palavra da LO é manifestada visualmente. Os empréstimos linguísticos para a LSB podem ocorrer tanto a partir de outra língua de mesma modalidade (visuo-espacial) quanto a partir de uma língua de outra modalidade (oral-auditiva). Em decorrência da proximidade geográfica entre falantes de línguas de sinais e falantes de línguas orais, essas parecem emprestar um maior número de termos a uma língua de sinais, apesar da diferença de modalidade de ambas, especialmente no que diz respeito à terminologia. Esse empréstimo está preponderantemente relacionado à parte visual da língua oral, ou seja, à forma visual dos lábios e à representação gráfica da língua (FARIA, 2009, p. 60).

Em Libras, os processos de incorporação dos empréstimos linguísticos advêm das línguas orais ou de línguas de sinais. Ou seja, ocorre com maior frequência entre línguas de contato, principalmente imersos em contextos de fronteira que envolvem a interação entre grupos de línguas de sinais diferentes, ou ainda em encontros, eventos e congressos internacionais (CARVALHO, 2009).

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 89), “[...] todas as línguas, orais ou de sinais, incorporam em seu vocabulário palavras estrangeiras que são consideradas Empréstimos Linguísticos”. Faria (2009) corrobora quando apresenta uma tipologia de empréstimos linguísticos na Libras classificado por: empréstimos datilológicos, transliteração, transliteração pragmática, transliteração lexicalizada (semidatilológicos), transliteração da letra inicial, empréstimos da configuração visual dos lábios, empréstimos semânticos, estereotipados e cruzados. Os principais empréstimos linguísticos são oriundos da influência dos léxicos importados de uma língua oral, do Português para Libras, devido à presença das línguas no mesmo território exercendo um contato cotidiano.

QUADRO 2 – TIPOS DE EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS

Brito (1995)	Faria (2009)
a) Empréstimos Lexicais	a) Empréstimos por Transliteração • Transliteração Pragmática • Transliteração Lexicalizada
b) Inicialização	b) Empréstimo por Transliteração de Letra Inicial, Inicialização (inicialized signs)
c) Empréstimos de Itens Lexicais de outras Línguas de Sinais	
d) Empréstimos de Domínio Semântico	
e) Empréstimos de Ordem Fonética	c) Empréstimo da Configuração Visual dos Lábios
	d) Empréstimos Semânticos (decalques)
	e) Empréstimos Estereotipados
	f) Empréstimos Cruzados

FONTE: Nascimento (apud MACHADO, 2010, p. 48).

De modo geral, de acordo com Nascimento (2010), as tipologias apresentadas no quadro apontam os empréstimos linguísticos entre línguas de modalidades diferentes, como a língua oral-auditiva e a língua visual-espacial. Supõe, ainda, a importância da compreensão da relação de contato e de empréstimos linguísticos entre essas línguas, como no Português e na Libras.

3 CLASSES DE PALAVRAS EM LIBRAS

As classes de palavras de uma língua consistem nos paradigmas que podem ser as categorias gramaticais ou parte do discurso. Ou seja, as línguas de forma geral apresentam palavras que são classificadas como parte de um tipo, classe ou paradigma em relação aos aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos (BRITO, 2010).

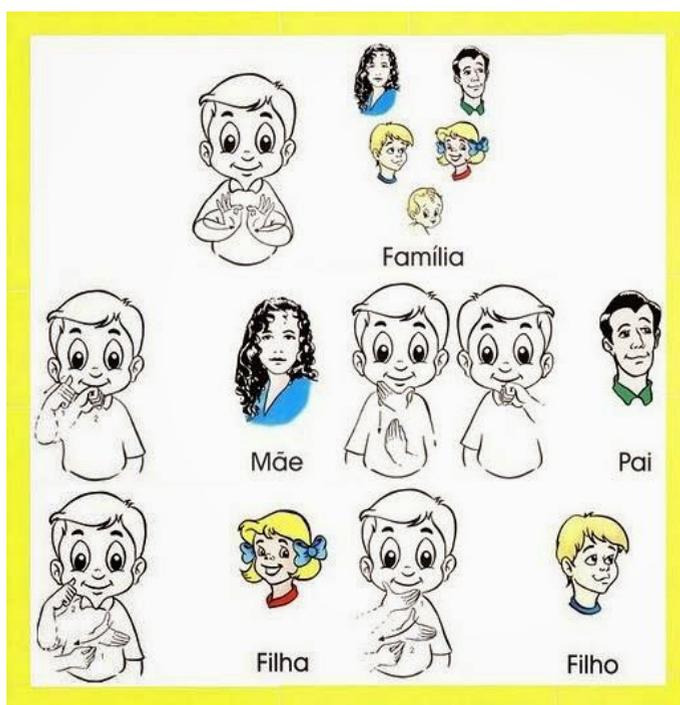
Contudo, nem todas as línguas possuem as mesmas classes gramaticais, chegando a existir algumas que não apresentam nenhuma classe. Tal situação não expressa a carência ou deficiência na organização da língua, mas simplesmente apresenta diferentes formas de expressarem seus conceitos (BRITO, 2010). Nesse sentido, Baggio (2017) afirma que, assim como as palavras nas línguas orais, os sinais na Libras também recebem classificação, contendo substantivos, verbos, adjetivos e outros.

3.1 SUBSTANTIVOS

Os substantivos em Libras somente diferem da Língua Portuguesa porque não apresentam flexão de gênero, porque não há desinência para marcar o gênero dos sinais. O que também ocorre com os adjetivos, pronomes e numerais. Assim, para marcar o gênero do substantivo, deve-se realizar o sinal que caracteriza a pessoa e acrescentar o sinal de homem ou mulher (BAGGIO, 2017).

EXEMPLOS: CUNHADA = sinal para cunhado + sinal para mulher;
TIO = sinal para tio + sinal para homem.

FIGURA 18 – FAMÍLIA EM LIBRAS



FONTE: <<http://linguasinaisbrasileira.blogspot.com/2014/05/familia-em-libras.html>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

Segundo Baggio (2017), o sinal que possui a marca de gênero masculino ou feminino será escrito na Língua Portuguesa com o símbolo @ para a ideia de neutralidade. Por exemplo: AMIG@; TI@; MENIN@. O que também ocorrerá nos adjetivos e pronomes, ME@; TE@; TOD@ (meu, teu, todo).

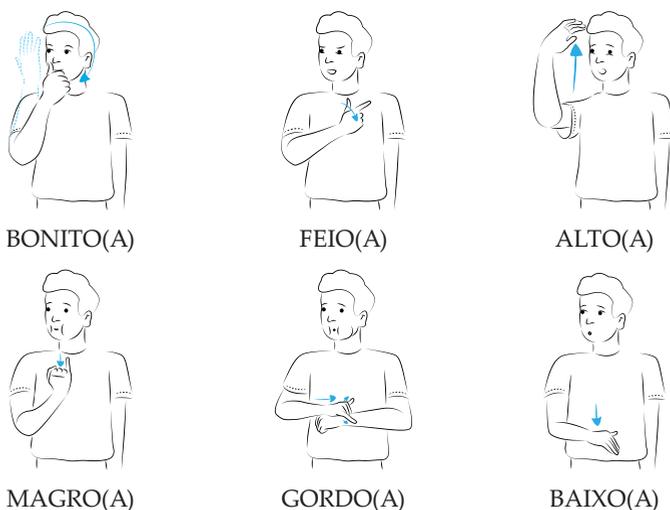
3.2 ADJETIVOS

Os adjetivos consistem em sinais que formam uma classe na Libras que se encontra na forma neutra, isentos de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural). Como serão descritivos, eles retratam iconicamente uma qualidade do objeto, desenhado no ar ou mostrado a partir de um objeto ou corpo do emissor (FIGUEIRA, 2011).

Na Língua Portuguesa, um objeto identificado como arredondado, quadrado, listrado e outros apresenta em si suas características. Contudo, na Libras isso não ocorre, o formato ou a textura devem ser traçados no espaço ou no corpo do emissor, gerando uma tridimensionalidade necessária para essa modalidade de língua. Os adjetivos se posicionam na frase após o substantivo que o qualifica, como no exemplo: PASSAR EU GORDO@ MUITO-COMER, AGORA EU MAGRO@. (FIGUEIRA, 2011).

FIGURA 19 – ADJETIVOS EM LIBRAS

ADJETIVOS



FONTE: <<https://vidacff.blogspot.com/2013/09/perguntas-sinais-uteis-adjetivos-em.html>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

3.3 PRONOMES

Na Libras, os pronomes são caracterizados em pronomes pessoais, possessivos, interrogativos, indefinidos e demonstrativos. Os **pronomes pessoais** apresentam o mesmo sinal para as três primeiras pessoas do discurso no singular (EU, VOCÊ, ELE) representado da mesma forma: com o dedo indicador apontando. O que difere de uma pessoa para outra seria a orientação da mão (OM) (BAGGIO, 2017).

FIGURA 20 – PRONOMES PESSOAIS

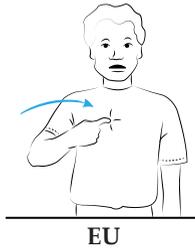
	SINGULAR	PLURAL
1ª pessoa	EU	NÓS-2, NÓS-3, NÓS-TOD@
2ª pessoa	VOCÊ	VOCÊ+2, VOCÊ+3, VOCÊ+4, VOCÊ+TOD@
3ª pessoa	EL@	EL@+2, EL@+3, EL@+4, EL@+GRUPO, EL@+TOD@

FONTE: BAGGIO (2017, p. 119).

- **Primeira pessoa** (singular, dual, trial, quatrial e plural): EU; NÓS-2; NÓS-3; NÓS-4; NÓS-GRUPO; NÓS/NÓS-TOD@S.

FIGURA 21 – PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR: EU

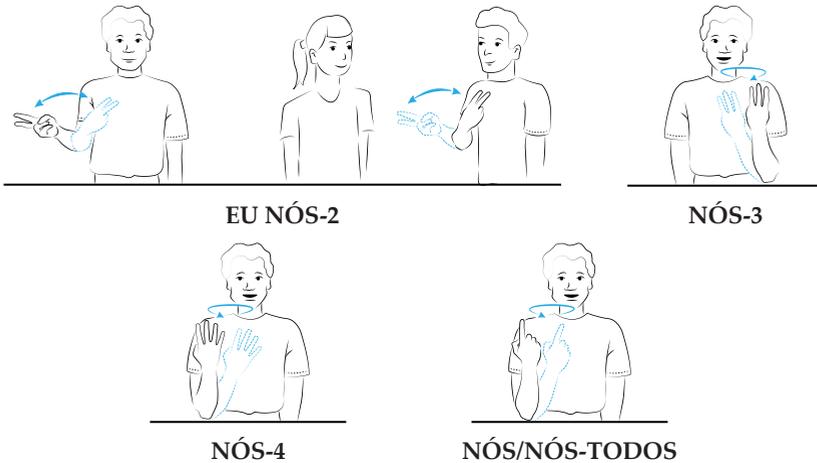
- **Primeira Pessoa do Singular: EU**
Apontar para o peito do enunciador (a pessoa que fala)



FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p.31).

FIGURA 22 – PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL: NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS/NÓS-TOD@S

- **Primeira Pessoa do Plural: NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS/NÓS-TOD@**

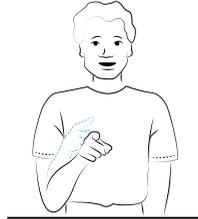


FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p.31).

- **Segunda pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural):** VOCÊ; VOCÊ-2; VOCÊ-3; VOCÊ-GRUPO, VOCÊS/VOCÊS-TOD@S.

FIGURA 23 – SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR: VOCÊ

- **Primeira Pessoa do Singular: VOCÊ**
Apontar para o enunciador (a pessoa com quem se fala)

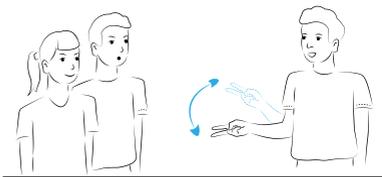


VOCÊ

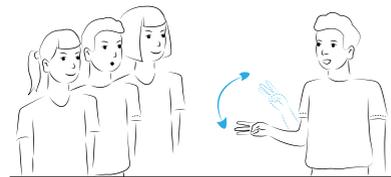
FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p.33).

FIGURA 24 – SEGUNDA PESSOA DO PLURAL: VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-TOD@

- **Segunda Pessoa do Plural: VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-TOD@**



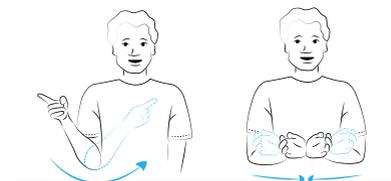
VOCÊS-2



VOCÊS-3



VOCÊS-4



VOCÊS-GRUPO

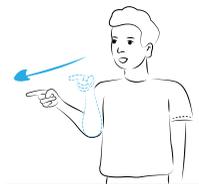
FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p.33).

- **Terceira pessoa (singular, dual, trial quatrial e plural):** EL@; EL@-2; EL@-3; EL@-4; EL@S-GRUPO; EL@AS/EL@AS-TOD@S.

FIGURA 25 – TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR: EL@

• Terceira pessoa do singular: EL@

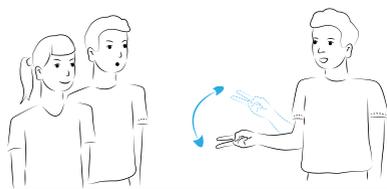
Apontar para uma pessoa que não está na conversa ou para um lugar convencionado para uma pessoa.



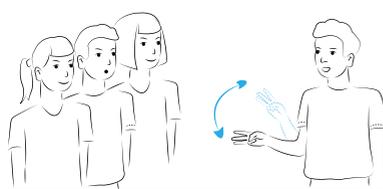
EL@

FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p.33).

FIGURA 25 – TERCEIRA PESSOA DO PLURAL: EL@-2, EL@-3, EL@-4, EL@S-TODO@, EL@S-GRUPO



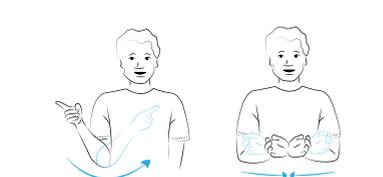
EL@-2



EL@-3



EL@-4



EL@S-GRUPO

FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p.34).

Segundo Barbosa e Oliveira (2013, p. 34),

No singular, o sinal para todas as pessoas é o mesmo, o que difere uma das outras é a orientação da mão: o sinal para "eu" é um apontar para o peito do emissor (a pessoa que está falando), o sinal para "você" é um apontar para o receptor (a pessoa com quem se fala) e o sinal para "ele/ela" é um apontar para uma pessoa que não está na conversa ou para um lugar convencionado para uma terceira pessoa que está sendo mencionada.

Contudo, no dual a mão manterá o formato do numeral dois, identificando a quantidade, assim como no trial o numeral três, no quatrial o numeral quatro. No plural existem dois sinais que podem ser usados, segundo Barbosa e Oliveira (2013, p. 34),

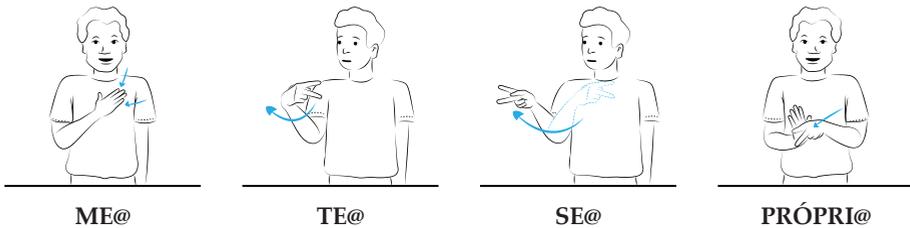
[...] um sinal composto, formado pelo sinal para a respectiva pessoa do discurso (1a, 2a, 3a), mais o sinal GRUPO; e outro sinal para plural que é feito pela mão predominante com a configuração em "d", fazendo um semicírculo à frente do sinalizador, apontando para as 2as pessoas ou 3as pessoas do discurso.

Os **pronomes possessivos** também não apresentam variação de gênero, estabelecem relação de posse e se encontram relacionados às pessoas do discurso. Na 1ª pessoa podem ocorrer duas variações para expressar ME@ (meu, minha) por meio de dois sinais:

- Configuração de mão aberta, com os dedos juntos, batendo uma vez no peito do emissor.
- Configuração de mão em 'p' com o dedo médio batendo uma vez no peito num movimento semicircular (MEU PRÓPRIO) – sinal de para (mim, egoísta).

Nos pronomes possessivos não há sinal específico no dual, trial, quadrial e plural (grupo), nessas situações utilizam-se os pronomes pessoais correspondentes, como no exemplo: NÓS FILH@ (nosso(a) filho (a) (BARBOSA; OLIVEIRA, 2013).

FIGURA 26 – PRONOMES POSSESSIVOS

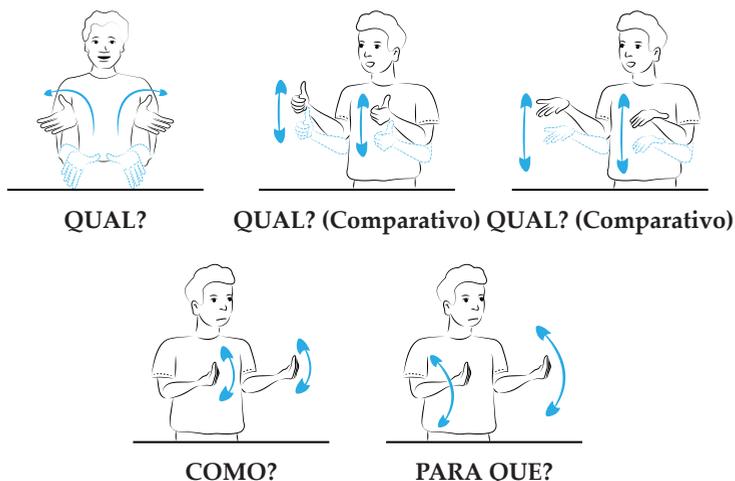


FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p. 39).

Os **pronomes interrogativos** Que e Quem são utilizados no início da frase, embora o *quem* no sentido de *quem é* ou de *quem é* tenha um uso mais frequente no final da frase. O *quem* varia conforme o contexto e pode apresentar duas formas: o sinal QUEM realizado com a configuração de mão mantendo o dedo indicador em contato com o polegar em formato oval e os outros dedos fechados, executando um movimento repetitivo para frente e para trás; ou o sinal soletrado Q-U-E-M (BAGGIO, 2017).

Segundo Baggio (2017, p. 123), “todas as sentenças com pronomes interrogativos devem ser acompanhadas de expressões faciais interrogativas realizadas simultaneamente com os sinais, as quais são semelhantes às feitas por ouvintes quando estão indagando alguma coisa”. Barbosa e Oliveira (2013) apontam ainda que os pronomes interrogativos *qual*, *como*, *para quê* costumam ocorrer no final das frases, mas podem ocorrer no início. O pronome interrogativo COMO apresenta outra forma em datilologia: C-O-M-O, utilizado geralmente para enfatizar algo. No uso do *por que* interrogativo e o *porque* explicativo não há diferença, o contexto mostra por meio das expressões faciais o uso na frase interrogativa ou explicativa.

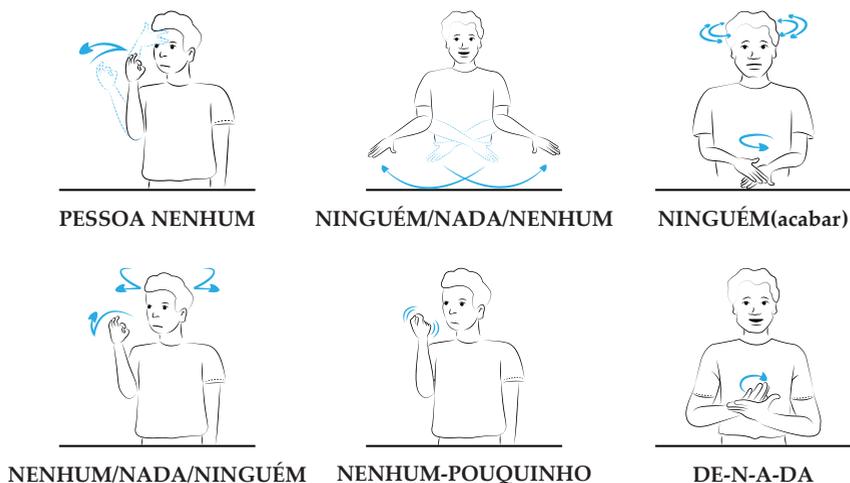
FIGURA 27 – PRONOMES POSSESSIVOS



FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p. 40).

Os **pronomes indefinidos**, NINGUÉM (pessoa) e NINGUÉM (acabar) são utilizados somente para pessoa, os termos NINGUÉM/NADA/NENHUM são realizados com as mãos abertas esfregando uma sobre a outra, utilizados para pessoa, animal e coisa. Ainda, os termos NENHUM/NADA como dedo polegar e indicador como formato oval e os outros dedos estendidos, a mão com movimento balançando é usada para pessoa, animal e coisa, podendo em alguns contextos assumir o sentido de não ter. O pronome indefinido NENHUM/POUQUINHO ocorre com a palma da mão virada para cima fazendo com os dedos polegares e indicadores em contato, usada como reforço para a frase negativa, que pode vir após o sinal NADA. Contudo, o sinal soletrado D-E-N-A-D-A é utilizado como resposta para um agradecimento (BARBOSA; OLIVEIRA, 2013).

FIGURA 28 – PRONOMES INDEFINIDOS



FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p. 41).

Os **pronomes demonstrativos** e os advérbios de lugar estão relacionados às pessoas do discurso e representam, a partir da perspectiva do emissor, o que está bem próximo, perto ou distante. Apresentam a mesma configuração de mãos dos pronomes pessoais, mas com diferença nos pontos de articulação e orientações do olhar. Também não apresentam marca de gênero, feminino ou masculino (BARBOSA; OLIVEIRA, 2013).

FIGURA 29 – SINAL DOS PRONOMES

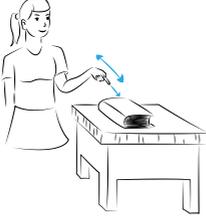
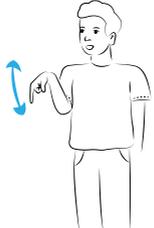
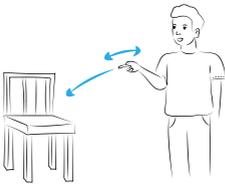
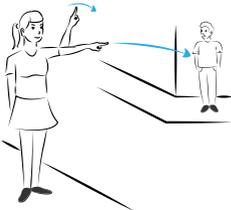
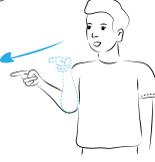
PRONOMES PESSOAIS	PRONOMES DEMONSTRATIVOS OU ADVÉRBIOS DE LUGAR
EU (olhando para o receptor: 2ª pessoa) VOCÊ (olhando para o receptor: 2ª pessoa) El@ (olhando para o receptor: 2ª pessoa)	EST@/AQUI (olhando para a coisa/lugar apontado, perto da 1ª pessoa) ESS@/AÍ (olhando para a coisa/lugar apontado, perto da 2ª pessoa) AQUEL@/LÁ (olhando para a coisa/lugar distante apontado)

FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p. 36).

Barbosa e Oliveira (2013) apontam a classificação dos pronomes demonstrativos e advérbios de lugar relacionados à 1ª pessoa:

- EST@/AQUI – são representados por um apontar para o lugar perto e em frente do emissor, acompanhado de um olhar para este ponto. EST@ pode ser sinalizado, inclusive, ao lado do emissor apontando para a coisa mencionada.
- ESS@/AÍ – apontar para o lugar perto e em frente do receptor, acrescido de um olhar direcionado não para o receptor, mas para o ponto sinalizado com relação à pessoa/coisa que está perto da segunda pessoa do discurso.
- AQUEL@/LÁ – apontar para um lugar mais distante, o lugar da terceira pessoa, mas diferentemente do pronome pessoal, ao apontar para este ponto há um olhar direcionado para a coisa/pessoa ou lugar:

FIGURA 30 – PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Pronome Demonstrativo	Pessoa do Discurso	Advérbio de Lugar
 <p>EST@</p>	<p>Localidade da 1ª Pessoa do discurso</p>  <p>EU</p>	 <p>AQUI</p>
 <p>ESS@</p>	<p>Localidade da 2ª Pessoa do discurso</p>  <p>VOÇÊ</p>	 <p>AI</p>
 <p>AQUEL@</p>	<p>Localidade da 3ª Pessoa do discurso</p>  <p>EL@</p>	 <p>LA</p>

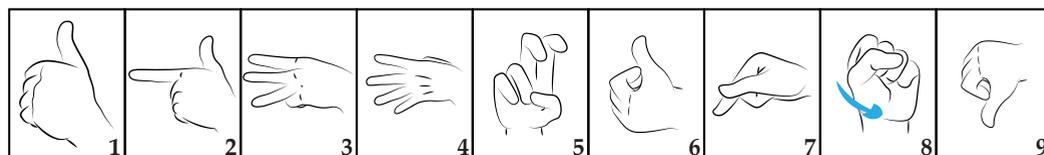
FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p. 38).

3.4 NUMERAL

Na Língua Portuguesa e na Libras há diferentes formas de se apresentar cada tipo de numeral, assim, não será possível utilizar uma mesma configuração de mão para expressar quantidades, numerais cardinais e ordinais. Para tanto, é necessário observar o contexto em que o numeral aparece, acaso indique ordem, quantidade, medida, idade, horas, valor monetário e outros (BAGGIO, 2017).

Os **numerais cardinais**, até o numeral dez, expressam formas diferentes de sinalizar as quantidades, a partir do onze as formas são idênticas, basta agrupar os sinais dos cardinais que formam o outro número.

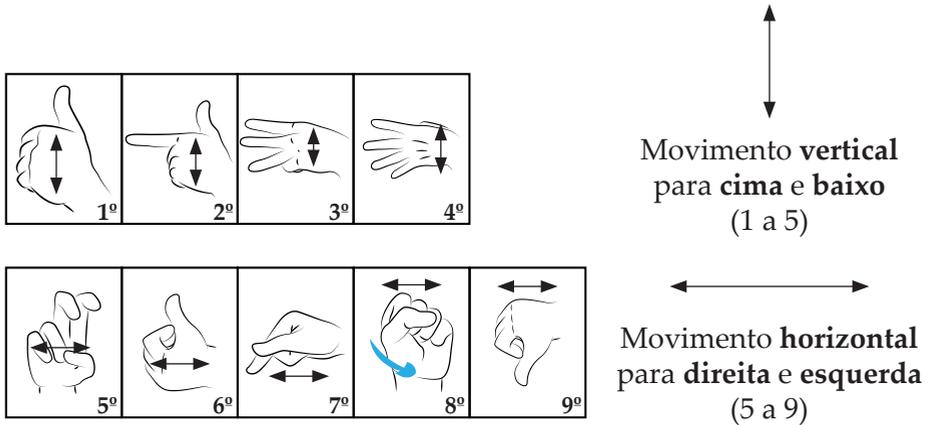
FIGURA 31 – NUMERAIS CARDINAIS



FONTE: <<https://bit.ly/2mfoE3c>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

Os **numerais ordinais** do primeiro até o nono possuem as mesmas formas dos cardinais, mas com o diferencial de que os ordinais apresentam movimentos, enquanto que os outros não. Para os ordinais do primeiro ao quarto são realizados movimentos para cima e para baixo. Do quinto ao nono, os movimentos ocorrem para os lados, e a partir do décimo os numerais cardinais e ordinais são realizados de forma idêntica (BAGGIO, 2017).

FIGURA 32 – NUMERAIS ORDINAIS



FONTE: <<https://bit.ly/2mfoE3c>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

Os **valores monetários** para valores de R\$ 1,00 até R\$ 9,00, utiliza-se o sinal do numeral correspondente ao valor, e logo após, o sinal soletrado R-L (real) ou R-S (reais). O sinal ainda pode ser sinalizado com o R executando um movimento de um lado para o outro, para representar *real* ou *reais*. Para representar os centavos após o numeral e o sinal para *real*, será incorporado o sinal da vírgula mais o numeral correspondente aos centavos e a configuração de mão em C com movimento para os lados.

FIGURA 33 – VALOR MONETÁRIO



R\$ 1,00 (1)



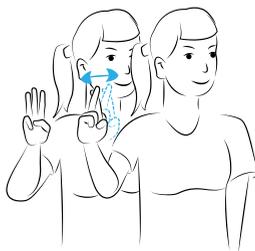
R\$ 1,00 (2)



R\$ 2,00 (1)



R\$ 2,00 (2)



R\$ 3,00 (1)



R\$ 3,00 (2)



R\$ 4,00 (1)



R\$ 4,00 (2)



R\$ 5,00 (1)



R\$ 5,00 (2)



R\$ 6,00 (1)



R\$ 6,00 (2)



R\$ 7,00 (1)



R\$ 7,00 (2)



R\$ 8,00 (1)



R\$ 8,00 (2)



R\$ 9,00 (1)



R\$ 9,00 (2)



R\$ 10,00



R\$ 20,00



R\$ 25,00



R\$ 50,00



R\$ 100,00



MIL



MILHÃO



BILHÃO



CENTAVO



DOLAR



EURO



MOEDA



REAL

FONTE: < <http://danianepereira.blogspot.com/2015/12/dinheiro-em-libras.html>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

As **horas** em Libras são representadas de duas formas, uma para referir o horário cronológico e outra para a duração. Assim, no sinal HORA com o sentido de tempo cronológico, passa a ser sinalizado com um apontar para o pulso e, na frase interrogativa, a expressão fica *QUE-HORA?*. O sinal HORA com o sentido de tempo decorrido ou duração possui sua sinalização por um círculo ao redor do rosto, e nas frases interrogativas se utiliza *QUANTAS-HORAS*, com o acréscimo da expressão facial interrogativa. Após as 12 horas, recomeça-se a contagem a partir de 1 hora da tarde, sinalizando 1 hora mais o sinal para a palavra TARDE (BARBOSA; OLIVEIRA, 2017).

FIGURA 34 – HORAS

A EXPRESSÃO INTERROGATIVA QUE HORAS? (Um apontar o pulso). ESTÁ RELACIONADA AO TEMPO CRONOLÓGICO



JÁ A EXPRESSÃO INTERROGATIVA QUANTAS-HORAS (um círculo ao redor do rosto). ESTÁ SEMPRE RELACIONADA AO TEMPO GASTO PARA SE REALIZAR ALGUMA ATIVIDADE.



HORAS/QUANTAS-HORAS

EXEMPLO:

VIAJAR SÃO PAULO QUANTAS HORAS?
TRABALHAR ESCOLA QUANTAS-HORAS?



1 HORAS



2 HORAS



3 HORAS



4 HORAS



5 HORAS



MEIA-HORA



5 MINUTOS

A EXPRESSÃO INTERROGATIVA QUE HORAS? (Um apontar para o pulso), ESTÁ RELACIONADA AO TEMPO CRONOLÓGICO



JÁ A EXPRESSÃO INTERROGATIVA QUANTAS-HORAS (um círculo ao redor do rosto) ESTÁ SEMPRE RELACIONADA AO TEMPO GASTO PARA SE REALIZAR ALGUMA ATIVIDADE.



EXEMPLO:
VIAJAR SÃO PAULO QUANTAS HORAS?
TRABALHAR ESCOLA QUANTAS-HORAS?



1 HORAS



2 HORAS



3 HORAS



4 HORAS



5 HORAS



MEIA-HORA



5 MINUTOS

FONTE: <<https://pt.slideshare.net/LiseteLima/cursodelibras2modulo-2>>.
Acesso em: 9 ago.2018.



A obra aborda orientações metodológicas e os princípios gerais que nortearão o ensino e a aprendizagem de Libras. Para que o aluno alcance um nível razoável em seu desempenho comunicativo, precisará ter o desejo e a oportunidade de se comunicar em Libras. Confira e amplie seus conhecimentos!



LEITURA COMPLEMENTAR

A LÍNGUA DE SINAIS CONSTITUINDO O SURDO COMO SUJEITO

Liliane Correia Toscano de Brito Dizeu
Sueli Aparecida Caporali

Antes de iniciar esta discussão, torna-se essencial esclarecer os termos “língua” e “linguagem”. Saussure (1987) refere que a língua não se confunde com a linguagem, pois ela é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente, sendo, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

A linguagem, por sua vez, é tida como tudo que envolve significação, que tem valor semiótico, não se restringindo apenas a uma forma de comunicação, e é nela que o pensamento do indivíduo é constituído (Goldfeld, 1997). A autora refere, ainda, que a linguagem está sempre presente no sujeito, até quando este não está se comunicando com outras pessoas; assim ela constitui o sujeito, a forma como este recorta e percebe o mundo e a si próprio.

Para Vygotsky (1989), a trajetória principal do desenvolvimento psicológico da criança é uma trajetória de progressiva individualização, ou seja, é um processo que se origina nas relações sociais, interpessoais e se transforma em individual, intrapessoal.

Assim sendo, a linguagem da criança, desde seu início, é essencialmente social; ela se desenvolve no plano das interações sociais, nas relações interpessoais. No decorrer do desenvolvimento da criança, seu discurso social subdivide-se em discurso comunicativo e discurso egocêntrico. Este último, conforme Vygotsky (1989), surge quando a criança transfere as formas sociais cooperativas de comportamento para as funções psíquicas pessoais internas. Com o tempo, esse discurso se transforma em discurso interior, distinguindo-se tanto estruturalmente como funcionalmente da fala social.

As estruturas do discurso, quando dominadas pela criança, transformam-se nas estruturas básicas do pensamento. Levando essas premissas em consideração, os equipamentos sociais disponíveis que oferecem atendimento aos surdos ainda estão, em sua maioria, engajados com uma prática na qual a oralidade é tida como foco do desenvolvimento. A preocupação central está marcada pelo uso da prótese auditiva, pelo desenvolvimento da percepção auditiva e pelo treino intensivo de fala, e a *linguagem* é, em grande parte das vezes, desconsiderada ou não valorizada. Não se trata aqui de desvalorizar ou desprezar o trabalho de reabilitação tradicionalmente feito pelos fonoaudiólogos, mas é necessário considerar que somente alguns surdos atingem bons resultados e, infelizmente, eles não são a maioria. Esta realidade não pode ser contestada ao verificarmos o alcance educacional dos surdos.

A criança ouvinte desde seu nascimento é exposta à língua oral, dessa forma é fornecida para ela a oportunidade de adquirir uma língua natural, a qual irá permitir realizar trocas comunicativas, vivenciar situações do seu meio e, assim, possuir uma língua efetiva e constituir sua linguagem. Para a criança surda deveria ser dada a mesma oportunidade, de adquirir uma língua própria para constituir sua linguagem.

A nossa sociedade não está preparada para receber o indivíduo surdo, não lhe oferecendo condições para que se desenvolva e consolide sua linguagem. Sendo assim, podemos depreciar relatos que afirmam ser a surdez causadora de limitações cognitivas e afetivas, pois a verdadeira limitação está nas condições oferecidas a esse sujeito surdo.

Góes (1999) refere que vêm sendo associadas ao surdo caracterizações estereotipadas, como pensamento concreto, elaboração conceitual rudimentar, baixa sociabilidade, rigidez, imaturidade emocional etc.

Marcados por estas indagações, muitos profissionais têm buscado outros caminhos, mais viáveis, que possibilitem ao surdo um melhor desempenho linguístico, social, educacional e cultural. Essas propostas vêm sendo desenvolvidas por muitos países da Europa, alguns estados dos Estados Unidos, alguns países da América Latina e também no Brasil.

A partir da aquisição de uma língua, a criança passa a construir sua subjetividade, pois ela terá recursos para sua inserção no processo dialógico de sua comunidade, trocando ideias, sentimentos, compreendendo o que se passa em seu meio e adquirindo, então, novas concepções de mundo.

No caso de crianças surdas, filhas de pais ouvintes, esse processo não irá acontecer naturalmente, já que as modalidades linguísticas utilizadas nas interações mãe-criança não são facilmente adquiridas por essas crianças. O processo de aquisição da língua não será natural, como é para as crianças ouvintes.

Há então a necessidade de se colocar a criança surda próxima de seus pares o mais rápido possível, ou seja, em contato com um adulto surdo, fluente em Libras, que será para essa criança o meio mais fácil de propiciar sua aquisição da língua. Nestas condições, adquirindo a Libras, ela se tornará capaz de significar o mundo. As experiências mais promissoras indicam para a necessidade de atuação direta dos adultos surdos sinalizadores com os surdos que não têm acesso à língua de sinais, para que este se dê de forma rápida e eficiente, além de isso contribuir para a formação da identidade de pessoa surda desses sujeitos.

No momento em que a criança adquire sua língua natural, ela se torna capaz de realizar o aprendizado de uma segunda língua, tornando-se um ser bilíngue. No caso dos surdos, como nem sempre isso é uma realidade, podemos encontrar surdos adultos que, pela falta de acesso à língua de sinais na infância, chegam à vida adulta sem ter adquirido nenhuma língua, por terem sido apenas expostos a uma língua oral e não terem desempenho satisfatório com esta.

A língua de sinais representa um papel expressivo na vida do sujeito surdo, conduzindo-o, por intermédio de uma língua estruturada, ao desenvolvimento pleno. Harrison (2000) refere que essa língua fornece para a criança surda a oportunidade de ter acesso à aquisição de linguagem e de conhecimento de mundo e de si mesma.

Essa língua, como qualquer outra, deve ser inserida na vida da criança nos três primeiros anos de idade, para que a criança a adquira naturalmente. No entanto, de acordo com a realidade de nosso país, a detecção da surdez nem sempre ocorre até o primeiro ano de vida, assim como o acesso à língua de sinais é tardio.

Difícilmente a importância da Libras é apontada pelos profissionais que dão o diagnóstico da surdez aos pais. É fundamental que os profissionais transmitam para a família da criança surda as diferentes propostas de trabalho fonoaudiológico e informem sobre a importância da Libras para o seu processo educacional, social, cultural, como também suas concepções e consequências para o desenvolvimento geral do surdo.

É essencial esclarecer e, como sugere Harrison (2000), propiciar linguagem no tempo esperado, pois assim esta poderá trazer benefícios para a criança e para a dinâmica familiar. A língua de sinais tem como meio propagador o campo gestu-visual, o que a diferencia da língua oral, que utiliza o canal oral-auditivo. Além dessa diferença, também apresenta antagonismos quanto às regras constitutivas. No entanto, a língua de sinais deve ser respeitada como língua, pois assume a mesma função da língua oral, a comunicação.

De acordo com Quadros (1997), tal língua surge pelos mesmos ideais, as necessidades naturais e específicas dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações. Dessa forma, a língua de sinais constituiu-se da necessidade de os surdos se comunicarem e participarem como parte integrante do seu meio, uma vez que apresentam dificuldades na aquisição da língua oral. Esta língua apresenta em sua estrutura sistemas abstratos, regras gramaticais e complexidades linguísticas, como também expressões metafóricas. Quadros ressalta ainda que a língua de sinais se apresenta tão complexa e expressiva quanto a língua oral. Esta língua, como todas as outras, estabelece características próprias, de acordo com a nacionalidade e até mesmo a regionalidade.

Ela compreende uma organização material de constituintes, fechada e convencional, correspondente às possibilidades do canal visual-manual-gestual. Como afirma Sacks (1998), as línguas de sinais apresentam sintaxe, gramática e semântica completas, mas possuem caráter diferente daquele das línguas escritas e faladas.

Estamos inseridos em uma comunidade ouvinte, onde todos os processos comunicativos derivam da oralidade e nossas relações sociais se tornam possíveis na/pela linguagem. Para fazer parte dessas relações é preciso ter acesso também à língua majoritária, esta irá propiciar experiências, aquisição de conhecimentos e integração ao meio. Porém essas regras são válidas aos componentes da sociedade que não apresentam interferências no canal oral-auditivo.

No caso dos surdos, esse acesso à língua oral não apresentará condições favoráveis. Diante disso, se torna essencial a incorporação da língua de sinais na vida desses sujeitos. Neste sentido, Góes (1999) afirma que a língua de sinais será necessária para que haja condições mais propícias à expansão das relações interpessoais, constituindo o funcionamento cognitivo e afetivo, promovendo a constituição da subjetividade.

Sacks (1998, p. 52) ressalta que “[...] um ser humano não é desprovido de mente ou mentalmente deficiente sem uma língua, porém está gravemente restrito no alcance de seus pensamentos, confinado, de fato, a um mundo imediato, pequeno”. Quando o autor refere que o indivíduo desprovido de língua está confinado a um mundo mediato e pequeno, faz-nos lembrar das crianças surdas que não tiveram acesso à aquisição da língua de sinais e que não tiveram êxito na língua oral: cresceram e se tornaram adultos sem perspectiva de vida, dependentes da família e com possibilidades mínimas de elaboração de pensamento.

A língua de sinais é adquirida de forma fácil e rápida pelo surdo, propiciando para ele a oportunidade de se comunicar, pensar e expressar sentimentos. Todavia, é negada para o surdo a oportunidade de interagir com o mundo por meio de sua língua própria. E apesar de tantas imposições, a língua de sinais continua presente entre os surdos, resistindo, em razão da necessidade que o surdo tem, como todo ser humano, de se expressar.

Góes (1999) refere que o aprendizado de uma língua implica de certa forma considerar um modo de atribuir significações ao mundo por intermédio da linguagem, percebendo assim as peculiaridades culturais. Com isso, a autora quer dizer que por meio da língua passamos a compreender o mundo, constituindo nosso cognitivo e o subjetivo, criando pelas nossas experiências e concepções próprias, de tudo e todos que fazem parte de nosso meio.

Dessa forma, a criança surda necessita de uma língua que possibilite a ela a integração ao seu meio, no qual ela seja capaz de compreender o que está ao seu redor, significar suas experiências, em vez de uma língua que a torne um ser apto para reproduzir um número restrito de palavras e frases feitas, que para ela não terão nenhum significado comunicativo, restringindo sua potencialidade para construir e utilizar a linguagem no processo dialógico.

FONTE: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a14v2691.pdf>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico vimos que:

- A interação entre os países Brasil, Estados Unidos e França originou o contato entre as línguas, ocasionando uma herança linguística entre as línguas de sinais, com maior influência da Língua de Sinais Francesa.
- A Libras consiste na língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira nos centros urbanos, no entanto há o registro de outras, utilizadas em outras áreas no Brasil.
- Em Libras os processos de incorporação dos empréstimos linguísticos advêm das línguas orais ou de línguas de sinais.
- As classes de palavras de uma língua consistem nos paradigmas que podem ser categorias gramaticais ou parte do discurso.
- Baggio (2017) afirma que assim como as palavras nas línguas orais, os sinais na Libras também recebem classificação, contendo substantivos, verbos, adjetivos e outros.
- Os substantivos em Libras diferem da Língua Portuguesa porque não apresentam flexão de gênero e a desinência para marcar o gênero dos sinais. O que também ocorre com os adjetivos, pronomes e numerais.



1 A Língua Brasileira de Sinais – Libras sofreu uma herança linguística de países como o Brasil, Estados Unidos e França, e a Língua de Sinais Francesa serviu como base principal para sua organização. Nesse sentido, os sinais utilizados pelos três países formam um arranjo linguístico com a participação de outros sistemas primários de sinais e línguas provindos de diversos países durante a colonização do Brasil.



Considerando os empréstimos linguísticos referentes à Libras, avalie as seguintes asserções e a relação proposta entre elas.

I- No mesmo contexto de contato entre uma língua oral e uma língua de sinais podem ocorrer empréstimo linguístico decorrente da natureza visual, visto que a sílaba tônica da Língua Oral se manifesta visualmente e influencia a formação da língua de sinais.

PORQUE

II- A proximidade geográfica entre os falantes de línguas de sinais e de línguas orais faz com que a língua oral empreste maior número de termos a uma língua de sinais, devido à parte visual da língua oral, mais precisamente, da forma visual dos lábios e a representação gráfica da língua.

Assinale a alternativa que apresenta a resposta CORRETA:

- a) () As duas afirmações são verdadeiras e estabelecem relação entre si.
- b) () As duas afirmações são verdadeiras, porém não estabelecem relação entre si.
- c) () A primeira afirmação é verdadeira, e a segunda afirmação é falsa.
- d) () A primeira afirmação é falsa, e a segunda afirmação é verdadeira.

2 As classes de palavras de uma determinada língua consistem nos paradigmas organizados em categorias gramaticais ou como parte do discurso. A Libras, assim como as línguas orais, dispõe de classificações de palavras organizadas em substantivos, verbos, adjetivos e outros. Reflita sobre a classificação de palavras em Libras e aponte os conceitos de substantivo, adjetivo, pronome e numeral.



SUBSTANTIVO	ADJETIVO
PRONOME	NUMERAL

FLEXÃO E GÊNERO NA LÍNGUA ORAL E NA LÍNGUA DE SINAIS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- conhecer a definição conceitual de verbo;
- identificar a formação dos tempos verbais, as pessoas do discurso, os tempos, os modos, a flexão, a conjugação e a classificação dos verbos;
- compreender sobre o conceito de classificadores na língua oral e na língua de sinais;
- analisar os conceitos que envolvem a constituição do advérbio e da locução adverbial;
- discutir sobre o conceito de flexão e derivação, elencando suas diferenças;
- perceber a definição conceitual de flexão nominal e flexão verbal;
- identificar os princípios que caracterizam a flexão na língua de sinais;
- analisar a concepção de gênero na língua oral e na língua de sinais.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. No decorrer da unidade você encontrará autoatividades com o objetivo de reforçar o conteúdo apresentado.

TÓPICO 1 – VERBOS, CLASSIFICADORES E ADVÉRBIOS

TÓPICO 2 – FLEXÃO NA LÍNGUA ORAL E LÍNGUA DE SINAIS

TÓPICO 3 – CONCEITO E DEFINIÇÃO DE GÊNERO



VERBOS, CLASSIFICADORES E ADVÉRBIOS

1 INTRODUÇÃO

Caro acadêmico, neste primeiro tópico da segunda unidade dessa disciplina, estudaremos os aspectos que envolvem as definições conceituais com relação aos verbos, aos classificadores e aos advérbios. O conteúdo que será apresentado compreenderá o contexto da conceituação nas línguas orais, como também nas línguas de sinais.

Iniciamos apresentando a definição de verbo, bem como os aspectos que envolvem seu estudo, como a formação dos tempos verbais, as pessoas do discurso, os tempos, os modos, a flexão, a conjugação e a classificação dos verbos, incluindo os tipos que envolvem suas particularidades.

Destacamos também a perspectiva das línguas de sinais, envolvendo a concordância que varia conforme o número-pessoal, a localização e os classificadores. Precisamente na discussão sobre os classificadores, estabeleceremos uma relação das suas escolhas na língua oral, com maior ênfase nas línguas de sinais.

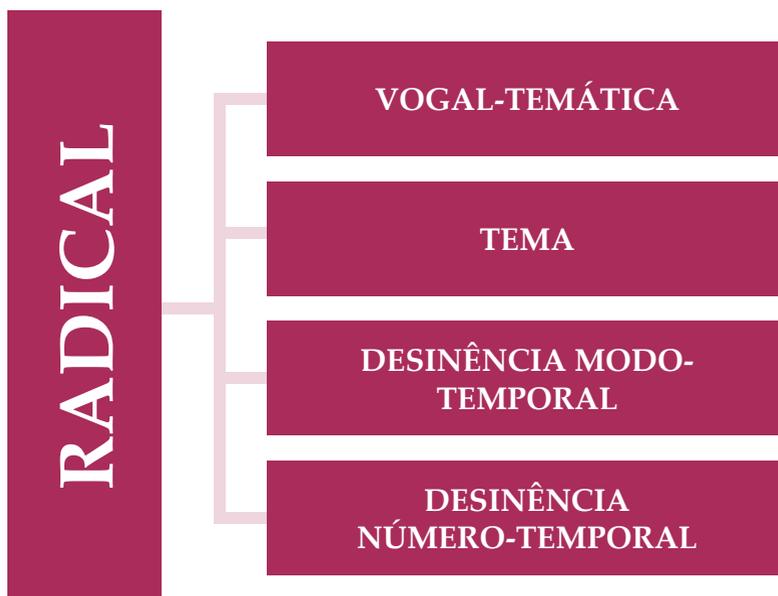
Com relação ao estudo sobre os advérbios, serão destacados os conceitos que englobam sua definição nas línguas orais e na língua de sinais. Da mesma forma, buscaremos explicitar a intensificação gradual dos advérbios na língua oral, e a caracterização dos tipos nas línguas de sinais, considerando também o estudo das locuções adverbiais.

2 VERBO

Os verbos designam palavras que exprimem “[...] a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza no falar seu significado lexical” (BECHARA, 2009, p. 173). Ainda conforme Tafner (2011), seriam palavras que apresentam situações de ação (falar), estado (ser, estar) ou uma mudança de estado (tornar-se), ainda fenômenos meteorológicos (chover, trovejar) com relação a um determinado tempo.

Assim, os verbos consistem em palavras compostas por tempos variáveis que apontam sobre um acontecimento em um tempo específico. Note que enquanto o substantivo (nome) posiciona os seres no espaço, o verbo os situa no tempo.

FIGURA 1 – FORMAÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS



FONTE: O autor, adaptado de Tafner (2011).

Assim, o radical informa o significado básico da palavra, enquanto parte invariável que se repete em todos os modos e tempos. Como no exemplo do verbo [cantar], quando conjugado no presente do indicativo [canto, cantas, canta, cantamos, cantais, cantam]. Observe que o radical [cant] permanece isento de alterações somadas a uma terminação que pode ser, segundo Tafner (2011):

- Vogal temática – indica a conjugação a que o verbo pertence [a] primeira conjugação; [e] segunda conjugação e [i] terceira conjugação.
- Tema – seria o radical acrescido da vogal temática, por exemplo [cant: radical + a: vogal temática].
- Desinência modo-temporal – consiste no morfema que aponta o modo e o tempo do verbo, como na forma verbal [cantAREMOS] indica que o verbo se encontra no futuro do indicativo.
- Desinência número-pessoal – indica a pessoa e o número. No exemplo [cantAREMOS] revela a primeira pessoa do plural.

Os verbos se apresentam em três conjugações marcados por uma vogal temática, segundo Tafner (2011, p. 80):

- a) primeira conjugação: verbos que possuem a vogal temática – a: cant a r, am a r;
- b) segunda conjugação: verbos que possuem a vogal temática – e: vend e r, bat e r;
- c) terceira conjugação: verbos que possuem a vogal temática – i: part i r, divid i r.

De modo geral, o verbo se combina com os instrumentos gramaticais, os morfemas, relacionados ao tempo, ao modo, à pessoa, ao número, entre outros. Por exemplo, nas palavras [trabalho] e [trabalhar] apresentam o mesmo significado lexical, porém com diferentes categorias, ou seja, um lexema não pode ser considerado um verbo porque se combina com um morfema de tempo ou pessoa, mas, ao contrário, os morfemas são combinados para se transformarem em verbo. (BECHARA, 2009).

Desenvolver um estudo sobre o verbo requer a organização de um sistema de categorias verbais, que seriam as funções da forma léxica que estabelecem as oposições funcionais na língua. Note nos exemplos de [canto – cantas – canta] ou [vejo – vês – vê], onde as partes estabelecem oposições da mesma espécie que alteram o conceito de pessoa no tempo verbal. Contudo, quando se utiliza das formas [canto – cantamos] se preserva a mesma pessoa, no caso a primeira pessoa, mas a oposição ocorre no sentido de número. Nas formas [canto – cante] há a mesma pessoa e número, mas não a mesma categoria de modo. (BECHARA, 2009).

As oposições podem ocorrer de forma simplificada e abranger uma categoria, como também de forma complexa, como [canto – canteis], em que ocorre a diferenciação de conteúdo em três categorias: pessoa – 1ª e 2ª; número – singular e plural; e modo – indicativo e subjuntivo. Assim, na morfologia dos verbos existem categorias que se amalgamam como a pessoa e o número; como o tempo e modo. (BECHARA, 2009). As formas verbais apresentam três pessoas do discurso para o singular e o plural. A partir desta figura e conforme Bechara (2009), os tempos verbais podem ocorrer de acordo com o que será apresentado a seguir:

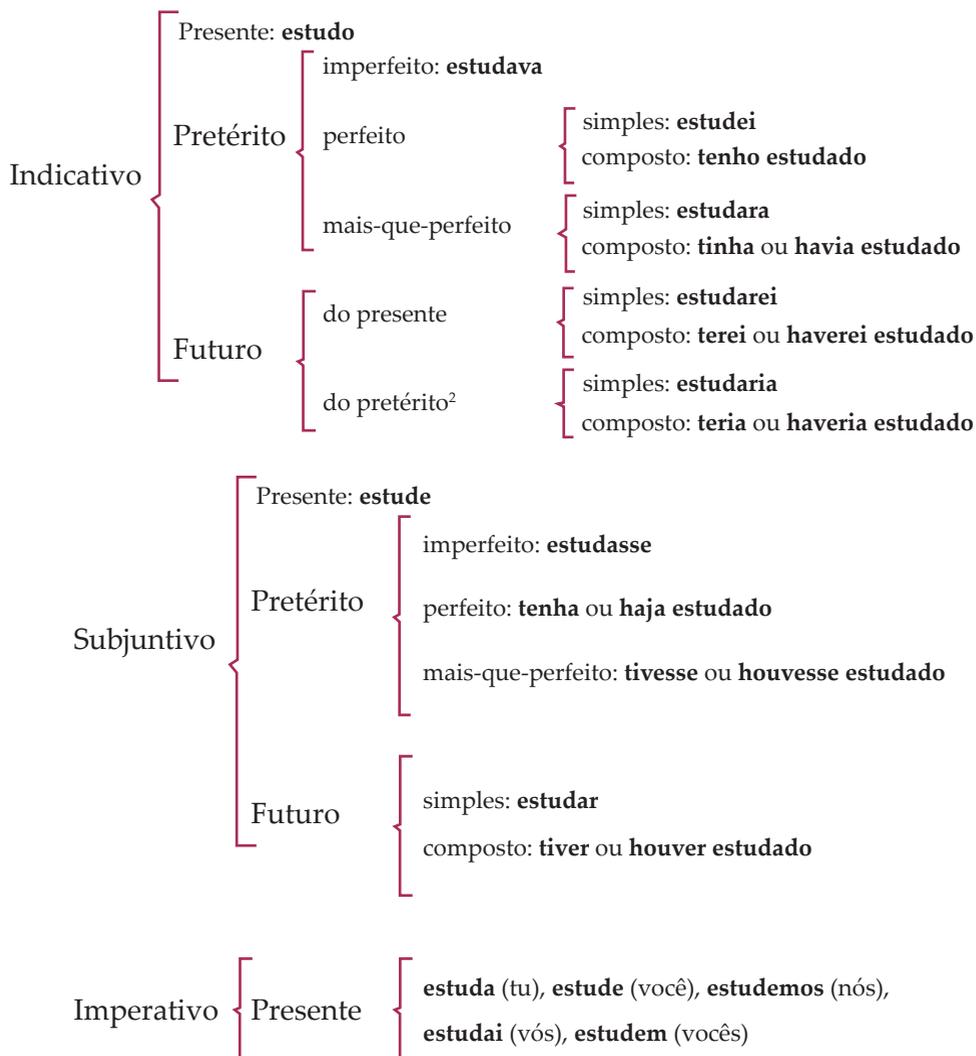
FIGURA 2 – PESSOAS DO DISCURSO

1ª pessoa do singular: eu canto
2ª pessoa do singular: tu cantas
3ª pessoa do singular: ele canta
1ª pessoa do plural: nós cantamos
2ª pessoa do plural: vós cantais
3ª pessoa do plural: eles cantam

FONTE: Bechara (2009, p. 183).

- PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: eu canto.
- PRÉTERITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito: cantava (imperfeito), cantei (perfeito) e cantara (mais-que-perfeito).
- FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdivididos em futuro do presente e futuro do pretérito: cantarei (futuro do presente), cantaria (futuro do pretérito), que implica também a modalidade condicional (cf. abaixo).

FIGURA 3 – TEMPOS VERBAIS



FONTE: Guimarães (2015, p. 395).

Os modos do verbo variam conforme a posição do falante segundo a relação que ocorre entre a ação verbal e seu agente. Assim, de acordo com Bechara (2009), podem ser:

- INDICATIVO – em referência a fatos como verossímeis ou tidos como tais: canto, cantei, cantava, cantarei.
- SUBJUNTIVO/CONJUNTIVO – em referência a fatos incertos: talvez cante, se cantasse.
- CONDICIONAL – em referência a fatos dependentes de certa condição: cantaria.
- OPTATIVO – em relação à ação como desejada pelo agente: E viva eu cá na terra sempre triste.
- IMPERATIVO – em relação a um ato que se exige do agente: cantai.

A flexão dos verbos compreende os verbos regulares, irregulares e anômalos, apresentando especificidades particulares que definem seu conceito e propriedades. O **verbo regular** se apresenta de acordo com o modelo de sua conjugação, sendo que o radical não varia, como em cantar, vender e partir. O verbo irregular consiste em algumas formas que apresentam modificação no radical ou na flexão, diferenciando do modelo da conjugação, somadas as seguintes características, segundo Bechara (2009):

- Variação no radical - em comparação com o infinitivo, como nos exemplos: ouvir – ouço; dizer – digo; perder – perco.
- Variação da flexão - em relação ao modelo: estou (canto), estás (cantas - um tônico e outro átono).

Os **verbos irregulares** também se dividem em fracos, que são aqueles que apresentam o radical no infinitivo e não sofrem modificações no pretérito, como em sentir-senti; perder-perdi. Os verbos irregulares fracos representam as formas iguais no infinitivo flexionado e no futuro do subjuntivo, observe:

QUADRO 1 – VERBOS IRREGULARES FRACOS

INFINITIVO	FUTURO DO SUBJUNTIVO
Sentir	Sentir
Sentir	Sentir
Sentirmos	Sentirmos
Sentirdes	Sentirdes
Sentirem	Sentirem

FONTE: O autor, adaptado de Bechara (2009).

Os verbos irregulares fortes definem o radical no infinitivo e se modificam no pretérito perfeito, como caber - couber; fazer - fiz. Desse modo, não apresentam identidade de formas no infinitivo flexionado e futuro do subjuntivo.

QUADRO 2 –VERBOS IRREGULARES FORTES

INFINITO FLEXIONADO	FUTURO DO SUBJUNTIVO
Caber	Couber
Caberes	Couberes

FONTE: O autor, adaptado de Bechara (2009).

O **verbo anômalo** indica o verbo irregular que apresenta na sua conjugação os radicais primários diferentes, como: ser – reúne dois radicais dos verbos latinos; e ir – reúne três radicais de verbos latinos. Tal tipo de verbo pode também evidenciar as alterações que não o enquadram em classificação, como: dar, estar, ter, haver, ser, poder, vir, ir, ver, caber, dizer, saber, pôr e outros.

FIGURA 4 – VERBOS ANÔMALOS

ser		ir	
presente do indicativo	pretérito do indicativo	presente do indicativo	pretérito do indicativo
sou	fui	vou	fui
és	foste	vais	foste
é	foi	vai	foi
somos	fomos	vamos	fomos
sois	fostes	ides	fostes
são	foram	vão	foram

FONTE: Tafner (2011, p. 82).

Conforme Bechara (2009), a conjugação do verbo pode ocorrer por meio dos verbos defectivos e abundantes. Assim, os verbos defectivos são aqueles que não apresentam todas as formas de conjugação, como nos exemplos: colorir, precaver-se, reaver e outros. E para não serem confundidos com os verbos denominados impessoais e unipessoais, são utilizados nas terceiras pessoas. O aparecimento da defectividade de alguns verbos não se refere às bases morfológicas, mas no uso e normas segundo determinados tempos da história da língua. Na língua portuguesa existem os seguintes grupos de verbos defectivos, de acordo com Bechara (2009):

- Os que não se conjugam nas pessoas em que depois do radical aparecem [a] ou [o]: banir, brandir, carpir, colorir, delir, explodir, fremer (ou fremir), haurir, ruir, exaurir, abolir, demolir, puir, delinquir, fulgir, feder, aturdir, bramir, jungir, esculpir, extorquir, impingir, retorquir, soer, espargir. Tais verbos

também não se empregam no pres. do subjuntivo, imperativo negativo, e no imperativo afirmativo só apresentam as segundas pessoas do singular e plural.

- Os que se usam unicamente nas formas em que depois do radical vem [i]: adir, aguerir, emolir, empedernir, esbaforir, espavorir, exinanir, falir, fornir, remir, ressequir, revelar, vagir, florir, renhir, garrir, inanir, ressarcir, transir, combalir.

Segundo Tafner (2011), o verbo abundante apresenta duas ou três formas iguais de valor e função, como em [havemos – hemos], [constrói – construí], [pagado – pago], [nascido – nato – nado (pouco usado)], que geralmente ocorrem no particípio. A forma regular do verbo abundante ocorre associada com os auxiliares [ter] e [haver], e na forma irregular com os verbos [ser] e [estar].

FIGURA 5 – VERBO ABUNDANTE

Infinitivo	Particípio Regular	Particípio Irregular
aceitar	aceitado	aceito, aceite
acender	acendido	aceso
eleger	elegido	eleito
entregar	entregado	entregue
expressar	expressado	expresso
ganhar	ganhado	ganho
isentar	isentado	isento
matar	matado	morto
omitir	omitido	omisso
salvar	salvando	salvo

FONTE: Tafner (2011, p. 83).

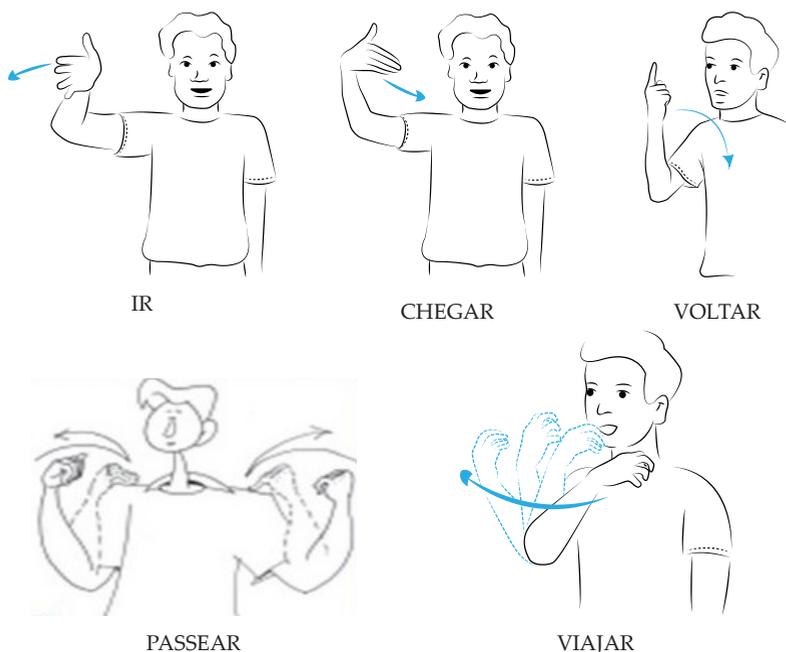
Os estudos sobre a classificação dos verbos consideram a sua função na locução verbal, podendo aparecer como verbos auxiliares ou principais. A locução verbal designa a combinação de diversas formas de um verbo auxiliar no infinitivo, gerúndio ou participativo de outro verbo, denominado como principal, como nos exemplos: hei de estudar, estou estudando, tenho estudado e outros. Assim, o verbo auxiliar empresta um sentido semântico ao verbo principal, originando os chamados aspectos do verbo. Entre os verbos auxiliar e principal no infinitivo podem contemplar ou não a presença de uma preposição [de, em, por, a, para]. Contudo, na locução verbal somente o verbo auxiliar recebe as flexões de pessoa, número, tempo e modo, como nos exemplos: haveremos de fazer, estavam por sair, iam trabalhando, tinham visto e outros. (BECHARA, 2009).

De acordo com Figueira (2011), em Libras, os verbos, com relação à concordância, apresentam dois tipos: os verbos que não possuem marca de concordância e os que possuem marca de concordância. Por conseguinte, os verbos que não possuem marca de concordância permanecem no infinitivo, numa forma verbal neutra que indica apenas o evento, como nos exemplos:

- EU TRABALHAR FACULDADE "eu trabalho na faculdade".
- EL@ TRABALHAR FACULDADE "ele/a trabalha na faculdade".
- EL@ + TRABALHAR FACULDADE "eles/as trabalham na faculdade".

Tais verbos podem se subdividir em outros subgrupos, como os verbos de movimento e locomoção. Assim, alguns podem derivar de sinais para os meios de transporte percebíveis no contexto, sendo utilizados como substantivos ou verbos.

FIGURA 6 – VERBOS DE LOCOMOÇÃO



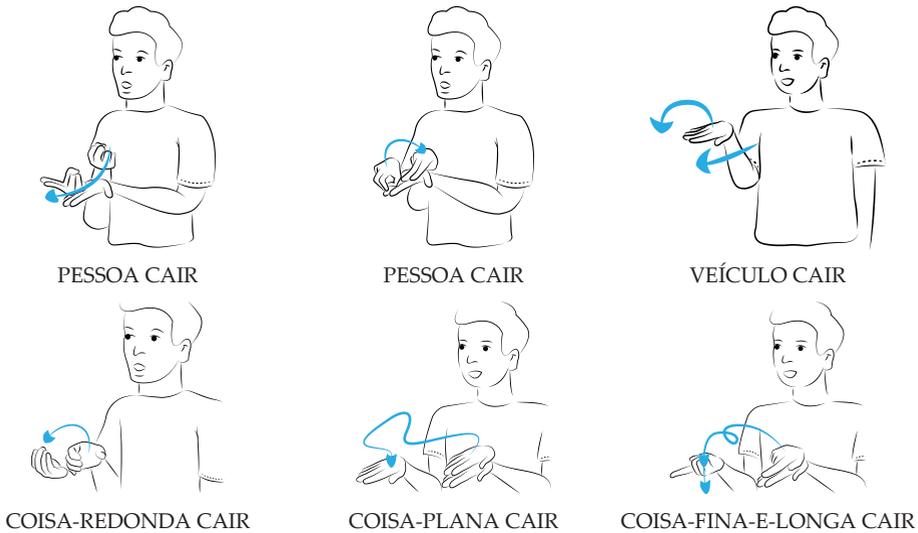
FONTE: <<https://pt.slideshare.net/lemesilvana/aulas-5-e-6>>. Acesso: 12 set. 2018.

Ainda para Figueira (2011), os verbos que possuem concordância são subdivididos pelo tipo de concordância como número-pessoal, localização e os classificadores. Os verbos que têm concordância número-pessoal possuem a orientação que marca as pessoas do discurso, ou seja, o ponto inicial concorda com o sujeito e o final com o objeto. Exemplos:

- 1s PERGUNTAR 2s "Eu pergunto a você"
- 2s PERGUNTAR 1s "Você me pergunta"
- 3s PERGUNTAR 1s "Ela me pergunta"

Nos verbos classificadores, a configuração de mão consiste na marca de concordância de gênero relacionado a pessoa, animal ou coisa. Portanto, os verbos que possuem concordância de gênero recebem a denominação de verbos classificadores, por concordarem com o sujeito ou objeto da frase. Como exemplo, os verbos CAIR e ANDAR/MOVER, que, dependendo do sujeito da frase, concordam com a pessoa, coisa ou animal (FIGUEIRA, 2011).

FIGURA 7 – VERBOS CLASSIFICADORES



FONTE: <<https://pt.slideshare.net/lemesilvana/aulas-5-e-6>>. Acesso em: 12 set. 2018.

Figueira (2011) afirma que os verbos que possuem concordância com a localização são aqueles que iniciam ou terminam em determinado lugar referente ao lugar de uma pessoa, animal, veículo ou coisa, por exemplo: está sendo colocado, carregado, entre outros. Sendo que o ponto de articulação marca a localização, e alguns podem ter classificadores com duas marcas de concordância: locativo e gênero. Exemplos:

- MESA_i COPO objeto-arredondado
- COLOCAR_i "eu coloco o copo na mesa"

Em suma, pode-se organizar o sistema de concordância verbal em Libras da seguinte forma, segundo Figueira (2011):

- Concordância número pessoal = parâmetro orientação.
- Concordância de gênero e número = parâmetro configuração de mão.
- Concordância de lugar = parâmetro ponto de articulação.

Os verbos em Libras podem também variar segundo sua tipologia, que os define como seu uso nas frases segundo o contexto empregado. Assim, são organizados em verbos direcionais, não direcionais, ancorados no corpo e os que incorporam ao objeto.

Verbos direcionais são os verbos que possuem a marca de concordância segundo a direção do movimento que apresenta o ponto inicial - o sujeito e o final - o objeto.

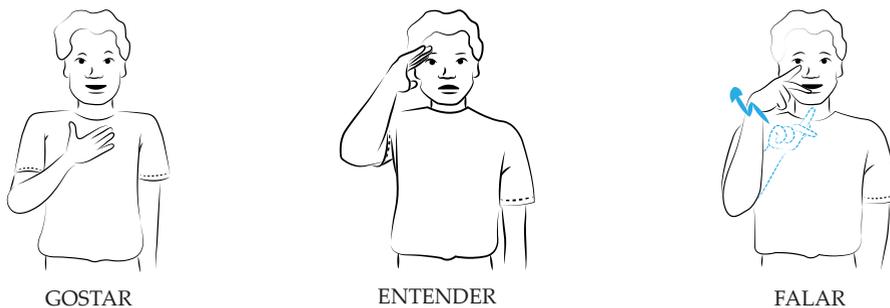
FIGURA 8 – VERBOS DIRECIONAIS



FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p. 44).

Os **verbos não direcionais** não apresentam marca de concordância, assim, aparecem na frase como se estivessem no infinitivo e podem ocorrer de duas formas: ancorados ao corpo e que incorporam ao objeto. Os que são ancorados ao corpo consistem em sinais realizados em contato muito próximo ao corpo, identificados como a classe de verbos cognitivos emotivos e das ações.

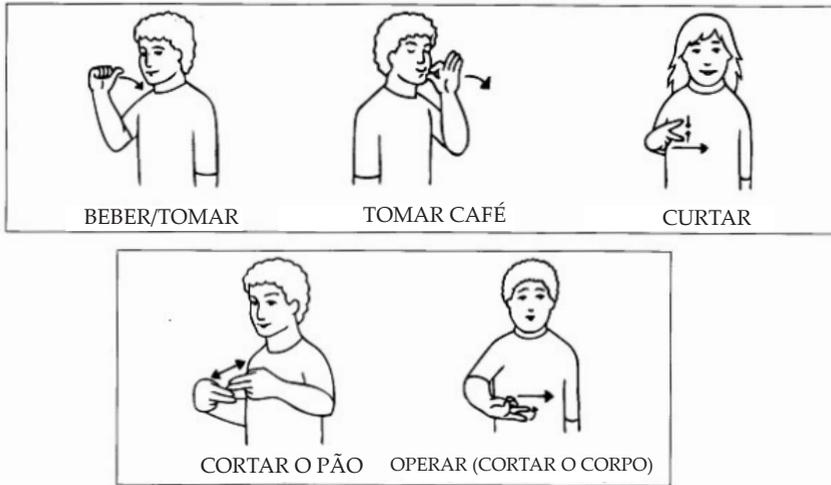
FIGURA 9 – VERBOS NÃO DIRECIONAIS ANCORADOS AO CORPO



FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p. 45).

Os verbos não direcionais que incorporam o objeto modificam alguns parâmetros para especificar uma determinada informação.

FIGURA 10 – VERBOS NÃO DIRECIONAIS QUE INCORPORAM O OBJETO



ABAIXAR	ABANDONAR	ABENÇOAR
ABRAÇAR(1)	ABRAÇAR(2) MANDAR	ABREVIAR
ABSORVER	ABSTER	ACABAR(DEIXAR PRONTO)
ACABAR(BASTA)		ACALMAR(1)
ACALMAR(2)(PEDIR CALMA)	ACAMPAR	ACEITAR
ACENDER(LUZ)	ACHAR/ENCONTRAR	ACHAR/SUPOR
ACOMPANHAR	ACONSELHAR	ACONTECER
ACORDAR	ABRIR PORTA	ABRIR OLHOS

FONTE: Barbosa e Oliveira (2013, p. 45-46).

3 CLASSIFICADOR NA LÍNGUA DE SINAIS

Para Supalla (1986), os classificadores acompanham os verbos de movimento (VM) e localização (VL), em que cada um dos parâmetros básicos, utilizados nesses verbos, consiste em morfemas. Assim também, nos classificadores as mãos e o corpo são usados como articuladores para indicar o nome do referente ou o agente da ação.

De modo geral, a forma básica do verbo inclui: um movimento inserido numa série restrita de movimentos; configuração de mão (CM) particular ou outra parte do corpo, como nos morfemas classificadores do VM ou VL; e por fim, um caminho para esse movimento. Assim, segundo Supalla (1986), as relações de localização entre o substantivo central e qualquer outro substantivo que serão representados, passam a ser marcadas por localizações da mão e dos articuladores do corpo. Grinevald (1996, apud SCHEMBRI, 2003, p. 15) sugere que:

A definição de Grinevald (1996) sugere os quatro critérios seguintes para distinguir verdadeiros classificadores de fenômenos relacionados: (a) Classificadores são morfemas explícitos. (b) Eles constituem um subsistema morfossintático. (c) Eles são sistemas de classificação semanticamente motivados que não classificam todos os substantivos. (d) Eles são sujeitos a condições de uso pragmático-discursivas.

Segundo Schembri (2003), a escolha de classificadores em línguas orais tende a ser motivada pelos fatores pragmático-discursivos, reproduzindo perspectivas diferentes sobre as características dos substantivos com os quais se relacionam, por exemplo, em birmanês, um classificador que se refere a um rio apresentará como relativo a um rio em um mapa, um rio como um caminho para o mar. Contudo, na língua de sinais, a opção da CM e de um VM ou um VL será influenciado pelas características visuais do referente.

Para Supalla (1986), um classificador de entidade, a CM pode representar o referente, paciente ou o tema do verbo. Contudo, as opções do uso das CMs nos verbos de manuseio, como a CL de instrumento, ou em verbos de descrição visual-geométrica, os ETFs, não aparentam similaridades com os classificadores em línguas orais. Assim, os classificadores na língua de sinais não possuem a função primária de classificação.

De acordo com Aronoff et al. (2003), alguns classificadores orais são bem semelhantes aos empregados na língua de sinais, contudo, o uso do mesmo termo infere em comparações entre os vários sistemas classificatórios, que resulta na compreensão dos utilizados na língua de sinais. Prosseguindo, os classificadores caracterizados como VM ou VL consistem em predicado complexo que designa a existência, movimento ou localização de um substantivo no contexto do enredo.

Para Quadros e Karnopp (2004), o sistema de classificadores compõe o léxico nativo da Libras e faz parte do processo morfológico da formação lexical. Desta forma, a modalidade espaço-visual passou a influenciar a formação de classificadores, porém o classificador continua sendo considerado como léxico, seguindo o padrão encontrado nas línguas naturais.

Brito (1995) aponta que em Libras, os classificadores são utilizados em VMs e VLs assim como na ASL – Língua de Sinais Americana. Além da CM, a orientação da palma da mão consiste no elemento importante nas formações dos classificadores.

FIGURA 11 – DESCRIÇÃO DE CM DE CLASSIFICADORES USADOS COM MAIOR FREQUÊNCIA EM LIBRAS

CONFIGURAÇÃO DE MÃO (CM)		USOS E EXEMPLOS
Y		Usada para reoresentar uma pessoa gorda andando, objetos largos de forma irregular (como telefone, bule de café, salto de sapato, ferro de passar roupas, avião, submarino, chifre de boi), roupas, alimentos e outros objetos em uma casa.
B		CM com algumas variações quanto ao dedo polegar estendido ou não, usada para representar coisas planas, lisas ou superfícies onduladas (como veículos, o telhado de uma casa, um pé num sapato, um livro, uma casa ou rodas de trem[?]).
G1		Usada para descrever formas lineares, para indicar lugares usando a ponta do dedo e para representar objetos longos e finos (uma pessoa, um poste, um prego, rabo de animais).
F		Usada para representar pequenos objetos cilíndricos (como moedas, botões, uma gota de água), para mostrar o modo de segurar objetos pequenos e finos e usando as duas mãos para descrever objetos cilíndricos longos (como um cano fino).
A(S)		Usada para segurar objetos (como uma faca, um guarda-chuva ou um ramalhete de flores).
V		Usada para representar pessoas (uma pessoa caminhando - V com as pontas dos dedos para baixo, ou duas pessoas em pé - V com as pontas dos dedos para cima).
5		Usada como um substituto do substantivo, pode referir-se a várias entidades (plural) ou somente uma entidade (sem exemplos).

FONTE: Brito (1995, p. 107-112).

Os classificadores apresentam a função de pronome quando substituem um termo citado anteriormente; de adjetivo e de localização, mais especificamente quando delimitam o referente. Apresentam a função de unir sintaticamente as orações em Libras, substituindo os conectivos e as preposições em Libras. Para Pimenta e Quadros (2009, p. 82):

Os classificadores - CL fazem parte do uso de estratégias para o estabelecimento de pontos espaciais e podem ser realizados em pontos específicos do espaço, assim como os sinais específicos, ou serem usados incorporando os pontos por meio de movimentos, assim como alguns sinais.

De modo geral, são recursos linguísticos utilizados para descrever pessoas, animais e objetos, como também para identificar sua movimentação ou localização. Como no exemplo da palavra BOLA, que apresenta um sinal próprio, mas somado a um classificador, altera seu sentido conforme a especificidade atribuída na narrativa, que pode ser de vôlei, futebol, basquetebol e outros. (PIMENTA; QUADROS, 2009). Os classificadores na língua de sinais são compostos pelos seguintes tipos, segundo Pimenta e Quadros (2009):

CL-D Descritivo - utilizados para descrever o tamanho e a forma de um objeto ou corpo de uma pessoa ou animal. De modo geral, são produzidos com ambas as mãos para sinalizar formas simétricas ou assimétricas, como um vaso, uma caixa, descrição de uma roupa e outros. Associa o sinal a expressões faciais que complementam o realizado na configuração de mãos e movimentos.

CL-ESP Especificador - serve para especificar a textura dos objetos ou corpo de uma pessoa ou animal, incluindo o seu estado em movimento. Utilizado após o CL-D apresenta a função complementar, ou seja, primeiro o falante descreve a forma ou tamanho, depois especifica com detalhes de textura, brilho, movimento e outros. Como exemplo, as folhas de uma árvore no vento, a superfície lisa e brilhosa de um vaso e outros. Associa-se expressões faciais que complementam a configuração de mãos e movimentos.

CL-I Instrumental - demonstra ações de segurar, apertar, erguer, carregar e manusear objetos, pessoas ou animais, sendo relacionado à forma do referente que expressa a maneira como alguém a manuseia. Exemplos como carregar um balde pela alça, puxar uma gaveta. Associado a expressões faciais que complementam a configuração de mãos e movimentos.

CL-P Plural - demonstra o movimento ou posição de um número de objetos, pessoas ou animais que pode ser determinado ou indeterminado. Como nos exemplos: três pessoas andando juntas (número determinado); pessoas sentadas na plateia (número não determinado). Também se associa a expressões faciais que acompanham a configuração de mãos e movimento.

CL-C Corpo - apresenta uma parte específica do corpo em uma posição determinada ou realizando uma ação, por meio da configuração de mão. Como nos exemplos: ação da boca de um hipopótamo; as orelhas de um gato em movimento.

Os classificadores em Libras, portanto, consistem em configurações de mãos relacionadas a uma determinada coisa, pessoa e animal, e funcionam como marcadores de concordância verbal. Assim, "[...] os classificadores são formas que, substituindo o nome que as precede, vêm junto ao verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. [...] marcados de concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL e COISA". (FIGUEIRA, 2011, p. 118).

Contudo, os classificadores não podem ser confundidos com os adjetivos descritivos. Relembrando que os classificadores constituem algumas configurações de mãos que são incorporadas ao movimento de certos tipos de verbos e que são obrigatórios para determinar seu sentido. Os adjetivos descritivos são espaço-visuais e representam iconicamente as qualidades dos objetos, isentos de concordância de gênero, que é a característica dos classificadores nas línguas de sinais de modo geral (FIGUEIRA, 2011).

4 ADVÉRBIO

O advérbio consiste na expressão que modifica e que denota uma circunstância que pode ser de lugar, tempo, modo, intensidade, condição e outros, desempenhando na oração a função de adjunto adverbial. Como no exemplo: *Aqui tudo vai bem* (lugar e modo); *Hoje não irei lá* (tempo, negação, lugar); *O aluno talvez não tenha redigido muito bem* (dúvida, negação, intensidade, modo) (BECHARA, 2009).

De forma geral, o advérbio se constitui por palavra de natureza nominal ou pronominal referente geralmente ao verbo, ou também, inserido no grupo nominal unitário com um adjetivo e um advérbio, enquanto intensificador, ou ainda como uma declaração inteira, por exemplo: José escreve *bem* (advérbio em referência ao verbo); José é *muito* bom escritor (advérbio em referência ao adjetivo bom); José escreve *muito* bem (advérbio em referência ao advérbio bem); *Felizmente* José chegou (advérbio em referência a toda a declaração). Os advérbios se distribuem na função de assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do que fala (os de lugar), ou também de modo pelo qual se visualiza o estado das coisas apresentado na oração. (BECHARA, 2009).

A locução adverbial consiste no grupo formado de preposição acrescido do substantivo, que possuem o valor e o emprego de advérbio. A preposição nesse caso atua como transpositor que prepara o substantivo para ocupar uma função diferente, como nos exemplos: com efeito, de graça, às vezes, em silêncio, por prazer, sem dúvida e outros. Na formação da locução adverbial o substantivo pode se apresentar no masculino ou feminino, como também no singular ou plural em expressões fixas, como: na verdade, de nenhum modo, em breve, à direita e outros. Nas locuções adverbiais de tempo e modo a preposição não se subentende, como: Esta semana (por esta semana) teremos prova (BECHARA, 2009).

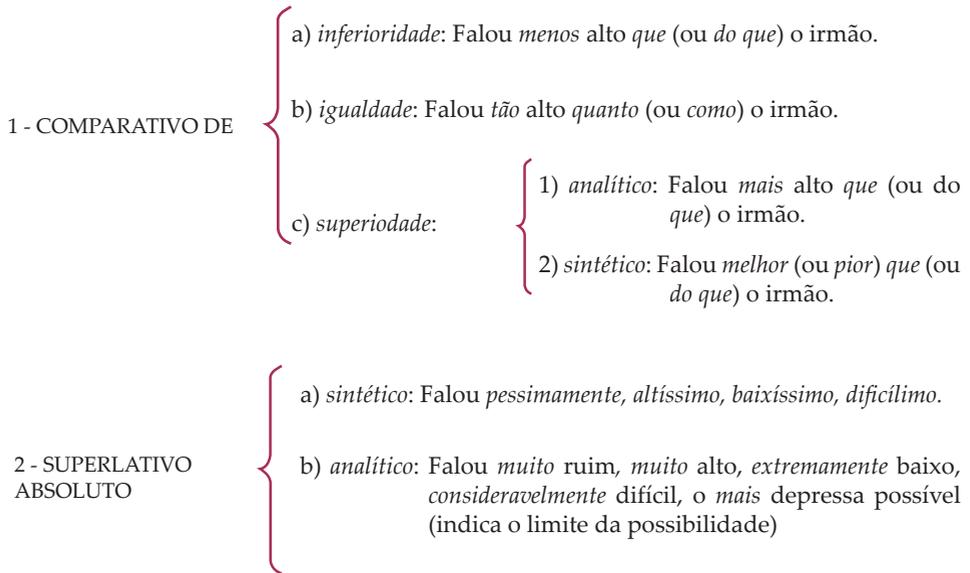
FIGURA 12 – CLASSIFICAÇÕES DOS ADVÉRBIOS OU LOCUÇÕES ADVERBIAIS

DE LUGAR	<ul style="list-style-type: none"> • à direita, à esquerda, à distância, ao lado, abaixo, acima, aí, atrás, dentro, fora, junto, lá, longe, para dentro, perto, por ali etc.
DE TEMPO	<ul style="list-style-type: none"> • à noite, à tarde, agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, às vezes, cedo de vez em quando, depois, em breve, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, sempre, tarde etc.
DE MODO	<ul style="list-style-type: none"> • à vontade, aos trancos e barrancos, às avessas, assim, de má vontade, depressa, devagar, em geral, mal, melhor, pior e quase todos os terminados em -mente (deliciosamente, facilmente, graciosamente etc).
DE NEGAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • não, em absoluto, de forma alguma, de modo algum.
DE DÚVIDA	<ul style="list-style-type: none"> • acaso, talvez, prossivelmente, porventura, provavelmente, quem sabe.
DE INTENSIDADE	<ul style="list-style-type: none"> • bastante, bem, demais, extremamente, mais, menos, muito, pouco, de todo.
DE AFIRMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • sim, certamente, com certeza, sem dúvida.

FONTE: Guimarães (2015, p. 66-67).

A intensificação gradual dos advérbios diz respeito a certos advérbios, como os de modo, que podem apresentar uma relação intensificadora de forma gradual, sendo empregado no comparativo e superlativo segundo as regras aplicadas aos adjetivos.

FIGURA 13 – INTENSIFICAÇÃO GRADUAL DOS ADVERBIOS



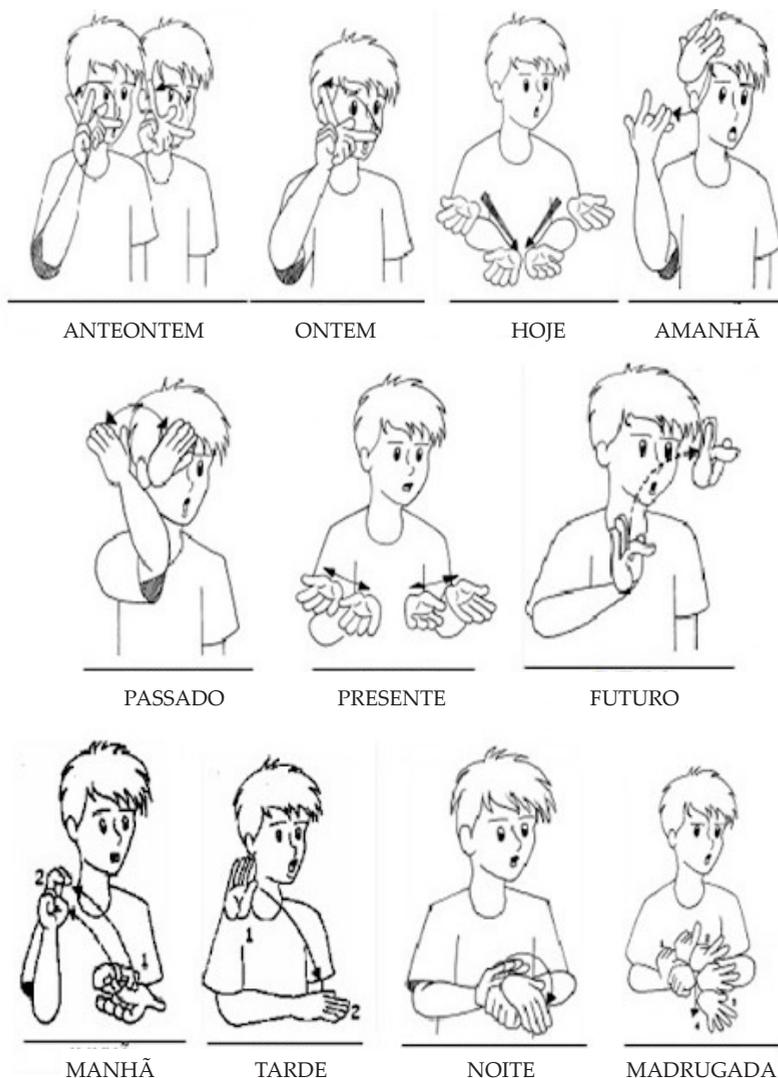
FONTE: Bechara (2009, p. 248).

O diminutivo com valor de superlativo ocorre na linguagem familiar e expressa o valor superlativo do advérbio na forma diminutiva, combinando o valor lexical das unidades que fazem uso, como: Andar devagarzinho (muito devagar, um tanto devagar) (BECHARA, 2009).

Segundo Baggio (2017), em Libras como na língua portuguesa, não existe a seleção de gênero e número para os advérbios. "O advérbio exerce a função de caracterizar o processo verbal, explicitando as circunstâncias em que tal processo ocorre" (BAGGIO, 2017, p. 122), e pode referir a um adjetivo ou outro advérbio. Segundo Baggio (2017), são caracterizados em:

- **ADVÉRBIO DE TEMPO**: são advérbios que marcam em que tempo está ocorrendo a ação: presente (hoje, agora); passado (ontem, anteontem) e futuro (amanhã). Os verbos quando transcritos para o português apresentam a flexão no infinitivo. Os advérbios geralmente aparecem no início da frase, mas podem aparecer também no final. Caso na frase não haja um advérbio para marcar o tempo, utilizam-se dos sinais para [hoje], [passado] ou [futuro]. **EXEMPLO**:
- **HOJE (EU) VIAJAR SÃO PAULO.**
- **ANTEONTEM MAMÃE COMPRAR VASO.**

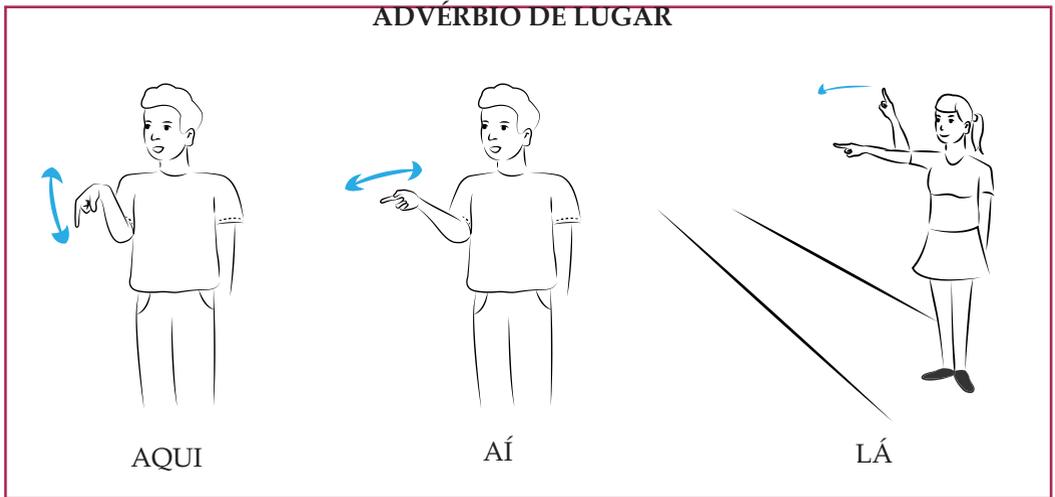
FIGURA 14 – ADVÉRBIOS DE TEMPO EM LIBRAS



FONTE: <<http://libraspocosdecaldas.blogspot.com/2016/12/adverbio-de-tempo.html>>. Acesso em: 12 set. 2018.

- **ADVÉRBIO DE LUGAR:** os advérbios de lugar aqui, aí e lá são idênticos aos dos pronomes demonstrativos EST@, ESS@ e AQUEL@, respectivamente.

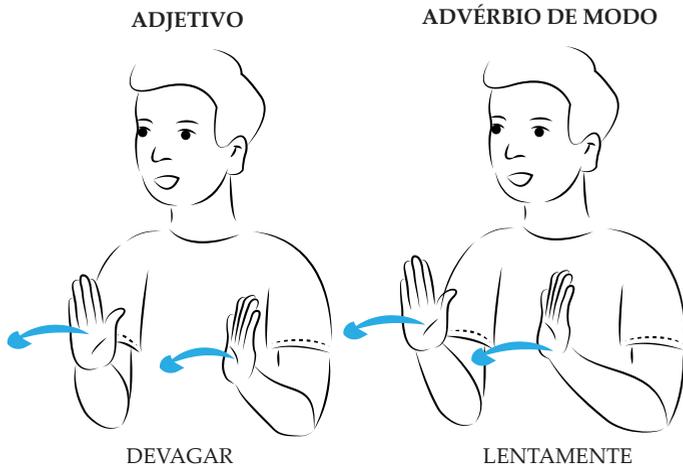
FIGURA 15 – ADVÉRBIO DE LUGAR EM LIBRAS



FONTE: < <https://pt.slideshare.net/LiseteLima/apostila-libras-reformulada-completa>>.
Acesso em: 12 set. 2018.

- **ADVÉRBIO DE MODO:** em Libras as marcações de intensidade, quantidade, modo, reciprocidade, habitualidade, para ações ininterruptas ou incessantes, são marcadas pelo uso da modificação no movimento do sinal. Assim, segundo Baggio (2017), a maioria dos advérbios é representada por meio de expressões não manuais ou por uma pequena mudança no movimento do sinal, transmitindo a ideia de intensidade: muito, pouco, depressa, calmamente, alegre, muito alegre e outros.

FIGURA 16 – ADVÉRBIO DE MODO



ADJETIVO



RÁPIDO

ADVÉRBIO DE MODO



RAPIDAMENTE

FONTE: <<https://pt.slideshare.net/lemesilvana/curso-de-libras-2-aula>>. Acesso em: 12 set. 2018.

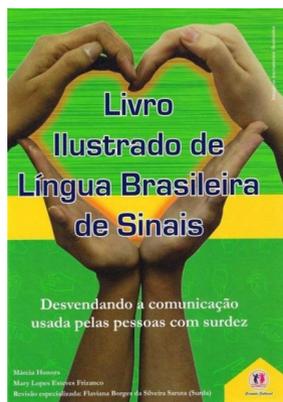
Para Baggio (2017), a maioria dos advérbios é representada utilizando de expressões não manuais, como também por uma pequena alteração que modifica o movimento do sinal, transmitindo a noção de intensidade, como muito, pouco, depressa e outros.



Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez, este livro enfoca o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) através de campos semânticos de forma visual e elucidativa, tendo como objetivo diminuir a barreira de comunicação entre ouvintes e surdos.

Conheça a obra e amplie seus conhecimentos!

FONTE: HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary L. E.; SARUTA, Flaviana B. S. LIVRO ILUSTRADO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.



RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- Os verbos consistem em palavras compostas por tempos variáveis que apontam sobre um acontecimento em um tempo específico. Note que enquanto o substantivo (nome) posiciona os seres no espaço, o verbo os situa no tempo.
- O verbo combina com os instrumentos gramaticais como os morfemas, relacionados ao tempo, ao modo, à pessoa, ao número e outros.
- Os modos do verbo variam conforme a posição do falante segundo a relação que ocorre entre a ação verbal e seu agente.
- A flexão dos verbos compreende os verbos regulares, irregulares e anômalos, apresentando especificidades particulares que definem seu conceito e propriedades.
- A conjugação do verbo pode ocorrer por meio dos verbos defectivos e abundantes.
- Os estudos sobre a classificação dos verbos consideram a sua função na locução verbal, podendo aparecer como verbos auxiliares ou principais.
- Na Libras, os verbos, com relação à concordância, apresentam dois tipos: os verbos que não possuem marca de concordância e os que possuem marca de concordância.
- Nos verbos classificadores, a configuração de mão consiste na marca de concordância de gênero relacionado a pessoa, animal ou coisa.
- Os verbos em Libras podem também variar segundo sua tipologia, que os define como seu uso nas frases segundo o contexto empregado. Assim, são organizados em verbos direcionais, não direcionais, ancorados no corpo e os que incorporam ao objeto.
- Os classificadores acompanham os verbos de movimento (VM) e localização (VL), em que cada um dos parâmetros básicos utilizados nesses verbos consiste em morfemas.
- O sistema de classificadores compõe o léxico nativo da Libras e faz parte do processo morfológico da formação lexical. Desta forma, a modalidade espaço-visual passou a influenciar a formação de classificadores, porém o classificador continua sendo considerado como léxico, seguindo o padrão encontrado nas línguas naturais.

- Os classificadores apresentam a função de pronome quando substituem um termo citado anteriormente; de adjetivo e de localização, mais especificamente quando delimitam o referente.
- São recursos linguísticos utilizados para descrever pessoas, animais e objetos, como também para identificar sua movimentação ou localização.
- O advérbio consiste na expressão que modifica e que denota uma circunstância que pode ser de lugar, tempo, modo, intensidade, condição e outros, desempenhando na oração a função de adjunto adverbial.
- A locução adverbial consiste no grupo formado de preposição acrescido do substantivo, que possuem o valor e o emprego de advérbio. A preposição nesse caso atua como transpositor que prepara o substantivo para ocupar uma função diferente.
- Em Libras, como na Língua Portuguesa, não existe a seleção de gênero e número para os advérbios.
- A maioria dos advérbios é representada utilizando-se de expressões não manuais, como também por uma pequena alteração que modifica o movimento do sinal, transmitindo a noção de intensidade, como muito, pouco, depressa e outros.



1 Os verbos seriam palavras que referem à organização do falar no seu significado lexical, ou seja, seriam palavras que inferem sobre situações de ação, estado ou mudança de estado, fenômenos meteorológicos em relação a um determinado tempo. Reflita sobre as características que envolvem a composição dos tempos verbais e associe as sentenças.

- I - Vogal temática.
- II - Tema.
- III- Desinência modo-temporal.
- IV- Desinência número-pessoal.

- () São morfemas que designam o modo e o tempo do verbo.
- () Apontam a conjugação a que o verbo pertence.
- () Consiste no radical acrescido da vogal temática.
- () Seria a pessoa e o número no verbo.

Assinale a alternativa CORRETA:

- a) () III, I, II, IV.
- b) () I, II, IV, III.
- c) () II, III, I, IV.
- d) () III, II, IV, I.



2 O uso dos classificadores nas línguas orais é influenciado pelos fatores pragmático-discursivos, que reproduzem variações nas características dos substantivos com que se relacionam. Entretanto, na língua de sinais, a opção da CM e de um VM ou VL sofre alterações oriundas das características visuais do referente. Analise sobre a função dos classificadores na língua de sinais e assinale a alternativa CORRETA:

- a) () Unem sintaticamente as orações em Libras e substituem os conectivos e preposições, utilizados para descrever pessoas, animais e objetos, identificando a movimentação e localização.
- b) () Consistem na configuração de mão que define a concordância de gênero relacionado a pessoa, animal ou coisa, sendo que acrescidos aos verbos, definem a concordância de gênero.
- c) () Definem a combinação de verbos associados a complementos para auxiliar no infinitivo, gerúndio ou participativo com outro verbo, denominado enquanto principal na estrutura da oração.
- d) () Estruturam a classificação dos verbos e apresentam como função a organização da locução verbal, composto de configurações de mão que designam os verbos auxiliares.



FLEXÃO NA LÍNGUA ORAL E LÍNGUA DE SINAIS

1 INTRODUÇÃO

Nesse tópico estudaremos os aspectos referentes às definições que envolvem compreensões quanto à flexão na língua oral e na língua de sinais. Desta forma, o assunto foi organizado de modo a considerar o conceito de flexão como componente lexical da gramática, composto por três elementos: composição, derivação e flexão. Assim, nesse tópico de estudos foram priorizados os morfemas flexionais organizados como flexão nominal e flexão verbal.

Portanto, apresentaremos no entendimento das línguas orais, enfatizando a língua portuguesa, o conceito de flexão nominal que compreende as características de número, gênero e grau dos substantivos. De igual forma, relacionamos os estudos referentes à flexão verbal que apontam sobre as noções de pessoa, número, tempo e modo que aparecem nos verbos no uso de morfemas flexionais ou as desinências.

Por fim, organizamos o sumo textual que infere sobre a flexão na língua de sinais em processos diferentes que consideram a pessoa, o número, o grau, o modo, a reciprocidade, o foco temporal, os aspectos temporal e distributivo. Nos estudos foram incorporadas as três classificações verbais: verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais, como também foram incorporados os tipos de flexão que envolvem a língua de sinais, caracterizados pela direção, velocidade/tensão, ciclicidade e duplicação das mãos.

2 CONCEITO DE FLEXÃO

O componente lexical da gramática apresenta três blocos de regras compostos por composição, derivação e flexão. Contudo, as regras de flexão nem sempre são nítidas, sendo confundidas com a derivação, como no exemplo de menino - s com flexão de número e o de menin - ada, como uma derivação ou uma flexão nominal. Assim, para Câmara (apud ROCHA, 2008, p. 189), "[...] flexão é o processo de 'flectir', isto é, fazer variar um vocábulo para nele expressar dadas categorias gramaticais". Deste modo, Câmara (apud ROCHA, 2008) apresenta a distinção conceitual entre flexão de derivação segundo alguns princípios.

QUADRO 3 – DISTINÇÃO CONCEITUAL ENTRE FLEXÃO E DERIVAÇÃO

FLEXÃO	DERIVAÇÃO
<p>A-Regularidade: os morfemas flexionais apresentam-se de maneira regular e sistemática.</p> <p>B-Concordância: os morfemas flexionais são exigidos pela natureza da frase.</p> <p>C-Não opcionalidade: os morfemas flexionais não dependem da vontade do falante para serem usados.</p>	<p>A - Irregularidade: os morfemas derivacionais apresentam-se de maneira irregular e assistemática.</p> <p>B – Não concordância: os morfemas derivacionais não são exigidos pela natureza da frase.</p> <p>C - Opcionalidade: os morfemas derivacionais podem ser usados ou não, de acordo com a vontade do falante</p>

FONTE: Câmara (apud ROCHA, 2008, p. 190).

As gramáticas apresentam como formas de derivação os casos que utilizam os denominados sufixos derivacionais, ou os sufixos como em formigueiro, teatral, constatação e outros. Nos casos de flexão são considerados como flexão e gênero o número e o grau dos nomes e a pessoa, o número, o tempo e o modo dos verbos. Os morfemas flexionais se estruturam de forma regular e sistemática, caracterizados como flexão nominal e flexão verbal (ROCHA, 2008).

3 FLEXÃO NOMINAL

A flexão nominal compreende as características de número, gênero e grau dos substantivos. Assim, o número do substantivo denota elementos morfológicos que os apresentam sistematicamente, conforme a forma marcada correspondente, ou seja, o número do substantivo prevê a regularidade do substantivo do singular para o plural, como no exemplo: menino/meninos; flor/flores (ROCHA, 2008).

Com relação ao gênero do substantivo, a flexão ocorre por meio de expediente sintático, podendo ser masculino ou feminino quando anexados determinantes flexionados em um dos dois gêneros, como nos exemplos: o livro enfadonhO; a caneta vermelhA. Ainda, há determinados substantivos que denotam o gênero por um determinante com marca distinta morfológica, como: estE meninO estudiosO; estA meninA estudiosA (ROCHA, 2008).

Contudo, apenas uma parte dos substantivos, os que determinam seres assexuados, recebem uma marca morfológica distintiva de gênero como gatO/gatA. Rocha (2008) assinala que 95,5% dos substantivos referem-se a seres não

sexuados e 4,5% a seres sexuados. Sendo ainda que, dos 4,5% nem todos recebem uma marca morfológica definida de gênero, como criança, cônjuge, homem e outros.

De forma geral, o gênero do substantivo na língua portuguesa se apresenta por um determinante flexionado. A descrição correta sobre os determinantes ao substantivo deve levar em consideração:

- 1º) Todo substantivo pertence ou ao gênero masculino ou ao gênero feminino;
 - 2º) O gênero do substantivo é uma categoria sintática; é explicitado através de um determinante flexionado;
 - 3º) Alguns poucos substantivos recebem uma marca morfológica de gênero.
- (ROCHA, 2008, p. 192)

Com relação ao grau do substantivo, pode-se acrescentar -inho ou -zinho a qualquer substantivo, sendo que em poucos serão adicionados o -ão ou algumas dessas variantes, ou seja, relativo ao grau, os substantivos apresentam uma determinada marca de grau diminutivo.

Essa universalidade do emprego do morfema de grau diminutivo do substantivo se deve ao fato de que ele é empregado na língua não só para indicar diminuição de tamanho, como também para expressar a emoção ou a afetividade que o falante coloca em seu discurso. (ROCHA, 2008, p. 193).

Um determinado substantivo, portanto, pode receber uma marca de grau diminutivo que indica a diminuição do seu tamanho, como também denota a emoção ou afetividade do falante em seu discurso. Para Rocha (2008), a afetividade se encontra presente na sufixação gradual, quando transmite a noção de aumento ou diminuição do tamanho.

4 FLEXÃO VERBAL

As noções de pessoa, número, tempo e modo se destacam nos verbos por meio de morfemas flexionais ou desinências. Assim, no exemplo [estudávamos] o [-va-] consiste no morfema cumulativo que expressa as noções de tempo e modo. Da mesma forma, a desinência [-mos] também é cumulativa e indica noções de pessoa e número. Os elementos [-va] e [-mos] são considerados como morfemas flexionais às desinências modo-temporais e número-pessoais, que caracterizam a regularidade e sistematização (ROCHA, 2008).

Nesse sentido, um verbo pode demonstrar a existência das mais variadas marcas possíveis de pessoa, número, tempo e modo. De modo geral, segundo o critério de regularidade, as categorias gramaticais de pessoa, número, tempo e modo são consideradas como flexões, já estudadas no tópico anterior, que apresentou as particularidades conceituais sobre os verbos.

Os morfemas verbais de pessoa e número são exigidos pela natureza da frase, e concordam com o sujeito, como: **NÓS** não concordamos com esta candidatura, ou ainda, **VÓS** trouxe**STES** a semente do bem. O mesmo ocorre com relação ao tempo e ao modo, contudo são exigidos pela situação e não pela natureza da frase. Assim, o falante dirá **ELE VEIO**, **ELE ESTÁ VINDO** ou **ELE VIRÁ**, variando conforme o passado, presente ou futuro, de acordo com uma determinada situação (ROCHA, 2008).

5 A FLEXÃO NA LÍNGUA DE SINAIS

A flexão na língua de sinais pode ocorrer por oito tipos de processos diferentes: pessoa (deixis), número, grau, modo, reciprocidade, foco temporal, aspecto temporal e aspecto distributivo.

FIGURA 17 – PROCESSOS DE FLEXÃO NA LÍNGUA DE SINAIS

PESSOA/ DEIXIS	<ul style="list-style-type: none"> Flexão que muda as referências no verbo.
NÚMERO	<ul style="list-style-type: none"> Flexão que indica o singular, dual, trial e o múltiplo.
GRAU	<ul style="list-style-type: none"> Apresenta, distinções para 'menor', 'mais próximo', 'muito' e outros.
MODO	<ul style="list-style-type: none"> Apresenta distinções, tais como os graus de facilidade.
RECIPROCIDADE	<ul style="list-style-type: none"> Indica aspectos temporais, tais como 'início', 'aumento', 'graduação', 'progresso', 'consequência' e outros.
FOCO TEMPORAL	<ul style="list-style-type: none"> Indica aspectos temporais, tais como 'início', 'aumento', 'graduação', 'progresso', 'consequência' e outros.
ASPECTO TEMPORAL	<ul style="list-style-type: none"> Indica distinções de tempo, tais como 'há muito tempo', 'por muito tempo', 'regularmente', 'continuamente' e outros.
ASPECTO DISTRIBUTIVO	<ul style="list-style-type: none"> Indica distinções tais como 'cada', 'alguns especificados', 'alguns não especificados' e outros.

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 111-112).

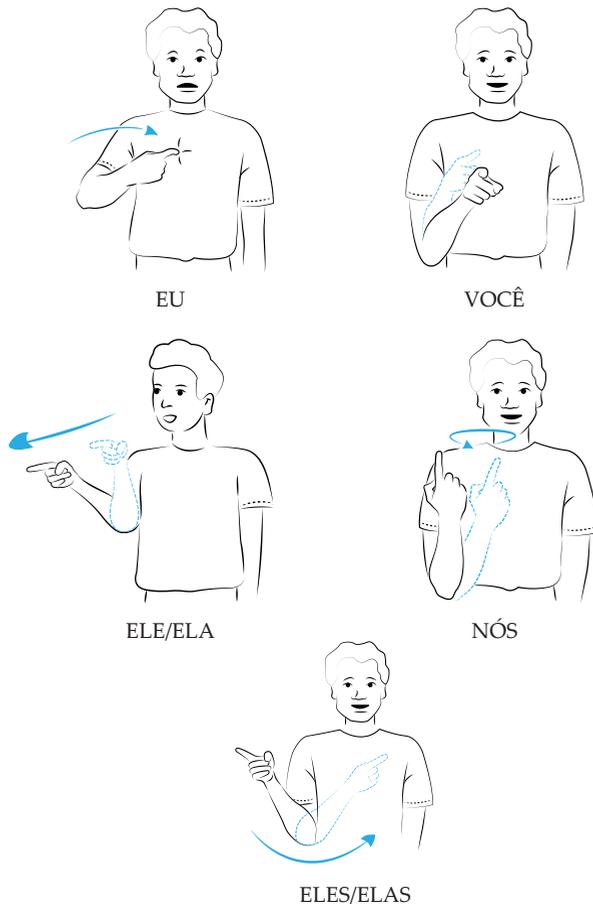


DEIXIS - Palavra grega que significa apontar ou indicar, descreve uma forma particular de estabelecer nominais no espaço que são utilizados pelos verbos com concordância como parte de sua flexão. A função dêitica em línguas de sinais, como na língua de sinais brasileira e na ASL, é marcada através da apontação propriamente dita. Os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, através da apontação em diferentes locais. As formas verbais para pessoa são estabelecidas através do início e fim do movimento e da direção do verbo, incorporando estes pontos previamente indicados no espaço para determinados referentes.

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 112).

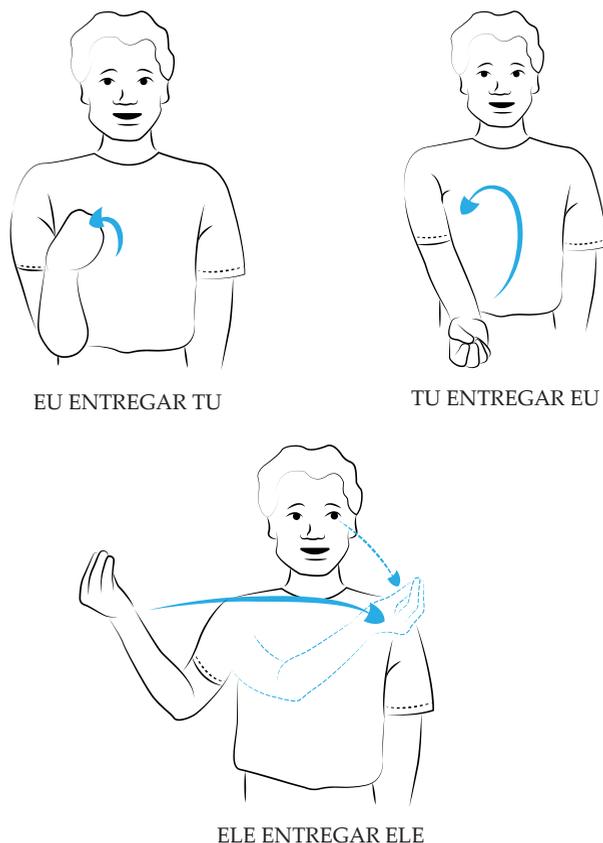
As figuras ilustram algumas das possibilidades referentes à língua de sinais brasileira, sobre a flexão verbal para pessoa, segundo Quadros e Karnopp (2004).

FIGURA 18 – 1ª, 2ª E 3ª PESSOA DO SINGULAR E DO PLURAL



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 112-113).

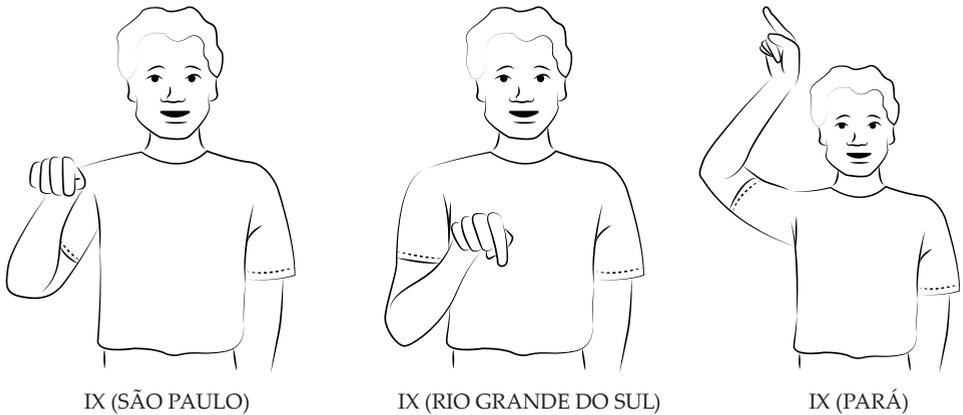
FIGURA 19 – VERBO FLEXIONADO



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 113).

Segundo Quadros e Karnopp (2004), há diversas formas de determinar os pontos estabelecidos no espaço, sendo a mais comum a apontação explícita que envolve referentes presentes ou não presentes. Nos referentes presentes a apontação ocorre à frente do sinalizador, direcionada para a posição atual do referente. Na referência não presente são estabelecidos pontos arbitrários no espaço, que envolvem localizações específicas, segundo as posições topográficas.

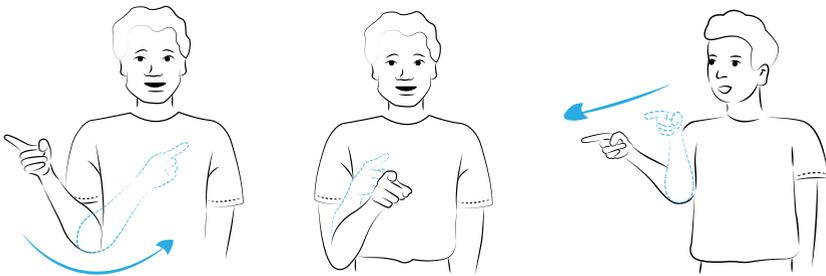
FIGURA 20 – MAPA DO BRASIL IMAGINÁRIO



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 114).

Na referência não presente os pontos estabelecidos acompanham a estrutura, e o espaço à frente do sinalizador será utilizado, considerando os contrastes entre os pontos estabelecidos. Ao ser relatada uma história com dois personagens principais, por exemplo, um deles estará à direita do sinalizador, e o outro à esquerda. Contudo, caso apareça um terceiro referente, será estabelecido um ponto diferente no espaço. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

FIGURA 21 – INTRODUÇÃO DE TRÊS REFERENTES NO MESMO TEXTO DISCURSIVO

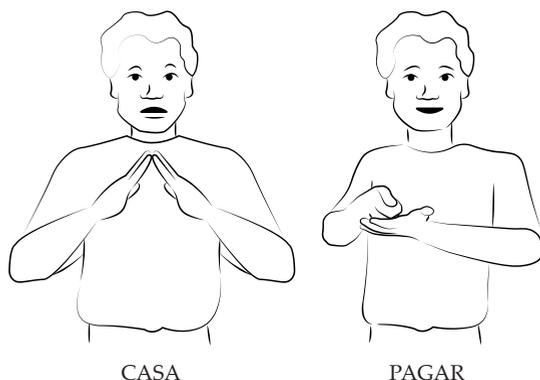


FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 115).

Assim sendo, existem diversas formas de estabelecimento de referentes, mesmo sendo restringidos pela capacidade de memória. Os referentes estabelecidos no espaço estão à disposição do discurso para serem utilizados novamente por meio da apontação ostensiva ou na flexão verbal. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Outra forma de determinar os pontos no espaço seria por meio da utilização de sinais e classificadores em um determinado local espacial. Uma vez que essa forma de sinal ocorre quando o sinal permite, ou seja, o verbo pode utilizar um ponto da mesma forma que o faz como a apontação no sinal, como nos exemplos dos sinais CASA e PAGAR.

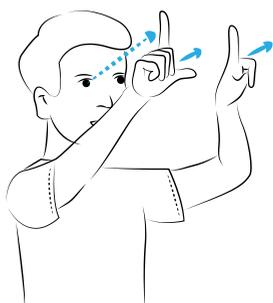
FIGURA 22 – SINAIS CASA E PAGAR



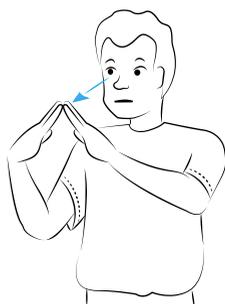
FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 115).

No estabelecimento de pontos, a direção do olhar e a posição do corpo servem para estabelecer referentes, sendo que a manifestação do olhar infere uma forma de concordância que acompanha a flexão verbal. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

FIGURA 23 – MARCAÇÃO DO OLHAR ASSOCIADA AOS SINAIS



<QUADRO-NA-PAREDE>do

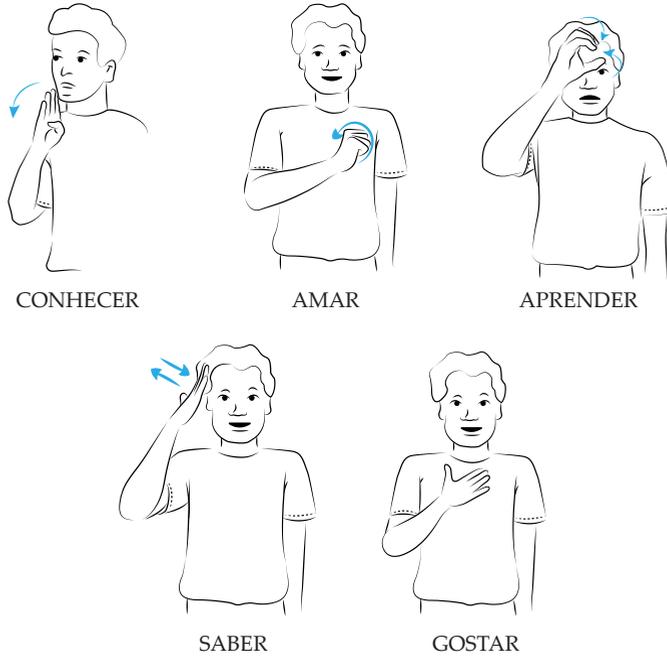


<AQUELA-CASA>do

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 116).

Os verbos na Língua de Sinais Brasileira e na ASL se dividem em três classes: verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais. Os **verbos simples** não se flexionam em pessoa e número e não incorporam afixos locativos, sendo que alguns desses verbos ainda apresentam flexão de aspecto, como CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR e GOSTAR.

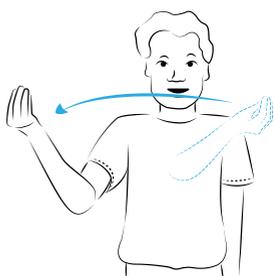
FIGURA 24 – VERBOS SIMPLES



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 117).

Os **verbos com concordância** apresentam flexão em pessoa, número e aspecto, contudo não incorporam afixos locativos como no caso dos verbos: DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER e PROVOCAR.

FIGURA 25 – VERBOS COM CONCORDÂNCIA



DAR



ENVIAR



RESPONDER



PERGUNTAR



DIZER

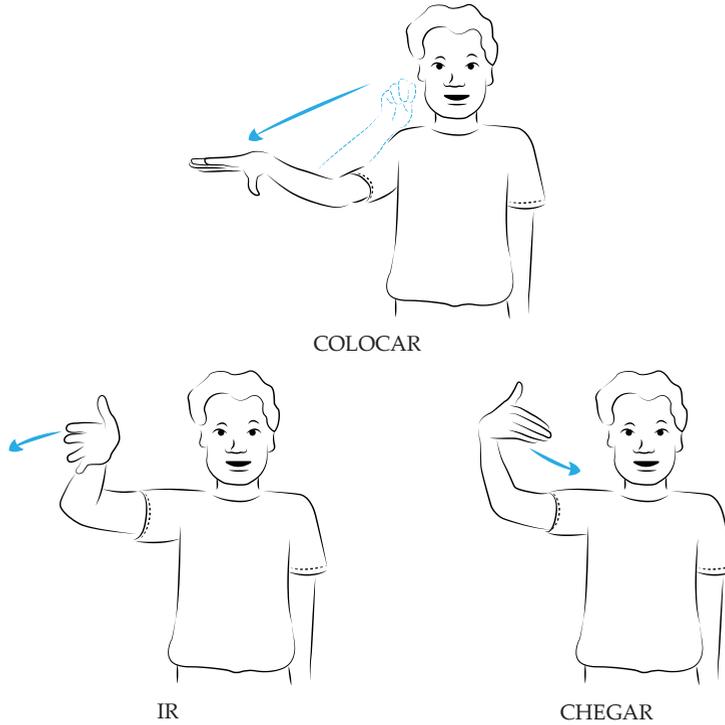


PROVOCAR

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 117-118).

Os **verbos espaciais** são verbos que contêm afixos locativos, os verbos que compõem essa classe são COLOCAR, IR e CHEGAR.

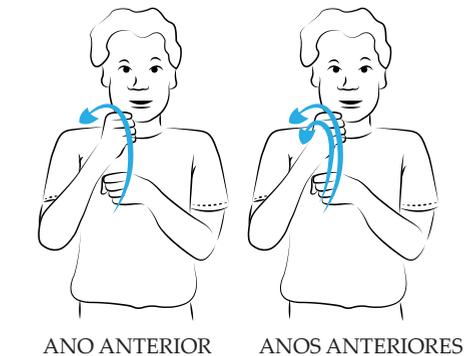
FIGURA 26 – VERBOS ESPACIAIS



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 118-119).

Na Língua de Sinais Brasileira há diversas formas de verbos e substantivos apresentarem a flexão de número, com a distinção entre o singular e o plural marcada por meio da repetição do sinal.

FIGURA 27 – FLEXÃO DE NÚMERO



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 119).

Contudo, há outra forma de flexão de número referente à distinção entre a flexão do verbo para um, três ou mais referentes. Dessa forma, o verbo apresenta concordância direcionada para um, dois, três pontos estabelecidos no espaço, como também para uma referência generalizada que inclui todos os referentes que integram o discurso.

FIGURA 28 – FLEXÃO DE NÚMERO DO VERBO ENTREGAR



(JOÃO) ENTREGARa (LIVRO)
João entregou o livro para alguém



(JOÃO) ENTREGARab (LIVRO)
João entregou o livro para cada um dos dois



(JOÃO) ENTREGARabc (LIVRO)
João entregou o livro para cada um dos três



(JOÃO) ENTREGARa+b+c+d (LIVRO)
João distribuiu os livros para todos

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 120).

A flexão de número difere do singular, dual, trial para a forma de plural que indica 'todos', assim o movimento do verbo será repetido a cada referente incluído. Sendo que, quando se infere sobre 'todos', um único movimento inclui todos os referentes na flexão, isento de especificidade. Juntamente a essas formas de flexão há a marcação de aspecto distributivo relacionado à flexão de número nos verbos que apresentam concordância. As formas de marcar o aspecto distributivo no verbo seriam: exaustiva, distributiva específica e distributiva não específica. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

O **aspecto distributivo** de forma exaustiva diz respeito à repetição exaustiva da ação. A **distributiva específica** refere-se à ação de distribuição para referentes específicos. A **distributiva não específica** nas ações de distribuição para referentes indeterminados. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

FIGURA 29 – ASPECTO DISTRIBUTIVO



ENTREGAR-PARA-ELES (exaustivo)



ENTREGAR-PARA-ELES (distributivo específica)



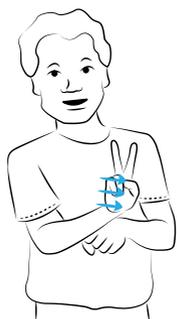
ENTREGAR-PARA-ELES (distributiva não-específica)

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 121).

A flexão do aspecto indica as formas e a duração dos movimentos, uma vez que a flexão de foco e o aspecto temporal consistem em diferentes flexões de aspecto distributivo, ou seja, apontam exclusivamente para a distribuição temporal sem incluir a flexão de número, que variam conforme os tipos de flexões: incessante, ininterrupta, habitual, contínua e duracional (QUADROS; KARNOPP, 2004).

O tipo de flexão **incessante** diz respeito à realização da ação de forma incessantemente. A **ininterrupta** aponta o início de uma ação que ocorre de forma ininterrupta. A **habitual** seria a ação que apresenta recorrência, a **contínua** como uma ação que indica a recorrência sistemática, e a **duracional** a ação consiste no caráter durativo e permanente. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

FIGURA 30 – TIPOS DE FLEXÃO



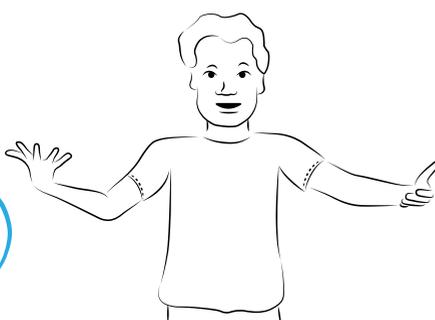
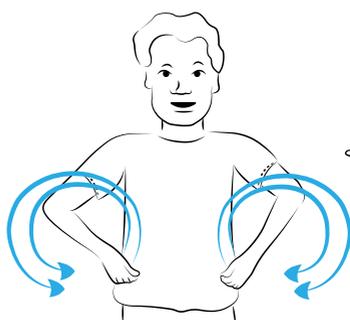
CUIDAR (incessante)
(cuidar+cuidar+cuidar
rapidinho)



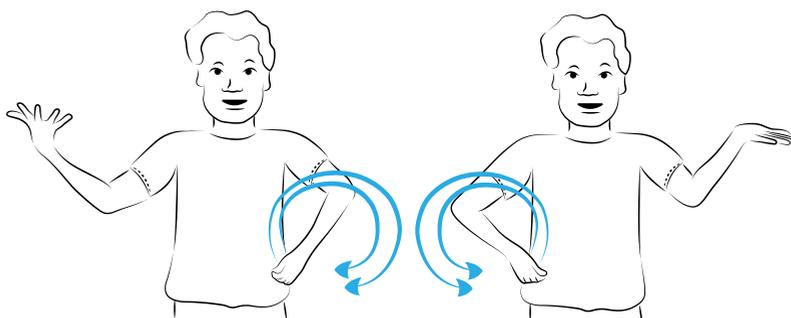
CUIDAR (ininterrupta)
(cuidar parado)



CUIDAR (habitual)
(cuidar+cuidar+cuidar
mais devagar)



GASTAR (contínua) (movimento circular maior)

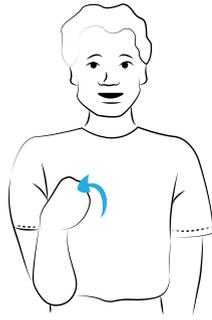


GASTAR (duracional)
(movimento circular com uma e outra mão consecutivamente)

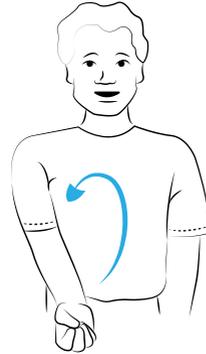
FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 123-124).

As formas com que os sinais podem ser acessados na ASL – Língua de Sinais Americana incluem ao todo 11 dimensões, que seriam: plano, padrão geométrico, direção, forma, velocidade, tensão, uniformidade, tamanho, padrões de curvatura, ciclicidade e duplicação das mãos. Tais dimensões variam conforme os padrões sistemáticos e evidenciam a complexidade das formas flexionais da língua de sinais. Na Libras se encontram presentes quando determinam a flexão e derivação nos sinais, sendo as mais comuns: direção, velocidade/tensão, tensão/tamanho, ciclicidade e duplicação das mãos.

FIGURA 31 – DIREÇÃO



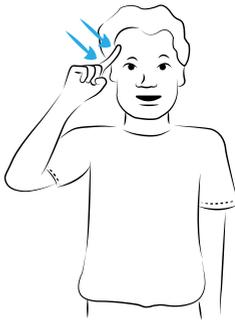
(EU) ENTREGAR (VOCÊ)



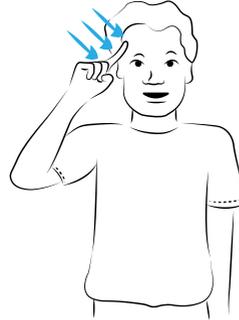
(VOCÊ) ENTREGAR (EU)

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 125).

FIGURA 32 – VELOCIDADE/TENSÃO



DIARIAMENTE



DIARIAMENTE ++

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 125).

FIGURA 33 – TENSÃO/TAMANHO



BONITO



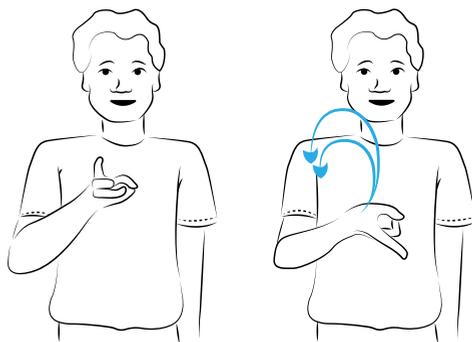
BONITO +



BONITÃO

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 125).

FIGURA 34 – CICLICIDADE

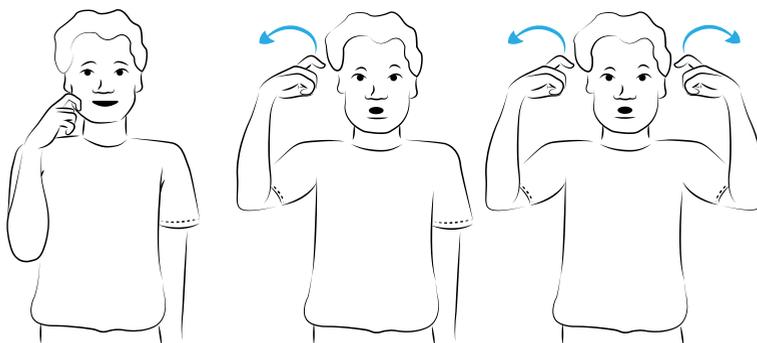


SEMPRE +

SEMPRE ++

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 126).

FIGURA 35 – DUPLICAÇÃO DAS MÃOS



VERGONHA

VERGONHA +

VERGONHA ++

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 126).



Confira a dica de filme!

Martin (Howie Seago) e Kai (Emmanuelle Laborit) são os pais de Clara (Tatjana Trieb), uma menina que passa a infância interpretando conversas para os pais que são surdos, já que ela escuta e é fluente na língua dos sinais. Clara se apaixona por música após ganhar um clarinete da tia, e se insere no mundo da música, que seus pais não podem participar.

Acesse o seguinte endereço e assista ao filme:
<https://www.youtube.com/watch?v=GPs-welveEQ>



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=GPs-welveEQ>>. Acesso em: 12 set 2018

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- Nos casos de flexão são considerados como flexão e gênero, o número e o grau dos nomes; a pessoa, o número, o tempo e o modo dos verbos. Os morfemas flexionais se estruturam de forma regular e sistemática, caracterizados como flexão nominal e flexão verbal.
- A flexão nominal compreende as características de número, gênero e grau dos substantivos. Assim, o número do substantivo denota elementos morfológicos que os apresentam sistematicamente, conforme a forma marcada correspondente.
- Com relação ao gênero do substantivo, ocorre por meio de expediente sintático, podendo ser masculino ou feminino quando anexados determinantes flexionados em um dos dois gêneros.
- Com relação ao grau do substantivo, pode-se acrescentar -inho ou -zinho a qualquer substantivo, sendo que em poucos serão adicionados o -ão ou algumas dessas variantes.
- As categorias gramaticais de pessoa, número, tempo e modo são consideradas como flexões, já estudadas no tópico anterior, que apresentou as particularidades conceituais sobre os verbos.
- Os morfemas verbais de pessoa e número são exigidos pela natureza da frase e concordam com o sujeito.
- A flexão na língua de sinais pode ocorrer por oito tipos de processos diferentes: pessoa (deixis), número, grau, modo, reciprocidade, foco temporal, aspecto temporal e aspecto distributivo.
- Há diversas formas de determinar os pontos estabelecidos no espaço, sendo a mais comum a apontação explícita que envolve referentes presentes ou não presentes.
- Os referentes estabelecidos no espaço estão à disposição do discurso para serem utilizados novamente por meio da apontação ostensiva ou na flexão verbal.
- No estabelecimento de pontos, a direção do olhar e a posição do corpo servem para estabelecer referentes, sendo que a manifestação do olhar infere uma forma de concordância que acompanha a flexão verbal.
- Os verbos na língua de sinais brasileira e na ASL se dividem em três classes: verbos simples, verbos com concordância e verbos espaciais.

- Na Língua de Sinais Brasileira há diversas formas de verbos e substantivos apresentarem a flexão de número, com a distinção entre o singular e o plural marcada por meio da repetição do sinal.
- Na Libras se encontram presentes quando determinam a flexão e derivação nos sinais, sendo as mais comuns: direção, velocidade/tensão, tensão/tamanho, ciclicidade e duplicação das mãos.



1 A estrutura lexical da gramática compreende três blocos de regras organizados em composição, derivação e flexão. Entretanto, nem sempre as regras de flexão são definidas de forma aparente, sendo muitas vezes confundidas com a derivação. Nesse sentido, reflita sobre as características que conceituam os termos flexão e derivação e descreva no quadro.

FLEXÃO	DERIVAÇÃO



2 A flexão na língua de sinais ocorre por meio de oito tipos de processos diferentes, a citar: pessoa, número, grau, modo, reciprocidade, foco temporal, aspecto temporal e distributivo. Nesse sentido, na flexão verbal existem diversas formas de determinar os pontos estabelecidos no espaço, geralmente incluem a apontação. Reflita sobre as características que envolvem a flexão verbal na língua de sinais.

- I- A apontação explícita envolve determinados referentes denominados de presentes ou não presentes.
- II- Na referência não presente a apontação ocorre em pontos arbitrários no espaço, envolvendo localizações.
- III- A referência presente seria apontação na frente do sinalizador na posição atual do referente.
- IV- A referência presente envolve localizações definidas como as posições topográficas.

Assinale a alternativa CORRETA:

- a) () I, II, III.
- b) () II, III, IV.
- c) () I, II, IV.
- d) () I, III, IV.



CONCEITO E DEFINIÇÃO DE GÊNERO

1 INTRODUÇÃO

Acadêmico, ao longo dessa unidade, estudamos sobre alguns elementos que constituem os estudos da morfologia na língua oral e na língua de sinais. Aproveitamos o ensejo e incorporamos algumas figuras que apresentam a descrição dos sinais para exemplificar os assuntos abordados.

Nesse tópico em particular destacamos o conceito e definição de gênero na língua oral e na língua de sinais. Assim, perceberemos que na língua oral as categorias gramaticais relacionadas a número e gênero se encontram no plano semântico-lexical a respeito do nome, contudo, no plano sintático se destacam na concordância aos tempos de sentido referentes ao artigo, adjetivo, pronome e numeral.

Por fim, apresentamos a definição e as características que envolvem a flexão de gênero na língua de sinais, com o destaque de que essa modalidade não ocorre por meio de desinências. Assim, a marca de gênero dos substantivos infere o acréscimo do sinal 'homem' ou 'mulher' aos substantivos.

A leitura complementar explicita a concordância verbal em língua de sinais e sua implicação na escrita da segunda língua, com preponderância textual sobre o primeiro termo. Deste modo, procuramos contribuir nos estudos de forma geral, com um suplemento conceitual a respeito da concordância verbal na língua de sinais.

2 DEFINIÇÃO DE GÊNERO NA LÍNGUA ORAL

As categorias gramaticais relacionadas a número e gênero se associam no plano semântico-lexical com relação ao nome, sendo que no plano sintático aparecem na forma de concordância relacionada aos termos que imprimem sentido: artigo, adjetivo, pronome e numeral. Desta forma, um sintagma como no exemplo - as mais belas garotas - os traços semânticos [-fêmea, -plural] referem-se ao nome - garotas - e não ao adjetivo - belas - ou ao artigo, advérbio, mas com relação à sua expressão mórfica (LUCCHESI, 2009).

Por meio dos elementos de concordância, os artigos, os adjetivos, os pronomes e os numerais se flexionam de acordo com o gênero e o número do nome que referem. Desta forma, no caso do gênero, a sua indicação mórfica ocorre na concordância em nomes que não apresentam uma marca formal de gênero. Como no sintagma - fotos coloridas - o gênero feminino do substantivo - foto - será indicado apenas pela morfologia de feminino do artigo e adjetivo. Em suma, a análise da categoria gramatical do gênero enfatiza a estruturação no léxico da língua, considerando a sua manifestação segundo a estrutura sintagmática da sentença (LUCCHESI, 2009).

A estrutura lexical dos nomes em português apresenta a categoria gramatical do gênero com apenas dois valores: masculino e feminino. Tais categorias se estruturam em dois planos distintos que abrangem toda uma classe de nomes, relacionados à distinção entre os sexos dos seres como ponto de referência (LUCCHESI, 2009).

Eventualmente na ausência de um gênero neutro para a classe dos nomes em português, as designações dos seres inanimados podem ser masculinas (planeta, leite, torpedo, caminhão) quanto femininas (porta, lente, foto, porção). Assim, o subconjunto do léxico que abrange os nomes designadores dos seres inanimados apresenta o gênero gramatical isento de relação com o conteúdo semântico do elemento lexical (LUCCHESI, 2009).

Tal situação ocorrida na base semântica explica as flutuações observadas na fixação do gênero gramatical em certos nomes de seres inanimados tanto de forma sincrônica quanto diacronicamente. Na forma diacrônica há vários casos de nomes de seres inanimados, assim como - planeta - linguagem - que mudaram de gênero ao longo do processo histórico da língua. Contudo, no subconjunto do léxico que apresenta as designações dos seres animados, o gênero gramatical acompanha o gênero natural, segundo a correlação geral com o significado. Como exemplo, as palavras masculinas que indicam designações dos seres de sexo masculino: homem, boi, pai, cavalo, rei, padre e outros. As femininas possuem designações dos seres do sexo feminino, como: mulher, mãe, vaca, égua, rainha, madre e outros (LUCCHESI, 2009).

Sobretudo, quando relacionados às situações especiais dos denominados nomes epicenos e sobrecomuns. Os nomes epicenos apresentam um único gênero e inferem determinados animais, independentemente do sexo, sendo que a distinção de feminino e masculino ocorre com o acréscimo das palavras: fêmea e macho, como no exemplo: Mataram uma cobra macho e capturaram um jacaré fêmea (LUCCHESI, 2009).

Os nomes sobrecomuns apresentam um traço semântico [+humano] que varia como os nomes epicenos. Nesse sentido, palavras como - indivíduo - cônjuges - serão sempre masculinos, ao passo que - criança - testemunha - aparecerão sempre na forma feminina, seja para referir indivíduos do sexo masculino ou do feminino. Mediante o exposto, os nomes epicenos e sobrecomuns possuem o gênero gramatical representado por um classificador mórfico isento de implicação no plano do significado (LUCCHESI, 2009).

Assim, no plano mórfico as classes dos nomes de gênero único são isentas de padrão regular que influencia uma indicação formal do gênero. Existem os nomes masculinos e femininos em todas as classes nominais temáticas, representados pelo tema [-a] como [cometa, poeta, poema] que são masculinos, e [mata, nora, beleza] considerados femininos. Os nomes que apresentam o tema em [-e] como [porrete, alfaiate, lembrete] são masculinos, sendo que [estante, lebre, gente] são femininos. Por fim, os nomes de tema [-o] considerados masculinos [livro, cão, trabalho] e exemplos femininos como [foto, mão, tribo] (LUCCHESI, 2009).

De modo geral, a ausência de um padrão no plano semântico e mórfico direciona o gênero do nome conforme os processos sintáticos da concordância e correlação anafórica. Segundo Said Ali (1964, p. 33),

(i) masculino é todo nome a que se pode antepor o artigo o, ou ajuntar qualificativos terminados em -o, e é substituível pela palavra ele: o dia claro; o intenso calor; o pano é liso, ele me agrada. (ii) feminino é todo nome a que se pode antepor o artigo a, ou ajuntar qualificativos terminados em -a, e é substituível pela palavra ela: a noite escura; a medonha tempestade; a parede é grossa, ela não cairá.

Em suma, por meio do mecanismo sintático da concordância dos artigos, adjetivos, demonstrativos, pronomes possessivos e indefinidos, juntamente aos numerais é que se manifesta a categoria gramatical do gênero no nível sintagmático, ou seja, entende-se o gênero como um traço inerente ao nome, enquanto condição léxica, aplicado na estrutura da sentença por meio da concordância. Tal condição compreende a relação entre o predicado como nome referido, sendo que nos casos em que aparecem dois nomes comuns de dois gêneros, os constituintes determinantes definem o gênero do sujeito: o meu colega – a minha colega (LUCCHESI, 2009).

Apesar da ausência da morfologia regular na indicação do gênero nos nomes, constata-se uma preponderância das origens latinas da língua, nos nomes masculinos que pertencem à classe de tema em [-o], e dos nomes femininos na classe de tema em [-a]. Esses padrões ocorrem nos nomes epicenos e sobrecomuns, como infere Lucchesi (2009):

- Serão sempre femininos os que apresentam o tema [-a] : águia, baleia, borboleta (epicenos); criatura, pessoa, vítima (sobrecomuns).
- Serão sempre masculinos os que possuem o tema em [-o]: besouro, polvo, gavião (epicenos); apóstolo, carrasco, verdugo (sobrecomuns).
- Serão sempre masculinos os que terminam como tema [-e] e [-*e – teóricos] e os [atemáticos] como: antílope, condor e tatu (epicenos); cônjuge, algoz (sobrecomuns).

Esse fato ocorre por meio da fixação na passagem do latim para o português, da flexão de gênero dos nomes que opõe uma forma flexionada de feminino, utilizando a adjunção do morfema de feminino [-a], para a forma masculina de tema em [-o], [-e], [-*e] e [atemática], com a supressão da vogal temática, como nos exemplos (LUCCHESI, 2009):

- Menino – menina; gato – gata; aluno – aluna.
- Mestre – mestra; elefante – elefanta; parente – parenta.
- Leitor – leitora; camponês – camponesa.
- Peru – perua.

Deste modo, a categoria gramatical do gênero em português se organiza sob os seguintes princípios, de acordo com Lucchesi (2009):

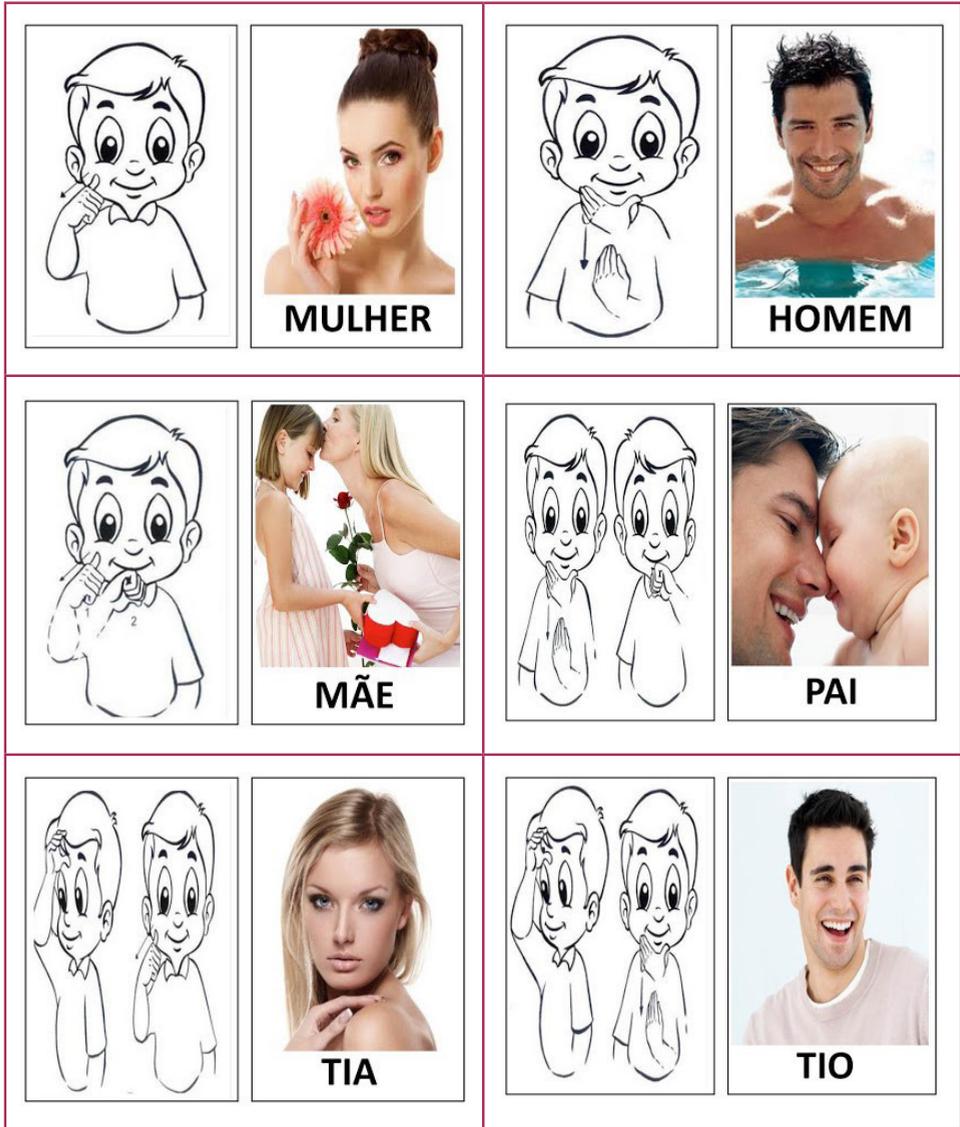
- Entre os nomes de seres inanimado o gênero se expressa como classificador mórfico, sem correlação sistemática no plano do significado.
- No subconjunto dos nomes dos seres animados, o gênero apresenta uma correção segundo o sexo dos indivíduos, na forma semântica. Sendo que a indicação de gênero ocorre de forma variada, em alguns momentos por meio da flexão (menino-menina), outras por oposição lexical (genro-nora), ou ainda por processo de derivação (barão-baronesa), ou ainda por concordância dos termos no caso dos nomes de dois gêneros isentos de propriedade de flexão (um estudante aplicado – uma estudante aplicada).

3 FLEXÃO DE GÊNERO NA LÍNGUA DE SINAIS

Em Libras não existe flexão de gênero formado por desinências, sendo assim, para marcar o gênero dos substantivos, adiciona-se o sinal ‘homem’ ou ‘mulher’ logo em seguida do sinal do substantivo, tanto quando se refere a pessoas como quando se refere a animais. Exemplos: “CACHORRO” + “MULHER” = “CADELA”; “MÉDICO” + “HOMEM” = “MÉDICA”; “ATOR” + “MULHER” = “ATRIZ” (DIAS, 2015).

Outra relação de gênero referente aos sinais empregados na Libras consiste nos substantivos que somente concordam com um gênero, por um sinal justaposto aos de ‘homem’ e de ‘mulher’.

FIGURA 36 – SUBSTANTIVOS ANTEPOSTOS AO SINAL DE GÊNERO



FONTE: <<http://trabalhandocomsurdos.blogspot.com/2013/06/libras-familia.html>>. Acesso em: 12 set. 2018.

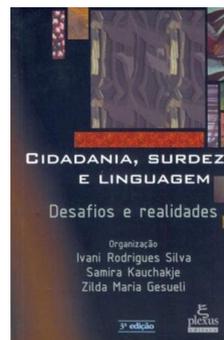
No sinal empregado para formar a palavra “MÃE” a forma aceita consiste no sinal de “BÊNÇÃO”, isento da necessidade de antecê-lo por “MULHER”. Os adjetivos, os pronomes e os numerais não apresentam flexão de gênero, assim, são sempre neutros, como nos exemplos: “AMIGO/A”, “ELE/A”, “MUITO/A”, “FEIO/A” e outros (DIAS, 2015).



O livro aborda uma das principais questões que o surdo vivencia na sociedade: o papel da língua de sinais no contexto ensino-aprendizagem. Em decorrência do fato de que a língua seja imprescindível para que o surdo se constitua como sujeito no mundo, são discutidas questões relativas à família e à comunidade, trazendo contribuições para a compreensão da proposta de ensino bilíngue para os sujeitos surdos.

Confira a obra e amplie seus conhecimentos!

FONTE: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. CIDADANIA, SURDEZ e LINGUAGEM: desafios e realidades. 3. ed. São Paulo: Plexus, 2003.



LEITURA COMPLEMENTAR**CONCORDÂNCIA VERBAL EM LÍNGUA DE SINAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA ESCRITA DA SEGUNDA LÍNGUA**

Christiane Cunha de Oliveira
Karina Miranda Machado Borges Cunha

Num primeiro momento, é possível pensar que em LSB não há concordância verbal, por não haver a flexão do verbo como em língua portuguesa; entretanto, em língua de sinais, certos verbos concordam tanto com o sujeito quanto com o objeto, sendo que com este é obrigatória, enquanto com aquele vai depender do verbo utilizado. Assim, de acordo com Sandler e LilloMartin (2006, p. 24), considera-se concordância o processo de modificar a estrutura do verbo de acordo com certos aspectos formais do sujeito ou do objeto nominais, em língua de sinais. Observa-se no exemplo a seguir:

[EU AJUDAR VOCÊ]

(Sinal realizado na direção do receptor)

Eu o ajudo.

[VOCÊ AJUDAR EU]

(Sinal realizado na direção do emissor)

Você me ajuda.

A concordância verbal não ocorre do mesmo modo como ocorre em línguas faladas, havendo diferenças tipológicas entre uma e outra. Para compreender tais diferenças tipológicas, é preciso tomar conhecimento do uso linguístico que o emissor ou sinalizador de língua de sinais faz do espaço. No momento do discurso em língua de sinais, o espaço físico ao redor do emissor é usado da seguinte maneira: a articulação dos sinais se dá no espaço; o local especificado neste espaço é um parâmetro chamado de ponto de articulação. Os sinais podem apresentar um movimento ou não, obedecendo a uma orientação ou direcionalidade, sendo que a concordância é percebida justamente em relação a esses parâmetros.

2.1 CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS EM LÍNGUAS DE SINAIS

Morfologicamente, a concordância verbal em língua de sinais é bastante complexa, visto que nem todos os verbos estabelecem esta relação. A classificação dos verbos em línguas de sinais varia de uma língua para outra. Em Língua de Sinais Americana (ASL), por exemplo, Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 29) seguem a divisão proposta por Padden em 1983 que estabeleceu três classes principais: verbos de concordância, que podem apresentar morfologia de concordância em relação a argumentos referentes; verbos espaciais, que concordam com argumentos ou adjuntos locativos; e verbos sem concordância, que não apresentam nenhuma morfologia de concordância.

Em Língua de Sinais Brasileira (LSB), Quadros e Karnopp (2004, p. 116) também apontam estes três tipos de verbos. No entanto, alguns autores, inclusive Quadros (apud Quadros e Karnopp, 2004, p. 201) simplificou a classificação dos verbos em LSB em apenas duas classes, sem e com concordância, incluindo os verbos espaciais nesta última categoria, por estes apresentarem o mesmo comportamento sintático. Felipe (2001, p. 147) apresenta uma classificação semelhante, afirmando que os tipos de verbo são basicamente: verbos que não possuem marca de concordância e verbos que possuem marca de concordância. É importante ressaltar que várias pesquisas vêm sendo realizadas em todo o mundo, no sentido de discutir outras possibilidades para a classificação da morfologia do verbo em Língua de Sinais.

Os verbos sem concordância, segundo Quadros, não se flexionam para pessoa e número, assim como não levam afixos locativos. Porém, em alguns casos, podem flexionar quanto ao aspecto. Como exemplos em LSB têm-se [CONHECER], [SABER], [APRENDER], [GOSTAR], [INVENTAR] dentre outros.

Os verbos com concordância flexionam para pessoa, número e aspecto, por meio do movimento das mãos e posição das palmas. Esses são verbos que codificam o papel sintático dos argumentos. Têm-se como exemplos, [DAR], [ENVIAR], [RESPONDER], [DIZER] etc.

Os verbos espaciais são aqueles que apresentam movimento e posição no espaço, sendo que “a direção do movimento codifica a posição dos argumentos locativos, o ponto de partida e o destino” (MEIR, I. et al. in QUADROS, 2008, p. 87). Têm-se como exemplos [VIAJAR], [IR] E [CHEGAR].

Segundo pesquisas, há um modo de constatar se um verbo é classificado com ou sem concordância, a partir do teste de distribuição da negação, uma vez que os verbos sem concordância não admitem a negação preposta. O exemplo abaixo apresenta um verbo sem concordância [CONHECER], em que se observa que, ao empregar a negação antes do verbo, a sentença é rejeitada.

VOCÊ CONHECER NÃO ELE.

Você não o conhece.

*VOCÊ NÃO CONHECER ELE.

Você não o conhece.

Em língua de sinais verifica-se a presença de concordância verbal apenas na classe de verbos que denotam transferência, ao contrário de determinadas línguas faladas, em que normalmente sistemas de concordância se aplicam a todos os verbos (Cf. *ibid.*, p. 95). Além disso, em língua de sinais, prioriza-se a concordância com o objeto, diferenciando-se das línguas faladas, em que se pode dizer que o argumento mais importante é o sujeito, podendo também haver

concordância com o objeto, mas não como prioridade. No entanto, em línguas de sinais há casos em que a concordância pode ser feita tanto com o sujeito quanto com o objeto, esse caso pode ser observado no exemplo abaixo:

3S PERGUNTAR 1S
Ele perguntou a mim

1S PERGUNTAR 3S
Eu perguntei a ele

Neste exemplo, as pessoas envolvidas no discurso são marcadas pela orientação, isto é, pela direção dos demais parâmetros (configuração de mão, ponto de articulação e movimento). O ponto inicial faz a concordância com o sujeito e o final com o objeto.

2.2 TEMPO E ASPECTO

Os verbos podem ser descritos por meio de categorias como tempo e aspecto, dentre outras.

[...]

Ambos os verbos com e sem concordância podem apresentar marcação de aspecto. Tal marcação se dá pela alteração na forma do movimento e/ou no padrão rítmico. Entende-se por aspecto o ponto de vista do falante ou sinalizador diante da ação, do acontecimento ou do estado verbal, diferenciando-os em perfectivos (processos concluídos) ou imperfectivos (ainda em processo). Há semelhanças entre os sistemas aspectuais da ASL e de línguas faladas em relação à função, e diferenças quanto à forma, de acordo com Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 47). Isso também ocorre em outras línguas de sinais. Em LSB, os verbos com essa marcação podem aparecer com maior frequência em posição final na oração. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 122), “a flexão de aspecto está relacionada com as formas e a duração dos movimentos”.

Bernardino (2000, p. 87) afirma que em língua de sinais são observados os aspectos pontual, continuativo, durativo e iterativo, os quais ocorrem a partir de mudanças no movimento e/ou na configuração de mão. A fim de ilustrar os aspectos mencionados, a autora cita os exemplos: “[FALAR] (pontual) em ‘ele falou’ e [FALAR] (continuativo) em ‘ele fala sem parar’; [OLHAR] (pontual) em ‘ele olhou’ e [OLHAR] (durativo) em ‘todos ficaram olhando’; e [VIAJAR] (pontual), ‘ele viajou’ e [VIAJAR] (habitual) em ‘ele viaja sempre’”.

Tratando-se de tempo em língua de sinais, é preciso relacionar o momento da ação, acontecimento ou estado mencionados no discurso ao momento em que este é proferido, o qual se refere ao presente. Nessa relação, observam-se três possibilidades básicas: presente, passado e futuro, as quais também são vistas como simultânea, anterior ou posterior ao momento do enunciado (Cf. Lima-Salles et. al., 2005, p. 182). Sendo assim, o momento do enunciado é tratado como

referência para a determinação do tempo. É importante o fato de que tal categoria não se restringe a essas três divisões, pelo contrário, pode ocorrer maior complexidade linguística em relação ao tempo nos enunciados estudados nesta língua.

Em LSB, a marcação de tempo e de aspecto não se apresenta como processo flexional ligado ao verbo (Cf. *ibid.*, p. 186), diz respeito ao evento como um todo e, conseqüentemente, à oração de uma maneira geral. Em contrapartida, verificam-se marcadores de tempo não verbais (AGORA, ONTEM), além de outros recursos que possam indicar a progressão ou a repetição de determinado evento. O dispositivo de reduplicação para marcar aspecto iterativo, durativo ou continuativo, além de ser encontrado em língua de sinais, também é visto em línguas faladas.

FONTE: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/viewFile/1830/1414>>. Acesso em: 12 set. 2018.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

- As categorias gramaticais relacionadas a número e gênero se associam no plano semântico-lexical, com relação ao nome, sendo que no plano sintático aparecem na forma de concordância relacionada aos termos que imprimem sentido: artigo, adjetivo, pronome e numeral.
- Por meio dos elementos de concordância, os artigos, adjetivos, pronomes e numerais se flexionam de acordo com o gênero e o número do nome que referem.
- Na forma diacrônica há vários casos de nomes de seres inanimados, assim como - planeta - linguagem - que mudaram de gênero ao longo do processo histórico da língua. Entretanto, no subconjunto do léxico que apresenta as designações dos seres animados, o gênero gramatical acompanha o gênero natural, segundo a correlação geral com o significado.
- Existem os nomes masculinos e femininos em todas as classes nominais temáticas, representados pelo tema [-a] como [cometa, poeta, poema] que são masculinos, e [mata, nora, beleza] considerados femininos.
- A ausência de um padrão no plano semântico e mórfico direciona o gênero do nome conforme os processos sintáticos da concordância e correlação anafórica.
- Em Libras não existe flexão de gênero formado por desinências, sendo assim, para marcar o gênero dos substantivos, adiciona-se o sinal 'homem' ou 'mulher' logo em seguida do sinal do substantivo, tanto quando se refere a pessoas como animais.

AUTOATIVIDADE



1 As categorias gramaticais que se ocupam com questões referentes ao número e gênero encontram-se associadas ao plano semântico-lexical com relação ao nome. Assim, no campo sintático estão presentes na forma de concordância nas seguintes formas: artigo, adjetivo, pronome e numeral. Analise sobre as situações especiais de flexão de gênero na língua portuguesa, que consistem na formação dos nomes epicenos e sobrecomuns, e associe as sentenças.



I - Epicenos.

II - Sobrecomuns.

- () Distinguem um traço semântico variável com sentido humano.
- () Apresentam um único gênero aplicado em alguns animais independente do sexo.
- () Constituem como palavras femininas ou masculinas, independente do sexo do nome.
- () Incluem a distinção de gênero com o acréscimo de macho ou fêmea.

Assinale a alternativa CORRETA:

- a) () I, II, II, I.
- b) () I, II, I, II.
- c) () II, II, I, I.
- d) () II, I, I, II.

2 Na língua portuguesa a estrutura lexical dos nomes apresenta uma categoria gramatical do gênero expressa em duas formas: masculino e feminino. Sendo que essas categorias são estruturadas em planos diferentes que incluem uma classe de nomes condizentes aos sexos dos seres. Reflita e descreva como ocorre a flexão de gênero na língua de sinais.



CONCEITO DE DERIVAÇÃO NA LÍNGUA ORAL E NA LÍNGUA DE SINAIS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- conhecer o processo de formação de palavras;
- identificar os tipos de derivação na Língua Portuguesa;
- compreender os conceitos relacionados a composição, onomatopeia e hibridismo na língua oral;
- analisar os conceitos que envolvem composição e derivação na língua de sinais;
- perceber a definição conceitual e a diferença entre reduplicação e repetição na Libras

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. No decorrer da unidade você encontrará autoatividades com o objetivo de reforçar o conteúdo apresentado.

TÓPICO 1 - CONCEITO E ESTRUTURA DA DERIVAÇÃO NA LÍNGUA ORAL

TÓPICO 2 - PROCESSOS DE DERIVAÇÃO E REDUPLICAÇÃO NA LÍNGUA DE SINAIS

TÓPICO 3 - AMBIGUIDADE LEXICAL EM LIBRAS



CONCEITO E ESTRUTURA DA DERIVAÇÃO NA LÍNGUA ORAL

1 INTRODUÇÃO

Caro acadêmico, neste primeiro tópico da terceira unidade dessa disciplina, conheceremos sobre os processos de formação de palavras que passam por processos de derivação, composição e onomatopeia, sendo que incorporamos também conceitos referentes ao hibridismo. Nessa etapa, consideramos os conceitos que permeiam a construção das línguas orais, mais especificamente, a Língua Portuguesa.

Assim, você aprofundará seus conhecimentos em relação aos tipos de derivação que inferem na formação de palavras novas, que no método contemporâneo se apresentam em prefixal, parassintética, conversiva, siglada e truncada. Todos os estilos de derivação serão estudados com suas particularidades e exemplos para melhor compreensão sobre o assunto.

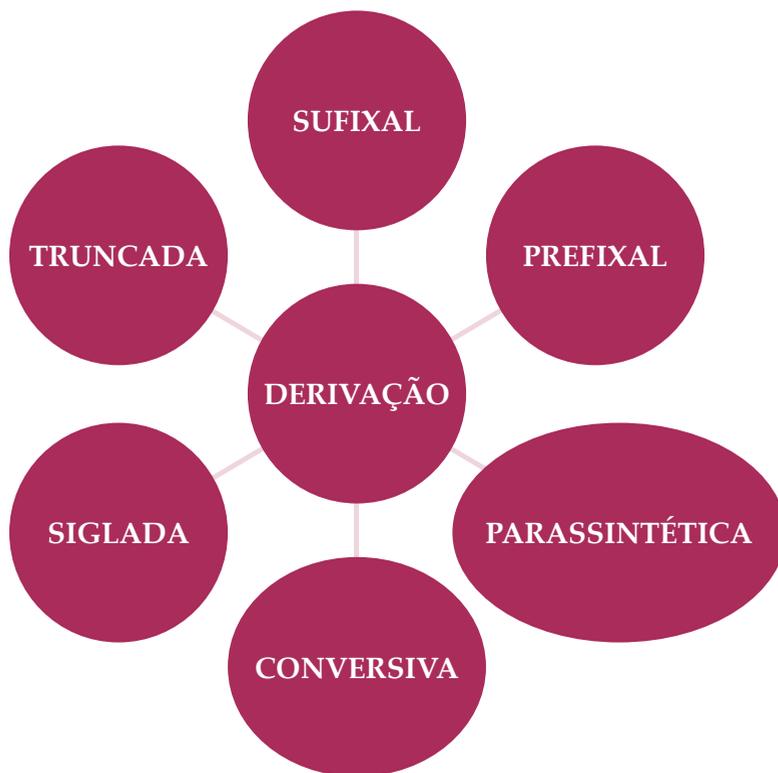
Outro assunto que estudaremos diz respeito à composição como um processo autônomo de formação de palavras, que difere da derivação e da onomatopeia. O processo de composição atua na estrutura da Língua Portuguesa como um fenômeno diversificador da língua.

Por fim, serão apresentados os conceitos e exemplos sobre onomatopeia, que designa a construção de palavras pela emissão de barulho ou ruídos, e sobre o hibridismo, que na Língua Portuguesa representa a formação de palavras com elementos de idiomas diferentes.

2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

O processo de formação de palavras consiste no mecanismo linguístico que permite a formação de palavras novas, que no método contemporâneo caracteriza-se pela derivação, composição e a onomatopeia. Assim, os neologismos que aparecem no interior do sistema da Língua Portuguesa passam pelos processos da derivação, composição e onomatopeia. (ROCHA, 2008).

FIGURA 1 - TIPOS DE DERIVAÇÃO



FONTE: Adaptado de Rocha (2008, p. 103).

Estudaremos cada tipo de derivação nas línguas orais com suas características conceituais e exemplos.

2.1 DERIVAÇÃO SUFIXAL

Em relação à derivação sufixal, ou sufixação, seria um tipo de derivação correspondente ao anexo de um sufixo a uma base. O estudo do sufixo somente apresenta validade se estiver inserido numa regra, segundo Rocha (2008, p. 104), "é uma relação de regularidade que se estabelece entre uma base e um produto". Como nos exemplos que sintetizam a regra em relações paradigmáticas como:

QUADRO 1 - REGULARIDADE ENTRE A BASE E O PRODUTO

programar - programador
paquerar - paquerador
apelidar - apelidador
conseguir - seguidor
reciclar - reciclador

FONTE: Rocha (2008, p. 104).

A formação de sufixos com base livre, segundo Aronoff (1976, apud ROCHA, 2008, p. 104), seria "[...] uma regra que especifica um conjunto de palavras sobre o qual ela pode operar. A este conjunto, ou a qualquer membro deste conjunto, daremos o nome de base dessa regra", sendo que a base livre consiste em uma palavra da língua.

O sufixo seria a forma fixa recorrente localizada à direita da base, que caracteriza uma palavra derivada. Desta forma, distingue-se de uma base por não apresentar significação ou função própria, autônoma e independente, explicitando quando o sufixo se encontra anexado a uma base. Como nos exemplos: [florista] pessoa que vende flores, sendo que não é o [-ista] que determina seu significado; o mesmo ocorre em [jogador] pessoa que joga, mas não é o [-dor] quem o define, entre outros que poderiam ser citados. (ROCHA, 2008).

Para identificar se um lexema apresenta sufixo ou não, se faz necessário verificar se a terminação da palavra aparece em outras formações da língua, com o mesmo significado ou função. A sequência fônica [-eiro] consiste no sufixo em [padeiro], quando essa palavra designa um substantivo com o sentido de agente, como nos exemplos em que aparecem o elemento [-eiro]: leiteiro, lixeiro, açougueiro, sacoleiro, carpinteiro, marceneiro e outros. (ROCHA, 2008).

Nesse sentido, o sufixo [-oso] aparece em várias formações como sentido de 'provido de X' e com a função de formar adjetivos, como nos casos: gorduroso, oleoso, charmoso, conflituoso, moroso, generoso e outros. O sufixo [-ico] apresenta também a função de formar adjetivos, como: bíblico, mítico, simbólico, asfáltico e outros. O [-al] forma adjetivos como: teatral, braçal, carnal, semanal e outros. (ROCHA, 2008).

Há outros que também são considerados sufixos, segundo Rocha (2008), como:

- [-ário] - orquidário, serpentário, minhocário, vestiário.
- [-nte] - estudante, militante, ouvinte, crente.
- [-or] - frescor, amargor, estertor, rancor.
- [-agem] - jardinagem, massagem, enfermagem, coragem.

Os sufixos homófonos ocorrem quando dois ou mais sufixos distintos apresentam coincidência de forma fonética, sendo denominados tradicionalmente de sufixos homônimos, assinalados pela expressão 'vocábulo homônimos'. Assim, a terminologia correta seria sufixos homófonos, como sufixos que apresentam a mesma sequência fonética mas com sentidos ou funções diferentes, como em [-al] de laranja e semanal. (ROCHA, 2008).

Os sufixos concorrentes são distintos na forma fonética, mas apresentam o mesmo sentido ou função. Contudo, as bases e os produtos necessitam pertencer à mesma categoria lexical. São exemplos de sufixos concorrentes, segundo Rocha (2008):

- [-ista] e [-eiro] - formam substantivos-agentivos a partir de substantivos: florista, frentista, parecerista, palestrita.
- [-dor] e [-nte] - formam substantivos-agentivos a partir de verbos: pescador, namorador, franqueador, apelidador.
- [-mento] e [-ção] - formam substantivos abstratos a partir de verbos: fingimento, padecimento, engajamento, terceirização, mexicanização.
- [-al], [-ico], [-iano], [-eiro], [-ino], [-estre], [-aco], [-ado], [-ar], [-ento], [-eo] e outros: formam adjetivos a partir de substantivos: carnal, rítmico, machadiano, verdadeiro, natalino, campestre, maníaco, barbado, familiar, corpulento, róseo e outros.

Os sufixos alomorfêmicos consistem no fenômeno linguístico estruturalista conhecido como alomorfia. Para Dubois (1978, apud ROCHA, 2008, p. 111), "quando se dá o nome de morfema à unidade significativa mínima, chamam-se ALOMORFES as variantes desse morfema em função do contexto". Assim, segundo Rocha (2008), são exemplos de sufixos alomorfêmicos:

- [-ama/-ame] - noção coletiva e de quantidade: dinheirama, vasilhame.
- [-eiro/-eira] - árvore ou arbusto: abacateiro, laranjeira, roseira.
- [-ilho/-ilha] - sufixo diminutivo/afetivo: peca-dilho, tropilha.
- [-idade/-dade/-ade] - sufixo formador de substantivos: realidade, maldade, amizade.
- [-ice/-ície] - sufixo formador de substantivos: tolice, imundície.
- [-nça/-ncia] - sufixo nominalizador: lembrança, tolerância, insolvência.
- [-inho/-zinho] - diminutivo/afetivo: leitinho/pezinho.
- [-ivo/-tivo] - sufixo formador de adjetivos: passivo, informativo, pensativo.
- [-eira/-teira] - mantegueira/cafeteira.
- [-al/-aral] - bananal/milharal.
- [-ada/-lada] - pedrada/paulada.
- [-aria/-eria] - estabelecimento comercial ou industrial: salsicharia, joalheria.

Os sufixos categoriais consistem naqueles que modificam a categoria lexical do produto em relação à sua base. Como no exemplo:

QUADRO 2 - SUFIXOS CATEGORIAIS

V → S [-dor]	conquistar - conquistador
V → S [-mento]	julgar - julgamento
S → A [-al]	teatro - teatral

FONTE: Rocha (2008, p. 112).

Os sufixos categoriais podem se apresentar como significativos e não significativos. Os sufixos significativos são acrescentados aos significados da base com uma significação acessória, como nos exemplos: conquistar - conquistador (agente); federal - federalismo (sistema político); sequestrar - sequestrador (possibilidade), enquanto que nos sufixos categoriais não significativos não se identifica nenhum componente semântico, por exemplo: teatro - teatral; ritmo - rítmico; feliz - felicidade. (ROCHA, 2008).

Os sufixos não categoriais consistem naqueles que não alteram a categoria lexical do produto em relação à base. Segundo Rocha (2008), são exemplos de sufixos não categoriais significativos:

QUADRO 3 - SUFIXOS NÃO CATEGORIAIS SIGNIFICATIVOS

S → S [-eiro]	Bicho/bicheiro	Agente
S → S [-ada]	Dente/dentada	Golpe
S → S [-eco]	Amor/amoreco	Suf. afetivo
V → V [-iscar]	Lamber/lambiscar	Suf. frequentativo/ diminutivo
A → S [-íssimo]	Lindo/lindíssimo	Suf. superlativo

FONTE: Rocha (2008, p. 112).

As formações sufixais com base presa designam a formação de novas palavras, ou seja, segundo Câmara Jr. (1970, apud ROCHA, 2008, p. 115):

[...] as unidades formais de uma língua são de duas espécies: 1) formas livres, quando constituem uma sequência que pode funcionar isoladamente como comunicação eficiente (ex.: "Que vão fazer?". Resposta: "Proscrever". "Proscrever o quê?" Resposta: "Lei"); 2) Formas presas, que só funcionam ligadas a outras (como pro- de proscrever, prometer, etc.).

De modo geral, os prefixos, sufixos e desinências consistem em formas presas, sendo que as bases podem ser livres ou presas dependendo da relação paradigmática. A nominalização seria a "associação paradigmática entre verbos e nomes, derivada de um padrão lexical geral" (BASÍLIO, 1980 apud ROCHA, 2008, p. 122). Ou seja, a nominalização como uma operacionalização em português de regras distintas por meio de sufixos distintos, como os seguintes nominalizadores: -ção, -mento, zero, -neia, -da, -agem, -ura, -ário, -aço, -ema, -ia e -tiva. Como nos exemplos:

informar-informação
 agradecer-agradecimento
 retornar-retorno
 alternar-alternância
 comentar-comentário
 garantir-garantia

2.2 DERIVAÇÃO PREFIXAL

A derivação prefixal designa o processo de criação lexical que incide na formação de uma nova palavra por meio do acréscimo de um prefixo a uma base já existente. O prefixo enquanto sequência fônica recorrente, que não constitui uma base, e que se coloca à esquerda de uma base, objetivando a formação de uma nova palavra. Assim, tanto os sufixos como os prefixos apresentam uma identidade fonológica, semântica e funcional, caracterizando-se por terem uma forma presa. (ROCHA, 2008).

Segundo Rocha (2008), os prefixos apresentam as seguintes características:

- consistem em sequência fônica recorrente;
- não são considerados como base;
- encontram-se à esquerda de uma base;
- apresentam como objetivo a formação de novas palavras, a partir da presença do prefixo formando uma palavra derivada;
- possuem identidade fonética, semântica e funcional;
- consistem em forma presa.

Os prefixos homófonos são aqueles que apresentam a mesma identidade fonológica, mas com significados diferentes. Como nos exemplos de prefixos homófonos, de acordo com Rocha (2008):

- de-: decrescer (negação); decair (movimento de cima para baixo);
- in-: infeliz (negação); ingerir (movimento para dentro);
- a-: acéfalo (privação, negação); adoçar (prefixo vazio);
- re-: reler (ideia de repetição); retrain (ideia de movimento para trás); reagir (sentido de movimento ao contrário).

Os prefixos concorrentes ocorrem entre elementos linguísticos, quando ocupam o mesmo lugar em determinada estrutura da língua. De modo geral, os prefixos somente serão considerados concorrentes se as bases pertencerem às mesmas categorias lexicais, que segundo Rocha (2008) podem ser:

- privação, negação: [a-/an-] / [des-] acéfalo, anarquia / desprazer, destemperado;
- negação, sentido contrário: [des-] / [in-] desleal, desnecessário / infiel, ilegal;
- oposição: [anti-] / [contra-] antifurto, antídoto / contraveneno, contramão;
- movimento para dentro: [in- / em-] / [intro-] ingerir, embarcar / introduzir;
- posição inferior: [sub-] / [hipo-] subsolo, subloja / hipotensão, hipoderme;
- posição superior: [super-] / [epi-] super-homem, superposição / epiderme;
- ao lado de: [para-] / [ad-] paranormal, paralitúrgico / adnominal, adjacente;
- em torno de: [peri-] / [circum-] perífrase, perímetro / circunlóquio.

2.3 DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA

A derivação parassintética consiste no processo de formação de palavras em que ocorre a criação de uma nova palavra pelo acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo a uma base. Como no exemplo, segundo Rocha (2008), de [esclarecer], onde passa-se diretamente da palavra [claro] para [esclarecer], com o acréscimo simultâneo dos afixos.

A base de uma formação parassintética pode ser um substantivo ou um adjetivo. Sendo que com a base substantiva, o produto pode ser um verbo ou um adjetivo. De forma geral, segundo Rocha (2008), a parassíntese apresenta as seguintes características:

- a base sempre será nominal (substantivo ou adjetivo);
- há um número maior de formações parassintéticas com base substantiva em relação à base adjetiva;
- os produtos são sempre verbos ou adjetivos;
- existe maior número de formações parassintéticas verbais do que adjetivais;
- a regra mais comum que se aplica à parassíntese seria: V ==> S.

2.4 DERIVAÇÃO CONVERSIVA

A derivação conversiva ou conversão consiste no termo que designa a derivação imprópria, que indica o emprego de uma palavra de determinada classe lexical em outra classe.

QUADRO 4 - EXEMPLOS DE CONVERSÃO

De	Para	Exemplos
Verbo	Substantivo	Querer, ouvir, caminhar, andar, falar, ser, sentir.
Verbo (no particípio)	Substantivo	Ferida, resultado, arrependido, atrasado, acusado.
Verbo (no particípio)	Adjetivo	Querido, amado, comprometido.
Verbo	Conjunção	Seja ...seja, quer... quer.
Adjetivo	Substantivo	Impossível, pobre, culpado, brilhante.
Adjetivo	Advérbio	(falar) alto, (custar) caro, (chegar) rápido, (vestido) rosa, (blusa) areia.
Palavra invariável	Substantivo	Sim, não, porquê, como, hoje, amanhã.

FONTE: Rocha (2008, p. 168).

2.5 DERIVAÇÃO SIGLADA (ACRONÍMIA)

As derivações sigladas ou siglas funcionam como palavras normais da língua, grafadas inteiramente com maiúsculas, consideradas palavras na língua. Como nos exemplos: CPI, CEP, FGTS. Nesse mecanismo linguístico a base será sempre um substantivo ao mesmo tempo composto e próprio, e o seu produto formado por um lexema simples e próprio, formado em princípio pelos grafemas e sílabas iniciais do lexema composto que constitui a base (ROCHA, 2008).

As siglas segundo o caráter semântico se enquadram nos mecanismos normais de flexão de número, com o acréscimo de [-s], como em OTNs, ONGs, FIFs e outros. Há exemplos de siglas que após serem produzidas, assumem existência autônoma, independente da base que foi gerada, por exemplo: MEC - Ministério da Educação (antes Ministério da Educação e Cultura) (ROCHA, 2008).

2.6 DERIVAÇÃO TRUNCADA

Na derivação truncada o falante corta a palavra, o que resulta no vocábulo menor, no ponto de vista fonético. Esse corte pode ocorrer de várias maneiras, mas existem dois tipos básicos de truncamento: estrutural e o não estrutural. Na derivação truncada estrutural há o corte de um elemento estrutural da palavra, que inclui um sufixo ou uma das bases de um vocábulo composto. Como nos exemplos com o corte no sufixo: português - portuga; delegado - delega; madrugada - madrugada. Já com o corte em uma das bases da composição, segue: odontologia - odonto; fotografia - foto; quilograma - quilo (ROCHA, 2008).

A derivação truncada não estrutural apresenta o corte de forma aleatória, sem considerar a estrutura da base. Como nos exemplos: cerveja - cerv; cafa; flamengo - fla; grã-finagem - granfa. Deste modo, a base e o produto conservam o mesmo significado, com raras exceções, como em [cinema] e [cine], sendo a palavra Cine sempre acompanhada do nome próprio, como Cine Brasil.

3 COMPOSIÇÃO

A composição consiste no processo autônomo de formação de palavras em português, diferente da derivação e da onomatopeia. Configura-se na junção de duas bases preexistentes na língua pelo falante, onde cria um novo vocábulo denominado como composto. Por exemplo: bate-boca; salário-família; aguardente; pé-de-cabra; corre-corre. (ROCHA, 2008).

Assim, o processo de composição consiste no fenômeno que diversifica a Língua Portuguesa, utilizado na imprensa contemporânea, como no exemplo: político-galã. Contudo, há também a composição erudita, com grande quantidade de compostos eruditos formados pela linguagem literária e jornalística, que podem ser institucionalizados, como: hipódromo; calorífero; vermífugo; oftalmologia; ortografia. Como também os de composição erudita contemporânea, formados com o auxílio da linguagem científica e técnica, como em agrotóxico; ciclovias; cinemateca; hemeroteca; ecossistema; narcotráfico (ROCHA, 2008).

4 ONOMATOPEIA

A onomatopeia consiste na formação de palavras pelo falante na tentativa de imitar um barulho ou ruído do mundo exterior. Como nos exemplos: miar; piar; zunzum; reco-reco; farfalhar; frufriu; teco-teco; tique-taque; ciciar; sussurrar; chilrear; coaxar; e outros (ROCHA, 2008).

Segundo Tafner (2011, p. 22):

São palavras criadas com o objetivo de imitar certos sons ou ruídos. A partir do conjunto de fonemas de que a Língua Portuguesa dispõe, a palavra formada reproduz sons ou ruídos gerados por armas de fogo, campainhas, fenômenos naturais, instrumentos musicais, sinos, vozes de animais.

A onomatopeia seria um processo de formação de palavras a partir de um dado extralinguístico. Tal processo não apresenta uma base, o que limita os estudos morfológicos.

5 HIBRIDISMO

O hibridismo consiste no processo de formação de palavras que utiliza elementos de idiomas diferentes. Assim, são comuns os hibridismos que resultam da combinação do elemento grego com outro latino ou românico, segundo Bechara (2009), como em:

- SOCIOLOGIA – latino e grego;
- AUTOSSUGESTÃO – grego e português;
- TELEVISÃO – grego e português;
- BUROCRACIA – francês bureau e grego;
- AUTOMÓVEL – grego e português;
- DECÍMETRO – latino e grego.

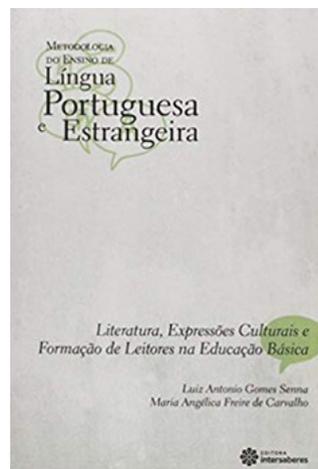
A Língua Portuguesa forma com facilidade hibridismos com elementos estrangeiros que se assimilam ao idioma, incorporados como elementos nativos. São exemplos: fobia, mania, filo, tele, macro, micro, neo, pseudo, auto e os sufixos [-ismo], [-ico], [-ista] que se associam a elementos de qualquer procedência, formando: germanófilo, russófilo, germanofobia, teleguiado, micro-ônibus, neovencedor, pseudovencedor, caiporismo, governista e outros (BECHARA, 2009).



Sugerimos a leitura da obra destinada aos profissionais licenciados em Letras, que apresenta um programa para professores que desejam trabalhar a literatura em uma perspectiva curricular orientada para os sujeitos sociais contemporâneos. No decorrer dos capítulos, os autores refletem sobre a literatura como objeto específico da prática docente, além de abordarem a prática da leitura sob dois aspectos – o do sentido e o da significação. Ao final de cada capítulo há um conjunto de atividades que auxiliam na sistematização dos assuntos.

Confira e amplie seus conhecimentos!

FONTE: SENNA, L.A.G., CARVALHO, M. A. F. C.
Literatura, expressões culturais e formação de leitores na educação. Intersaberes. [S.l.] 2015.



RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- O processo de formação de palavras consiste no mecanismo linguístico que permite a formação de palavras novas, que no método contemporâneo caracteriza-se pela derivação, composição e onomatopeia.
- A derivação sufixal, ou sufixação, seria um tipo de derivação correspondente ao anexo de um sufixo a uma base.
- A derivação prefixal designa o processo de criação lexical que incide na formação de uma nova palavra por meio do acréscimo de um prefixo a uma base já existente.
- A derivação parassintética consiste no processo de formação de palavras em que ocorre a criação de uma nova palavra pelo acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo a uma base.
- A derivação conversiva ou conversão consiste no termo que designa a derivação imprópria, que indica o emprego de uma palavra de determinada classe lexical em outra classe.
- As derivações sigladas ou siglas funcionam como palavras normais da língua, grafadas inteiramente com maiúsculas, consideradas palavras na língua.
- Na derivação truncada o falante corta a palavra, o que resulta no vocábulo menor, no ponto de vista fonético.
- A composição consiste no processo autônomo de formação de palavras em português, diferente da derivação e da onomatopeia.
- A composição configura-se na junção de duas bases preexistentes na língua pelo falante em que se cria um vocábulo denominado como composto.
- A onomatopeia consiste na formação de palavras pelo falante na tentativa de imitar um barulho ou ruído do mundo exterior.
- O hibridismo consiste no processo de formação de palavras que utiliza elementos de idiomas diferentes.



1 A derivação sufixal consiste no estilo de derivação que corresponde ao anexo de um determinado sufixo a uma base. Essa forma somente apresenta validade se estiver inserida numa regra, que permeia a relação de regularidade que ocorre entre uma base e um produto. Analise o conceito de sufixo e assinale a alternativa correta:

- a) () O sufixo consiste numa forma fixa que se localiza à direita da base e caracteriza uma palavra derivada.
- b) () O sufixo consiste numa forma de junção de palavras que alteram o sentido da nova palavra criada.
- c) () O sufixo seria uma forma fixa que se ordena à esquerda da base e caracteriza um sentido à palavra derivada.
- d) () O sufixo seria uma forma semântica de anunciar um novo sentido à palavra na atribuição de uma forma fixa estrangeira.



2 O processo de formação de palavras na língua oral ocorre por meio de três processos distintos, designados como derivação, composição e onomatopeia. Sendo que o hibridismo também consiste numa forma de construção de palavras a partir de idiomas estrangeiros. Contudo, os neologismos que surgem no interior do sistema da Língua Portuguesa advêm dos principais processos de derivação, composição e onomatopeia. Nesse sentido, analise e descreva os conceitos e as diferenças que ocorrem entre a composição e a onomatopeia.



PROCESSOS DE DERIVAÇÃO E REDUPLICAÇÃO NA LÍNGUA DE SINAIS

1 INTRODUÇÃO

Nesse tópico estudaremos os conceitos referentes à derivação e à composição na Língua Brasileira de Sinais, apontando os processos derivacionais flexionais. Nesse ínterim, destacamos a teoria e os exemplos para uma melhor compreensão sobre os processos derivacionais, como a nominalização e a formação de compostos.

Apresentaremos também conceitos e exemplos relacionados à repetição e à reduplicação, incluindo a diferença conceitual entre ambos, ou seja, a reduplicação consiste na afixação por repetição de morfemas na mesma base, com ou sem modificações.

De modo geral, a reduplicação intensifica o significado do sinal, e a pluralidade ocorre na repetição. Ambos são utilizados na operação de processos gramaticais, mas nesse caso estudaremos sobre os aspectos morfológicos.

2 DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO

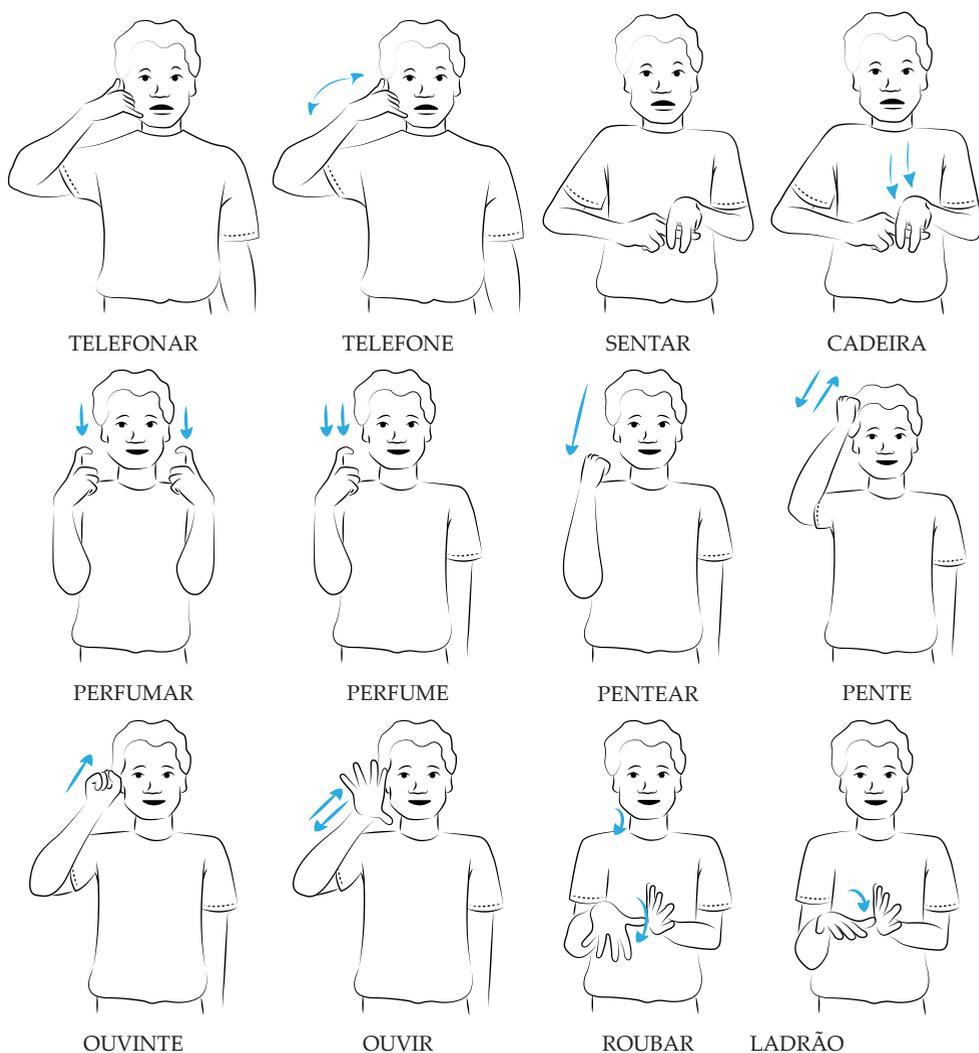
Nas Línguas de Sinais há descrições que apontam para os processos derivacionais e flexionais. Assim, a representação de palavras e sinais morfológicamente complexos é organizada com termos de forma-base e uma flexão, onde ocorre o padrão de recombinação de morfemas em sinalizadores que decodificam a forma-base e a flexão morfológica separadamente. Em Libras ocorrem alguns processos derivacionais, como a nominalização e a formação de compostos (QUADROS; KARNOPP, 2004).

2.1 NOMINALIZAÇÃO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Uma das principais funções da morfologia consiste na alteração de classe, ou seja, no uso de uma palavra em uma outra classe gramatical. Nesses casos, forma-se um novo sinal para se utilizar o significado de um que já existe, em outro contexto que requer uma classe gramatical diferente (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Uma forma de processo morfológico comum em Libras seria a derivação de nomes de verbos, e o contrário também ocorre, derivar verbos de nomes. Na Língua Portuguesa costuma-se formar nomes de verbos com o acréscimo de sufixo, como no exemplo programar-programador. Na Língua de Sinais pode-se derivar nomes de verbos na mudança no tipo de movimento, por exemplo: o movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos (QUADROS; KARNOPP, 2004).

FIGURA 2 - MOVIMENTO DOS NOMES REPETE E ENCURTA O MOVIMENTO DOS VERBOS



FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 97).

Assim, na Língua Brasileira de Sinais há um padrão regular para a distinção entre nomes e verbos, como no exemplo:

TABELA 1 - DISTINÇÃO ENTRE NOMES E VERBOS

Verbo	Substantivo
Telefonar	Telefone
Sentar	Cadeira
Perfumar	Perfume
Pentear	Pente
Ouvir	Ouvinte
Roubar	Ladrão

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 100).

Os pares de sinais que diferenciam nomes e verbos foram primeiramente analisados e publicados em 1978, na ASL por dois estudiosos, Ted Supalla e Elissa Newport, eles observaram que os pares de nomes e verbos se diferenciam um do outro apenas no tipo de movimento do sinal. Ainda, há movimentos que criam a diferença no significado entre os dois tipos de sinais, como no exemplo dos sinais ROUBAR e LADRÃO, em que a locação, a configuração e a orientação de mão são as mesmas, a variação ocorre no movimento (QUADROS; KARNOPP, 2004).

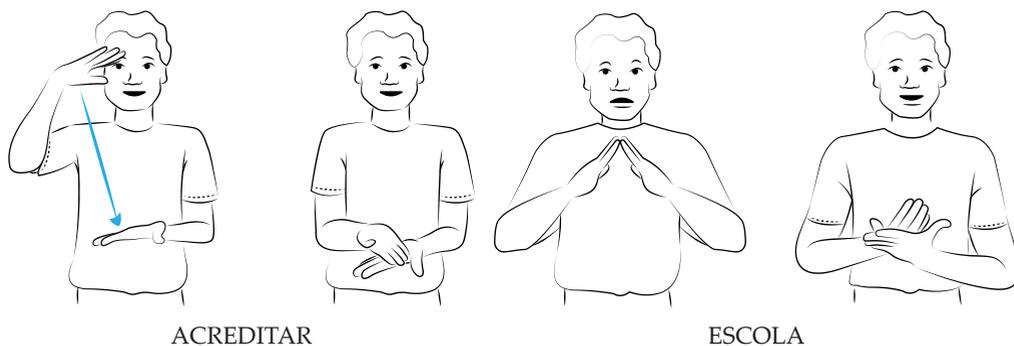
2.2 FORMAÇÃO DE COMPOSTOS

A composição seria o processo de criação de novas palavras, comum nas línguas do mundo, e consideravelmente frequente na Língua de Sinais Brasileira. Assim, dois sinais formam um sinal composto quando mudanças predicáveis ocorrem como resultado de aplicação de regras. Dessa forma, há dois tipos de regras que causam as mudanças: regras morfológicas e regras fonológicas (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Para Quadros e Karnopp (2004, p. 103), as "regras morfológicas são aplicadas especificamente para criar unidades com significados (compostos)". Nesse sentido, existem três regras morfológicas que são usadas para criar compostos na ASL: regra do contato, regra da sequência única e regra da antecipação da mão não dominante.

Na **regra de contato** um sinal inclui algum tipo de contato, seja no corpo ou na mão passiva. Nos compostos, o primeiro, segundo ou único contato é mantido. Assim, quando os dois sinais ocorrem juntos para formar um composto e o primeiro sinal apresenta contato, este tende a permanecer. Quando o primeiro sinal não apresenta contato, mas o segundo sinal sim, este contato permanece na composição. Contudo, se um sinal composto apresenta contato no primeiro ou segundo sinal, o contato pode permanecer nos dois sinais que formam o composto ou em apenas um deles (QUADROS; KARNOPP, 2004).

FIGURA 3 - EXEMPLOS DE REGRA DO CONTATO



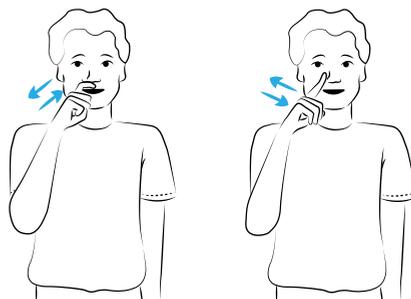
ACREDITAR

ESCOLA

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 103).

Na **regra da sequência única** os sinais compostos são formados em Libras como movimento interno ou quando a repetição do movimento é descartada. Assim, a regra de sequência única pode ser exemplificada com o sinal PAIS, que consiste na composição de PAI+MÃE, formando um sinal composto com a repetição ou a eliminação do movimento interno do dedo (QUADROS; KARNOPP, 2004).

FIGURA 4 - EXEMPLO DE REGRA DA SEQUÊNCIA ÚNICA



PAI MÃE

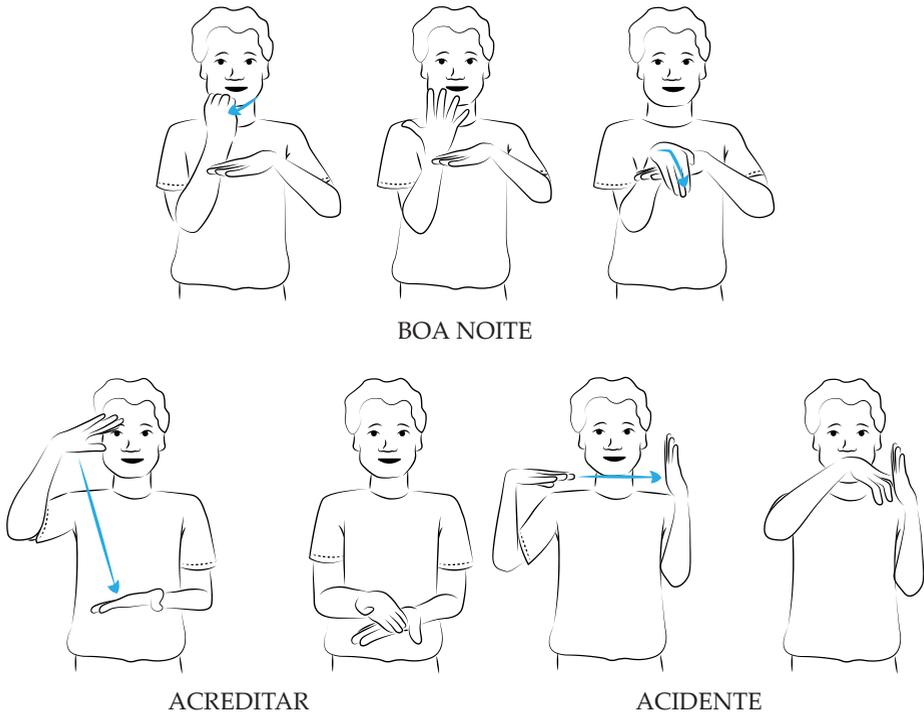


PAIS

FONTE: Quadros e Karnopp (2004, p. 104).

Na **regra da antecipação da mão não dominante**, dois sinais se combinam e formam um composto, que incide na mão passiva do sinalizador antecipar o segundo sinal no processo de composição. Como no exemplo de BOA+NOITE, em que a mão não dominante aparece no espaço neutro em frente ao sinalizador com uma configuração de mão. O mesmo ocorre com os sinais ACREDITAR (saber+estudar) e ACIDENTE (carro+bater) (QUADROS; KARNOPP, 2004).

FIGURA 5 - EXEMPLO DE REGRA DA ANTECIPAÇÃO DA MÃO NÃO DOMINANTE



FONTES: Quadros e Karnopp (2004, p. 105).

De modo geral, por meio da composição um novo sinal passa a existir, sendo que não se pode avaliar o seu significado com base nos sinais que o compuseram. Assim, como na Língua Portuguesa palavras como louva-a-deus e olho-de-sogra não exprimem os sentidos das palavras que os formam. Tanto na Língua Portuguesa como na Língua de Sinais ocorre um distanciamento entre o significado do todo e o significado das partes. A Libras apresenta ainda regras morfológicas e fonológicas na formação de novos sinais, quando dois sinais aparecem juntos para formar um composto, inferem também em mudanças predicáveis na estrutura do sinal (QUADROS; KARNOPP, 2004).

3 REPETIÇÃO E REDUPLICAÇÃO

Segundo Petter (2005), a formação de palavras, de forma geral, advém de determinados processos morfológicos, como os de adição, quando um ou mais morfemas são adicionados à raiz ou ao radical na forma de afixos. Por alternância, quando os sons da base se alteram foneticamente de forma regular segundo a modificação morfológica, ou na subtração, quando alguns elementos são retirados da base e expressavam um valor gramatical ou lexical, e ainda a reduplicação.

A reduplicação consiste na afixação por repetição de morfemas da mesma base, com ou sem modificações, que pode aparecer no meio ou depois da raiz, forjando a reduplicação da raiz ou apenas parte dela (PETTER, 2005). Contudo, há necessidade de se ater na diferença que existe entre repetição e reduplicação. A repetição não incide na mudança do significado da palavra que será repetida por inteiro ou em parte. A reduplicação é considerada como um processo morfológico e a repetição, um processo sintático, ou seja, a repetição representa duas palavras idênticas e separadas, enquanto que na reduplicação ocorre um único item lexical.

De acordo com Ferreira (2001), a utilização da repetição e da reduplicação em línguas naturais passa a ser favorecida pela modalidade espaço-visual de língua, ou seja, em Libras, uma forma linguística pode se repetir no espaço, como na repetição, ou também no tempo, como na reduplicação, que coincide ou não com a equivalência do seu significado. Fonologicamente, a repetição e duplicação são consideradas como unidades mínimas distintivas de sinais ou itens lexicais, no entanto, morfológicamente esses recursos são utilizados para a formação de negação, conceitos referentes ao aspecto, pluralidade e na mudança de categoria gramatical. Assim, o significado pode ser intensificado por meio da reduplicação, e a pluralidade obtida na repetição. As ações verbais expressas por ‘deita-levanta’ ou ‘entra e sai’ são consideradas na Língua de Sinais como reduplicação, no nível da forma como no significado, caracterizando-se apenas pela direcionalidade do movimento.

[...] a repetição é o reaparecimento de uma mesma unidade linguística no espaço, isto é, de forma concomitante ou simultânea, e de que a reduplicação é o reaparecimento de uma mesma unidade linguística no tempo, ou seja, de forma sequencial [...], para gerar novas formas linguísticas ou novos significados. (FERREIRA, 2001, p. 6).

Nesse sentido, a unidade linguística repetida ou reduplicada se encontra em diferentes níveis linguísticos, gerando conteúdos ou significados diferentes e incluindo o surgimento de formas, que apresentam a mesma função intensificando ou reiterando o seu significado conforme a função exercida. (FERREIRA, 2001).

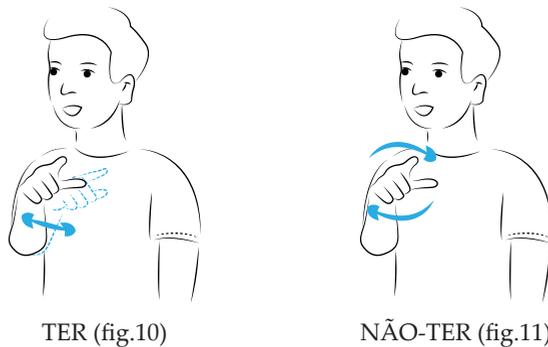
Tais processos ocorrem no parâmetro dos movimentos de sinais, sendo a velocidade a razão entre a distância e o tempo como característica do movimento responsável pela reduplicação. A velocidade consiste no recurso utilizado para se obter movimentos contínuos, que apresentam retenção, tensos ou refreados, que constituem os sinais, podendo ser reduplicados ou não. Assim, um determinado sinal pode ser repetido no espaço pela mão esquerda, obtendo sinais simétricos.

Para Ferreira (2001, p. 7), “[...] a repetição é uma das bases das simetrias [...], a configuração de mãos é a mesma para ambas as mãos, nos casos de simetria, e os pontos de articulação dos sinais não são aleatórios, porque obedecem a princípios de estruturação simétrica”. Sendo que a iconicidade presente na Língua de Sinais influencia na criação de outras estruturas, contudo pode ser neutralizada pela imposição dos princípios de simetria que interferem na perda das suas forças originais, ocasionando aspectos simétricos e menos icônicos.

Nesse meio, a repetição na estruturação de formas e significados retrata sua importância da Língua de Sinais, ou seja, consiste no processo espacial que repete as unidades linguísticas no espaço e não no tempo. A reduplicação seria o processo que na Língua de Sinais depende do espaço e tempo, ou melhor, na velocidade do movimento. De modo geral, é o espaço e não o tempo que caracteriza os processos de repetição e reduplicação, nos processos de reaparecimento das unidades linguísticas para a formação de novas estruturas. (FERREIRA, 2001).

No nível morfológico, a repetição e a reduplicação seriam recursos utilizados na operação de processos gramaticais. A negação é formada na repetição do movimento positivo, utilizando movimento simples, mas adicionado ao NÃO se apresenta como movimento refreado.

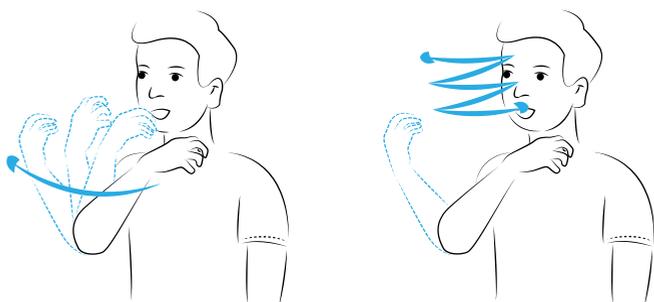
FIGURA 6 - REPETIÇÃO



FONTE: Ferreira (2001, p. 9).

Em relação ao aspecto, pode ser assinalado pela alteração do movimento de um item, que veicula um conceito que aponta a ação verbal de forma pontual. Como no exemplo do verbo FUMAR, sua ação pontual constitui uma ação interativa com um movimento simples reduplicado três vezes. O mesmo acontece com o verbo VIAJAR, com aspecto pontual, mesmo sendo um movimento fonologicamente refreado, sofre alteração no movimento com retenção final, ao ser reduplicado três vezes, resultando na forma VIAJAR-COM-FREQUÊNCIA.

FIGURA 7 - REDUPLICAÇÃO



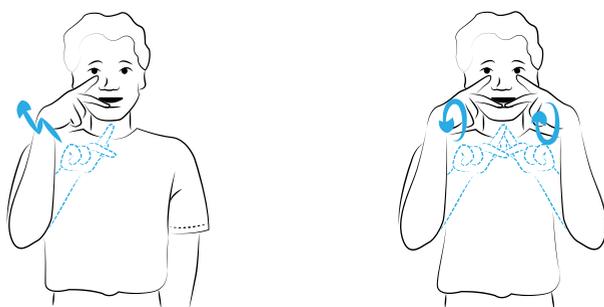
VIAJAR (FIG.12)

VIAJAR-COM-FREQÜÊNCIA (FIG. 13)

FORTE: Ferreira (2001, p. 10).

Outros sinais sofrem a repetição e reduplicação ao mesmo tempo, como no sinal FALAR, que é repetido e reduplicado para obter o aspecto continuativo, como em FALAR-SEM-PARAR. O mesmo acontece com os verbos BRINCAR e BRINCAR-O-TEMPO-TODO. Nesses casos, assim como os sinais, o movimento será repetido ou repetido e reduplicado, de forma alongada, atribuindo uma intensificação na ação verbal. (FERREIRA, 2001).

FIGURA 8 - REPETIÇÃO E REDUPLICAÇÃO



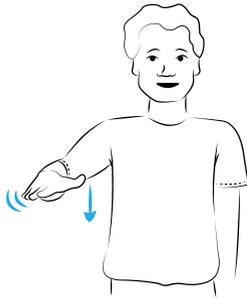
FALAR (fig. 14)

FALAR-PELOS-COTOVELOS (fig. 15)

FORTE: Ferreira (2001, p. 10).

Segundo Ferreira (2001), o plural ocorre pela reduplicação do movimento do sinal, como em CRIANÇA – CRIANÇAS, onde o movimento deve ser articulado três vezes. A repetição com a mão esquerda do sinal AVISAR-A-UMA-PESSOA gera a forma AVISAR-A-MUITAS-PESSOAS, que indica a pluralidade dos referentes-alvo, e não do referente-fonte da ação verbal. Contudo, o inverso ocorre no caso da inversão da direcionalidade do movimento verbal, como no exemplo ‘eles me avisaram’.

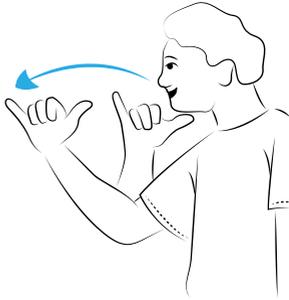
FIGURA 9 - REDUPLICAÇÃO NO PLURAL



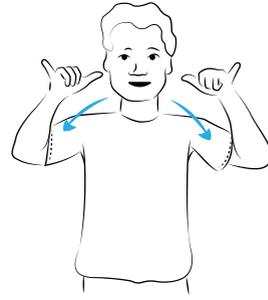
CRIANÇA (fig. 16)



CRIANÇAS (fig. 17)



AVISAR-A-UMA
PESSOA (fig. 18)

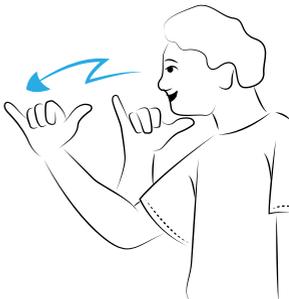


AVISAR-A-MUITAS
PESSOAS (fig. 19)

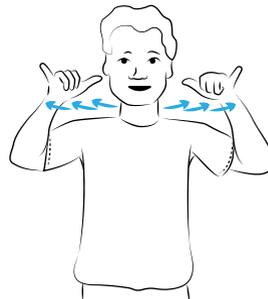
FONTE: Ferreira (2001, p. 10-11).

Alguns processos de derivação advêm da reduplicação de unidades morfológicas. Um exemplo seria a base verbal AVISAR, que quando reduplicada forma a base verbal CONTAR, ao ser reduplicada três vezes e repetida juntamente com o uso da mão esquerda, deriva o nome PROPAGANDA.

FIGURA 10 - DERIVAÇÃO DA REDUPLICAÇÃO



CONTAR (fig. 20)



PROPAGANDA (fig. 21)

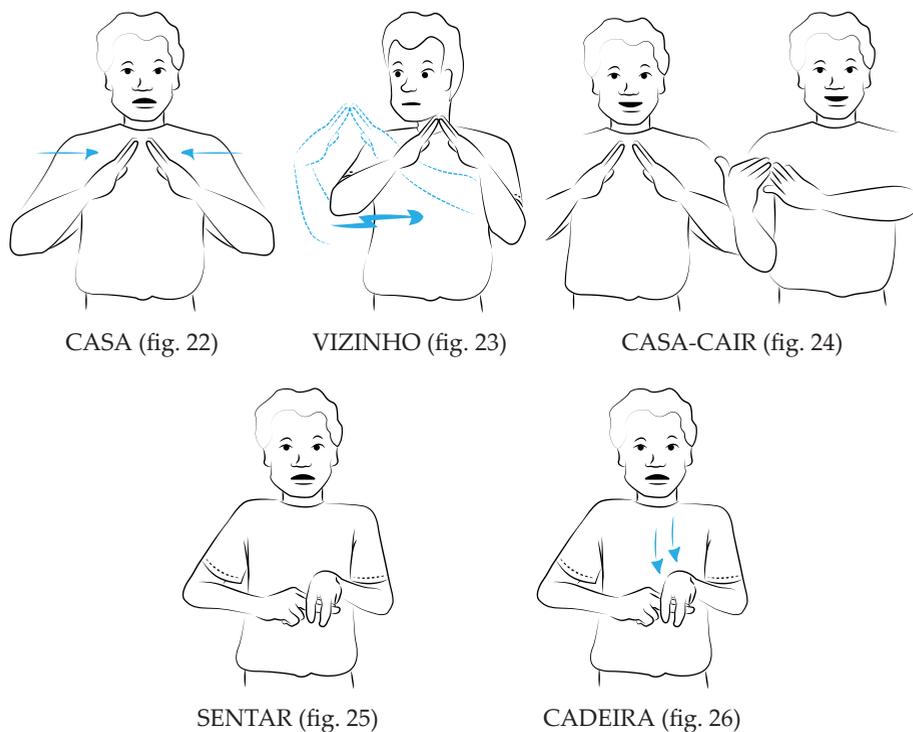
FONTE: Ferreira (2001, p. 11).

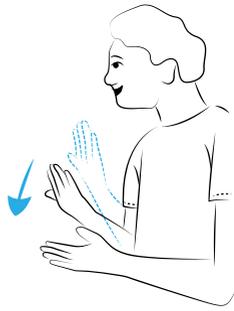
O sinal utilizado para designar CASA serve como base para várias derivações, sendo que reduplicada deriva o sinal VIZINHO, isento de mudança de categoria gramatical. O movimento apresenta retenção do sinal CASA com um movimento refreado. Igualmente ocorre na obtenção do plural CASAS, em que há reduplicação do sinal. (FERREIRA, 2001).

O verbo CASA-CAIR como no exemplo ‘a casa caiu’ designa uma derivação de CASA. Nessa situação, ocorre uma alteração na orientação do movimento da unidade que reaparece, sendo que a reduplicação infere em algumas características semelhantes ao português, quando dois itens são ligados na forma escrita por um hífen, como em ‘deita-levanta’. O movimento do todo, ao contrário do item derivado VIZINHO, não será um movimento refreado, mas dois movimentos com retenção final. (FERREIRA, 2001).

Do sinal SENTAR deriva o nome CADEIRA, e de ESTUDAR deriva ESCOLA, por meio do processo usado na formação do plural, ou seja, reduplica-se o item verbal SENTAR e o item verbal ESTUDAR, constituídos por movimentos com retenção, e assim origina os nomes CADEIRA e ESCOLA com movimentos refreados. Ainda, há outros exemplos de formação do plural e derivação de nomes a partir de bases verbais, como no caso PAGAR-MENSALMENTE que deriva de MÊS. De modo geral, na não marcação de categoria gramatical em Libras, o item derivado funciona como verbo, como no caso ‘pagar mensalmente X’ ou como nome, no exemplo ‘mensalidade’.

FIGURA 11 - DERIVAÇÃO DE NOMES





ESTUDAR (fig. 27)



ESCOLA (fig. 28)



MÊS (fig. 29)



PAGAR-MENSALMENTE (fig.30)

FONTE: Ferreira (2001, p. 12-13).

No contexto semântico, tanto a repetição como a reduplicação contribuem para a formação de novos significados. Na Língua Portuguesa, a reduplicação de uma construção equivale a um argumento de uma oração, que em geral concorre a um significado generalizado, distinto daquele proveniente de partes isoladas. Como nas situações de construções tautológicas do tipo ‘guerra é guerra’, com significado generalizado atribuído a ‘nesta situação, vale tudo’. Nesse caso, surge a reduplicação de uma mesma forma linguística no nível sintático. (FERREIRA, 2001).

Os casos de reduplicação considerados apenas a nível semântico nas expressões em português seriam semelhantes aos exemplos: ‘entra e sai’; ‘deita e levanta’, considerados como repetição. As repetições não apresentam o reaparecimento de uma mesma forma linguística, mas inferem sobre o movimento com direcionalidade, onde o ponto de referência consiste no emissor. Assim, o conceito de movimento atribuído para ‘entrar’ e ‘sair’ seria o mesmo, com significados distintos assinalados pela direcionalidade oposta do movimento. Nesse caso, o que reduplica seria o significado do todo, da movimentação em certo recinto. (FERREIRA, 2001).

De acordo com Ferreira (2001), em Libras as expressões equivalentes são consideradas casos de repetição, no nível semântico como de forma, sendo que a única característica que os distingue seria a direcionalidade que se apresenta de forma transparente e significativa. A iconicidade ou transparência observada em classes de verbos denominados direcionais ou flexionais, nas construções ou conjunto de partículas comparativas, evidencia o caráter produtivo da direcionalidade.

Em suma, a repetição e reduplicação são caracterizadas “[...] como o reaparecimento de unidades linguísticas e não de formas linguísticas, porque são processos que ocorrem em todos os níveis linguísticos, inclusive, no nível do significado” (FERREIRA, 2001, p. 16). Esses processos apresentam natureza espacial com as seguintes características: são mais frequentes nas Línguas de Sinais em comparação à Língua Oral; a repetição seria um processo espacial por ser base das diferentes simetrias centrais à estruturação linguística na Língua de Sinais; reduplicação apresenta um fator espacial quando se baseia na velocidade do movimento do sinal, representando a razão entre a distância e o tempo.

Tanto a repetição como a reduplicação compõem as características do movimento dos sinais, como recursos importantes na constituição de unidades mínimas distintivas, e na geração de novas formas do nível fonológico. Segundo Ferreira (2001, p. 16), “no nível morfológico, a repetição é um recurso para obter formas aspectuais e algumas formas com referente plural. A reduplicação é responsável pela construção de itens na forma negativa, na forma plural e de itens verbais com incorporação de argumento”.

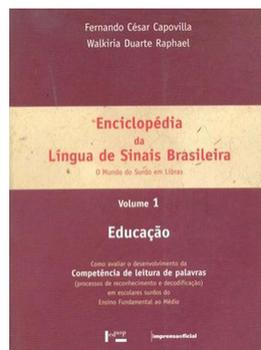
Há radicais verbais como CAIR que necessitam de um tema, por exemplo, CASA, ÁRVORE, PESSOA para estruturarem enquanto forma verbal. Assim, a reduplicação aliada a outra característica do movimento, no exemplo, a orientação do radical verbal, origina uma forma verbal. Contudo, na incorporação do tema, especifica a denotação do nome incorporado, o que resulta numa sentença. A reduplicação ou uma pequena alteração no movimento conduz à construção de uma sentença, que evidencia, no nível sintático-semântico, o movimento como fonte central sobre a configuração de mãos e o ponto de articulação (FERREIRA, 2001).



Como sugestão para ampliar seus conhecimentos, indicamos a leitura da obra que apresenta os sinais da Libras e o universo da educação, acompanhado de um capítulo específico sobre a avaliação do desenvolvimento da competência de leitura de palavras (processos de reconhecimento e decodificação) em alunos surdos do Ensino Fundamental e Médio.

Confira e amplie seus estudos!

FONTE: CAPOVILLA, F.C., RAPHAEL, W. D. ENCICLOPEDIA DAS LÍNGUAS DE SINAIS BRASILEIRA: O mundo do surdo em libras. EDUSP, [S.l.]2016.



RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- Em Libras ocorrem alguns processos derivacionais, como a nominalização e a formação de compostos.
- Uma forma de processo morfológico comum em Libras seria a derivação de nomes de verbos, e o contrário também ocorre, derivar verbos de nomes.
- A composição seria o processo de criação de novas palavras, comum nas línguas do mundo, e consideravelmente frequente na Língua de Sinais Brasileira.
- Existem três regras morfológicas que são usadas para criar compostos na ASL: regra do contato, regra da sequência única e regra da antecipação da mão não dominante.
- Na regra de contato, um sinal inclui algum tipo de contato, seja no corpo ou na mão passiva. Nos compostos, o primeiro, segundo ou único contato é mantido.
- Na regra da sequência única, os sinais compostos são formados em Libras como movimento interno ou quando a repetição do movimento é descartada.
- Na regra da antecipação da mão não dominante, dois sinais se combinam e formam um composto que incide na mão passiva do sinalizador em antecipar o segundo sinal no processo de composição.
- Por meio da composição um novo sinal passa a existir, sendo que não se pode avaliar o seu significado com base nos sinais que o compuseram.
- A reduplicação consiste na afixação por repetição de morfemas da mesma base, com ou sem modificações, que pode aparecer no meio ou depois da raiz, forjando a reduplicação da raiz ou apenas parte dela.
- A utilização da repetição e da reduplicação em línguas naturais passa a ser favorecida pela modalidade espaço-visual de língua, ou seja, em Libras uma forma linguística pode se repetir no espaço, como na repetição, ou também no tempo, como na reduplicação, que coincide ou não com a equivalência do seu significado.
- Tanto a repetição como a reduplicação compõem as características do movimento dos sinais, como recursos importantes na constituição de unidades mínimas distintivas, e na geração de novas formas do nível fonológico.



1 A composição consiste no processo de construção de novas palavras nas línguas de modo geral, incluindo a Língua Brasileira de Sinais. Desta forma, dois sinais formam um sinal composto que apresenta alterações predicáveis como resultado das regras atribuídas ao processo. Há três tipos de regras morfológicas usadas para criar compostos na ASL: regra do contato, regra da sequência única e regra da antecipação da mão não dominante. Analise os tipos de regras morfológicas e associe as sentenças a seguir:

- I- Regra do contato.
- II- Regra da sequência única.
- III- Regra da antecipação da mão não dominante.

- () Os sinais compostos são formados com movimento interno ou quando a repetição do movimento é descartada.
- () Um sinal inclui algum tipo de contato, seja no corpo ou na mão passiva, sendo que o contato será mantido.
- () Dois sinais se combinam e formam um composto, que infere na mão passiva do sinalizador em antecipar o segundo sinal no processo de composição.
- () O sinal composto apresenta contato no primeiro ou segundo sinal, o contato pode permanecer nos dois sinais ou em apenas um deles.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência CORRETA:

- a) () II – I – III – I.
- b) () I – III – II – III.
- c) () II – I – II – III.
- d) () III – I – II – I.

2 A formação de palavras provém de processos morfológicos designados pela adição de um ou mais morfemas à raiz ou radical na forma de afixos. Outra forma seria quando os sons da base se alteram foneticamente acompanhando a modificação morfológica, ou na subtração de alguns elementos que são retirados da base, ou ainda pela reduplicação. Considerando o conceito de reduplicação em Libras, avalie as seguintes asserções e a relação proposta entre elas.



- I- A reduplicação designa a afixação por repetição de morfemas da mesma base, com ou isento de modificações, que podem surgir no meio ou depois

da raiz, originando a reduplicação da raiz ou parte de sua constituição.
PORQUE

II- A reduplicação consiste no processo morfológico que ocorre em um único item lexical, diferente da repetição que impera na alteração do significado da palavra que sofrerá a repetição por inteiro ou em uma parte.

Assinale a alternativa que apresenta a resposta CORRETA:

- a) () As duas afirmações são verdadeiras e estabelecem relação entre si.
- b) () As duas afirmações são verdadeiras, porém não estabelecem relação entre si.
- c) () A primeira afirmação é verdadeira, e a segunda afirmação é falsa.
- d) () A primeira afirmação é falsa, e a segunda afirmação é verdadeira.



AMBIGUIDADE LEXICAL EM LIBRAS

1 INTRODUÇÃO

Acadêmico, ao longo dessa unidade, estudamos sobre conceitos referentes à Morfologia na Língua Oral e na Língua de Sinais. Ao longo do texto incorporamos imagens que ilustram o contexto teórico, buscando uma melhor compreensão sobre o assunto, quando se refere a Libras.

Assim, destacamos algumas considerações sobre a ambiguidade lexical de forma breve relacionado à Língua Oral, mais especificamente à Língua Portuguesa. Em Libras especificamos teoricamente cada elemento que o compõe com suporte teórico e exemplos, representados pela homonímia e polissemia. A homonímia como um fenômeno em que o mesmo sinal pode apresentar diversos significados sem relação semântica, a polissemia como uma forma de um mesmo sinal evidenciar vários sentidos com relações semânticas.

Ainda na Língua de Sinais há um terceiro modo da ambiguidade lexical se apresentar, por meio dos sinais relacionados por determinante evocativo, quando um mesmo sinal apresenta significados que determinam a um mesmo grupo, apresentando ainda um sentido popular.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TIPOS DE AMBIGUIDADE LEXICAL EM LIBRAS

A ambiguidade lexical consiste nas diversas interpretações apresentadas por um único item lexical, caracterizado por comportamentos homonímicos ou polissêmicos. De forma geral, representa significados alternativos que resultam dos processos de polissemia ou homonímia.

A polissemia, segundo Bechara (2009), consiste na situação de ocorrer uma só forma (significante) que apresenta mais de um significado que pertença a campos semânticos diferentes. Assim, não pode ser entendida como significados vagos e indeterminados, porque cada um dos significados necessita ser determinado e preciso, como no exemplo do uso da palavra [pregar]: pregar (um sermão); pregar (preguear uma bainha de roupa) ou pregar (um prego).

A homonímia, segundo Bechara (2009), significa a propriedade de duas ou mais formas distintas pela significação ou função apresentarem a mesma estrutura fonológica, ou seja, em terem os mesmos fonemas dispostos na mesma ordem e subordinados ao mesmo tipo de pontuação, como no exemplo da palavra [são]: um homem [são]; [São] Jorge; [são] várias as circunstâncias.

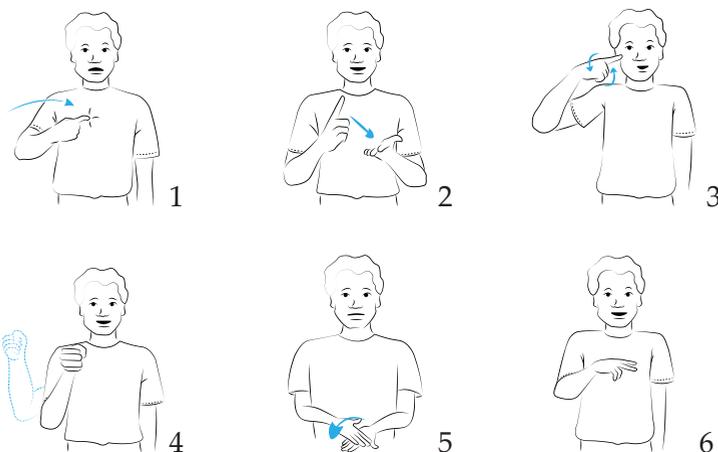
Na Língua de Sinais, a representação das palavras segue o padrão gestual visuoespacial, sendo que a ambiguidade lexical ocorre de forma diferente das línguas orais. De modo geral, os registros em Libras sobre a ambiguidade se encontram associados às estruturas sintáticas. Uma das primeiras citações sobre a ambiguidade lexical foi em 1985, na obra sobre estudos linguísticos publicada pela estudiosa Ferreira Brito, quando discorre sobre os classificadores (CL) (MARTINS, 2013).

Em Libras a ambiguidade lexical revela a capacidade que uma palavra-signal tem de apresentar diferentes significados. Logo, de forma diferente das línguas orais, em que os significados aparecem nas palavras de duas maneiras, por polissemia ou homonímia, a Libras aborda outras características, segundo Martins (2013):

- Homonicamente, o fenômeno se revela quando a um mesmo sinal correspondem diversos significados, isentos de relação semântica entre si;
- Polissemicamente, quando um sinal evidencia vários sentidos relacionados semanticamente um com o outro;
- Sinais relacionados por determinante evocativo ocorrem quando um mesmo sinal expressa significados distintos entre si, contendo principalmente traços evocativos que os determinam a um mesmo grupo.

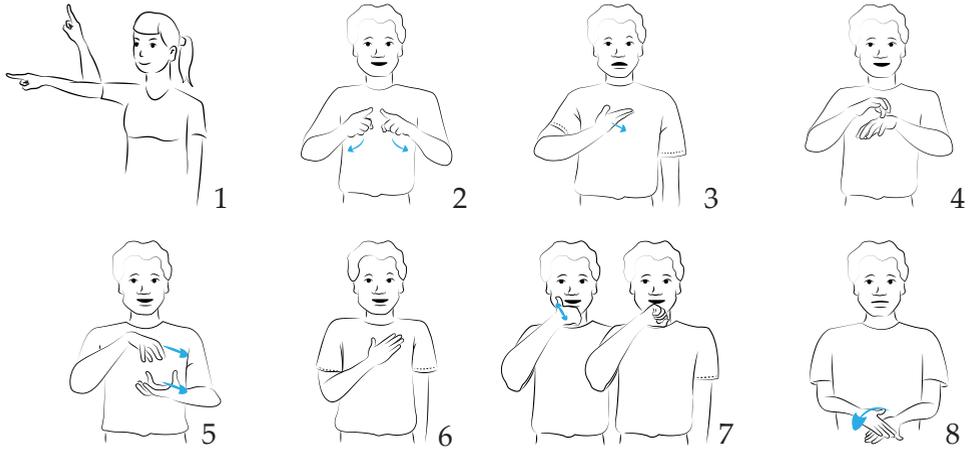
FIGURA 12 - HOMONÍMIA

EU₁ COMBINAR₂ ADVOGADO₃ LEVAR₄ *INTÉRPRETE*₅ PARTICULAR₆



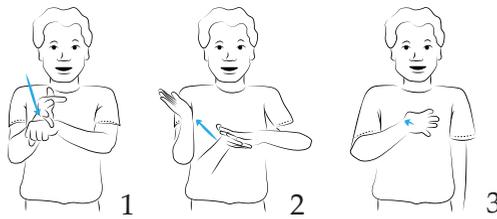
Combinei com o advogado que levarei um intérprete particular.

LÁ₁ CHURRASCO₂ AMIGO₃ CARNE₄ LEVAR₅ MINHA₆ MÃE₇ FRITAR₈



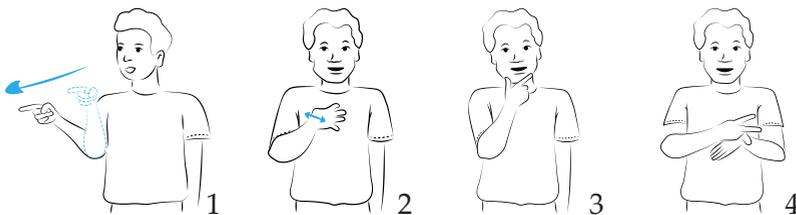
No churrasco meu amigo levou carne para minha mãe fritar.

FERIAS₁ EU-IR₂ BAHIA₃



Nas férias eu irei para a Bahia.

ELA₁ JEITO₂ SIMPÁTIC@₃ SEMPRE₄

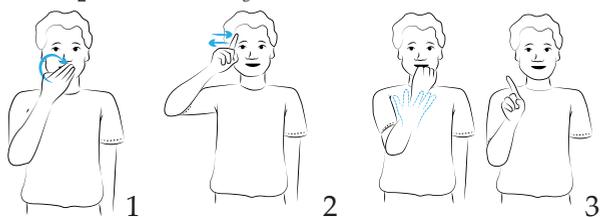


Ela tem um jeito sempre simpático.

FONTE: Martins (2013, p. 106-107).

FIGURA 13 - POLISSEMIA

DOCE₁ **TUDO-DIA**₂ **NÃO-BOM**₃



Comer **doce** todos os dias não faz bem.

VOCÊ₁ **FAZER**₂ **SOBREMESA**₃ **QUAL**₄ **HOJE**₅?



Qual **sobremesa** você fez hoje?

POR FAVOR₁ **PEGAR**₂ **AÇÚCAR**₃!



Por favor, alcance o **açúcar**!

NOSSA₁! **CAFÉ**₂ **DOCE**₃

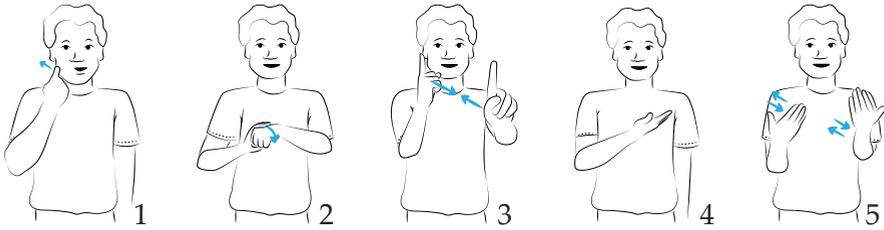


Nossa! O café está **doce**.

FONTE: Martins (2013, p. 108).

FIGURA 14 - RELAÇÕES POR DETERMINANTE EVOCATIVO

SEXTA-FEIRA₁ **NOITE**₂ **ENCONTRAR**₃ **AMIG@S**₄ **BATER-PAPO**₅



Sexta-feira à noite encontrarei os amigos para um bate-papo.

ADORAR₁ **COMER**₂ **PEIXE**₃



Adoro comer peixe.

FONTE: Martins (2013, p. 109).

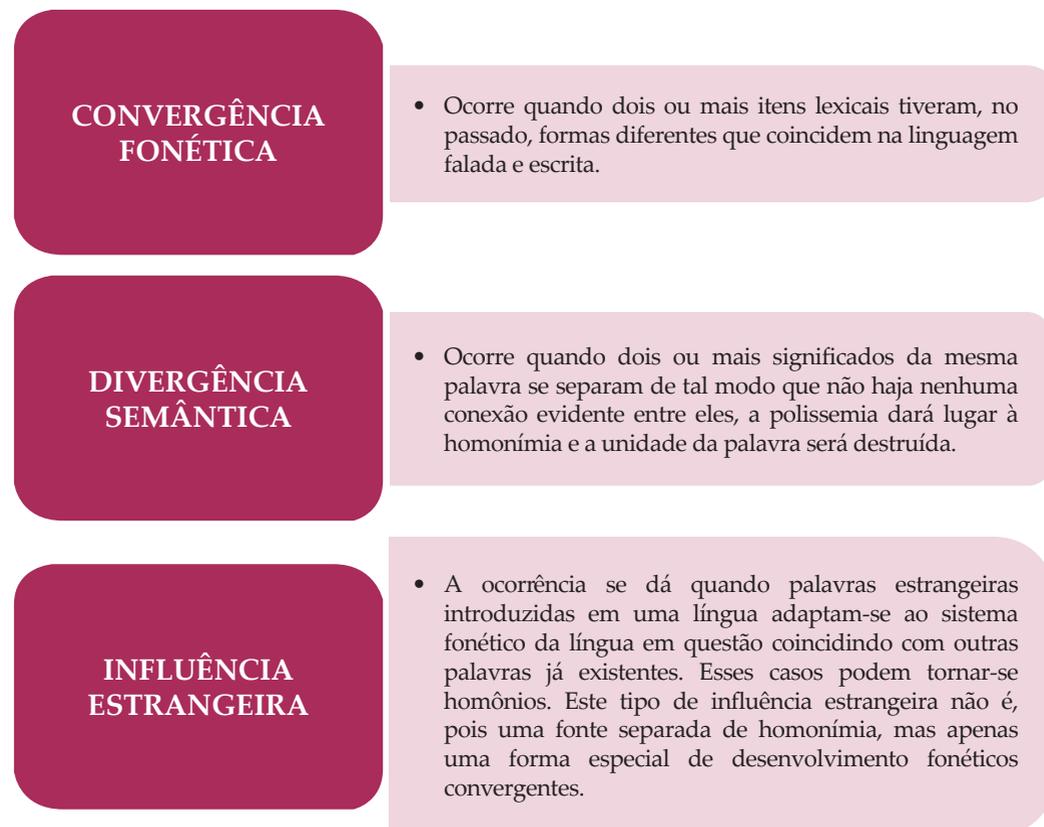
A Língua de Sinais apresenta especificidades diferenciadas em relação às Línguas Orais, principalmente associadas aos aspectos fonológico, morfológico, sintático e semântico. Da mesma forma, muitas palavras consideradas lexicalmente ambíguas na Língua Portuguesa não serão assim determinadas em Libras, ao contrário também ocorrem situações semelhantes. (MARTINS, 2013).

Segundo Silva (2006, apud MARTINS, 2013, p. 46), “o critério geral de distinção entre homonímia e polissemia consiste de modo geral em uma relação semântica entre os sentidos associados numa mesma forma”. Nesse sentido, tomamos o exemplo apresentado dos sinais INTÉRPRETE e FRITAR como homônimos, sendo que tanto em português como em Libras não estabelecem nenhuma relação semântica entre si, com significados distintos. Na polissemia destacamos o sinal que designa AÇÚCAR, DOCE e SOBREMESA, que a princípio não revelam problemas nas relações de proximidade que envolve cada significado. Contudo, o mesmo não ocorre nos sinais de SEXTA-FEIRA e PEIXE, que apesar de não haver relação semântica entre os significados, não consiste no caso de homonímia. Esse tipo de situação designa outro tipo de relacionamento. (MARTINS, 2013).

3 HOMONÍMIA EM LIBRAS

Em Libras os homônimos consistem em sinais-palavras que apresentam parâmetros fonológicos idênticos, sem estabelecer qualquer tipo de relação de traço semântico. De modo geral, os signos homônimos são definidos por significantes iguais, palavras que tenham a mesma pronúncia, mas que apresentam significados distintos. A homonímia seria um fenômeno mais complexo e comum que a polissemia, o que ocorre nas línguas orais e em Libras. (MARTINS, 2013).

FIGURA 15 - PROCESSOS DE HOMONÍMIA



FONTE: Martins (2013, p. 113).

A homonímia ocorre de forma discreta em Libras, por exemplo, na ordem de Divergência Semântica, que talvez seja a possível origem da homonímia em Libras, como nos exemplos dos sinais BAHIA e JEITO, ou ainda entre USADO e UNIVERSIDADE, entre outros. No fator de Convergência Fonética não há ocorrência na modalidade linguística, e em relação à Influência Estrangeira, apesar de muitas línguas de sinais advirem da língua de sinais francesa, não se encontram sobre essa circunstância pares de homônimos em Libras (MARTINS, 2013).

QUADRO 5 - ENUNCIADOS QUE CONTÊM HOMONÍMIA

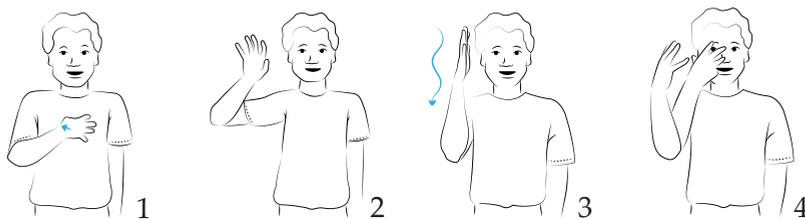
ITENS HOMÔNIMOS	ACEPÇÕES CORRESPONDENTES AO DICIONÁRIO DE LIBRAS http://www.acessobrasil.org.br/libras/
	<p>FRITAR₁ Cozinhar na frigideira com manteiga, óleo ou azeite; frigar.</p>
	<p>INTÉRPRETE₂ Pessoa que desempenha a função de tradutor para quem fala línguas diferentes.</p>
	<p>BAHIA₁ Estado do Nordeste, famoso por sua rica cultura, refletida na imagem das baianas, no culto religioso, nos pratos típicos e nas artes. Sua capital é a cidade de Salvador.</p>
	<p>JEITO₂ Maneira; estilo; modo.</p>
	<p>USADO₁ O que não é novo; já utilizado por outros.</p>
	<p>UNIVERSIDADE₂ Conjunto de faculdades ou escolas que oferecem variados tipos de formação profissional.</p>

FONTE: Martins (2013, p. 114).

Observem no quadro alguns exemplos de enunciados que contêm homonímia, são exemplos de dois contextos em que cada um dos homônimos aparece em duas representações, a primeira na forma de glosas, a segunda na ordem sintática em Libras e na terceira na Língua Portuguesa. Nesse sentido, a presença de outros sinais associados clareia a ambiguidade lexical expressa em cada um dos sinais utilizados como nos exemplos, sua similaridade consiste numa característica própria da homonímia (MARTINS, 2013).

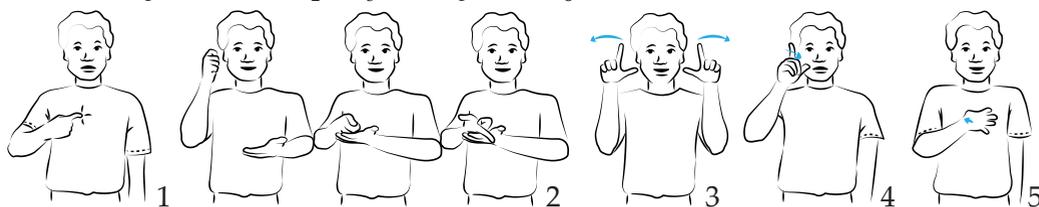
FIGURA 16 - RELAÇÕES HOMÔNIMAS

BAHIA₁ ESTADO₂ BRASIL₃ LINDO₄



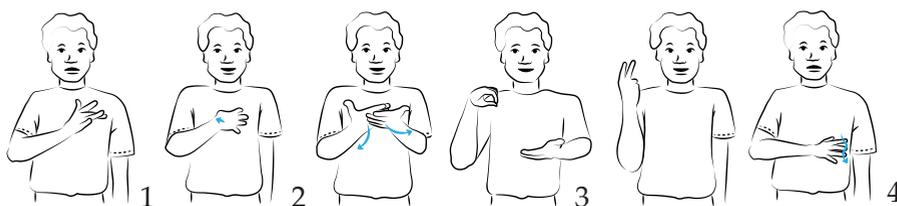
A Bahia é um lindo Estado brasileiro.

EU₁ COMPRAR₂ TV₃ LOJA₄ BAHIA₅



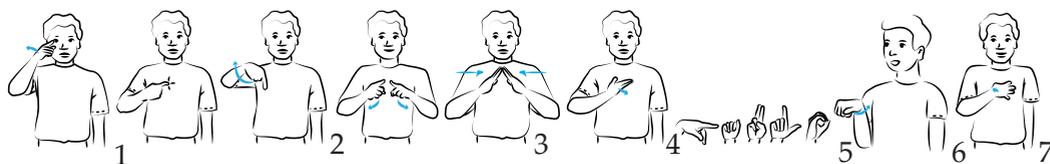
Ontem eu comprei uma TV na loja Bahia.

PENA₁ BAHIA₂ 0₃ X 2₃ CORINTHIANS₄



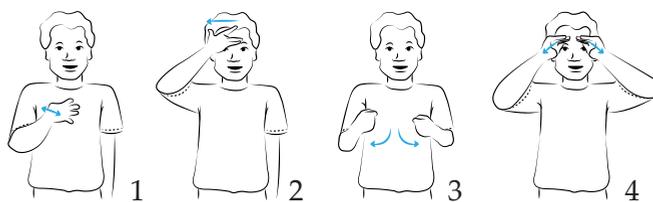
Que pena, o Bahia perdeu para o Corinthians por dois a zero.

ONTEM₁ EU-IR₂ CASA₃ AMIGO₄ P-A-U-LO₅ SINAL-DELE₆ BAHIA₇



Ontem eu fui a casa do meu amigo Paulo, aquele conhecido por Bahia.

JEITO₁ PESSOA₂ PRECISA₃ RESPEITAR₄



É preciso respeitar o jeito das pessoas.

FONTE: Martins (2013, p. 117).

Nas relações homônimas expressas entre as palavras BAHIA como substantivo simples, próprio e primitivo, e em JEITO como substantivo e advérbio de modo, mesmo estando em classes gramaticais distintas, nem sempre o contexto consegue defini-las corretamente. Em Libras não há uma estrutura sintática única, assim, o uso da palavra BAHIA ocupou a posição de referir-se a uma pessoa, loja e time de futebol, sendo que em Libras o nome de uma pessoa, lugar ou objeto será caracterizado por um sinal (MARTINS, 2013).

O sinal JEITO, apesar de não ter relação semântica com BAHIA, expressa sua associação ao morfema de aprovação por meio da expressão facial, o que ocorre na sentença com referência ao time BAHIA, que expressa tristeza enfatizando a referência e o significado (MARTINS, 2013).

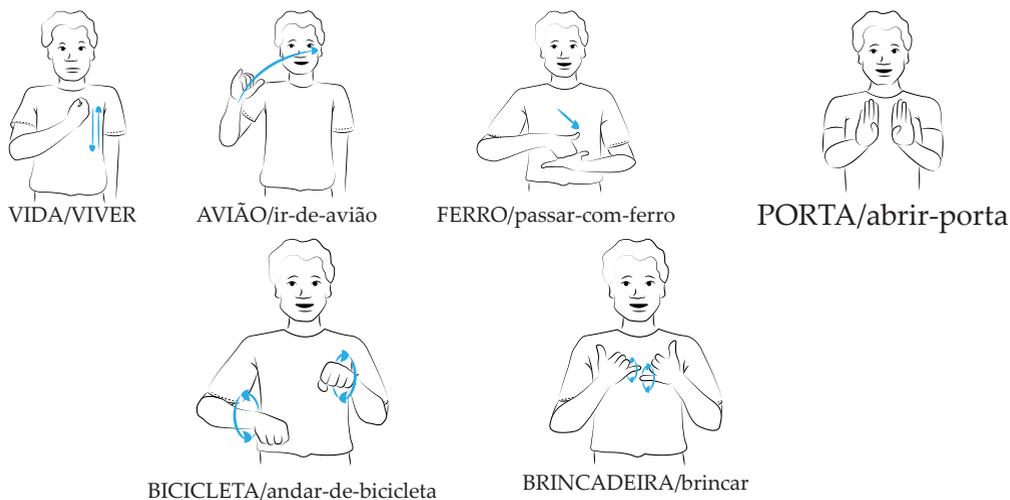
4 POLISSEMIA EM LIBRAS

A polissemia consiste no fenômeno de maior complexidade em comparação à homonímia, que em Libras infere sobre “[...] a possibilidade de um único item lexical ter dois ou mais sentidos relacionados entre si” (MARTINS, 2013, p. 120). De modo geral, há sinais que denotam vários significados, mesmo apresentando uma única forma em Libras, como nos exemplos: OCUPADO/PROIBIDO/NÃO PODER; CADEIRA/SENTAR e AÇÚCAR/DOCE/GUARDANAPO.

A referência ao uso de um sinal no contexto é questionada quando se trata de um único sinal significar outros sinais em Libras. Nesse caso há necessidade de se verificar o efeito de sentido que a palavra polissêmica produz, segundo o contexto em que foi inserida.

Segundo Felipe (2007, apud MARTINS, 2013, p. 124), assim como as línguas orais na Libras, “[...] também há um processo de formação de palavras denominado derivação zero, ou seja: há muitos sinais que são invariáveis e somente no contexto pode-se perceber se estão sendo utilizados com a função de verbo ou de nome”.

FIGURA 17 - SINAIS EM LIBRAS



FONTE: Martins (2013, p. 125).

Em relação aos exemplos, observe o sinal VIDA/VIVER, que admite o significado de ESTAR-PRESENTE e VIVO, os demais, percebe-se que assumem mais de um significado, relacionados por campo lexical a partir de um radical comum. Assim, para alguns dos casos o radical se encontra nos parâmetros Configuração da Mão e Locação, sendo que a partir do Movimento é que se formam novas palavras. (MARTINS, 2013).

Para Ullmann (1964, apud MARTINS, 2013), a ocorrência desse fenômeno pode surgir em cinco maneiras distintas nas línguas orais, sendo que quatro são nativas e uma apresenta influência de uma língua estrangeira:

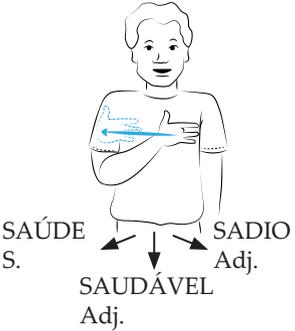
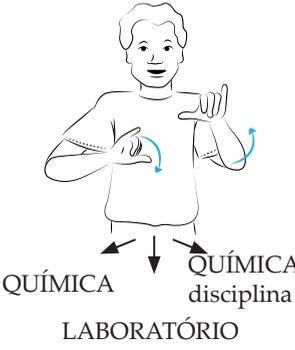
- **Mudanças de aplicação** - ocorre quando um dado item lexical adquire um maior número de sentidos, devido ao deslocamento de emprego que ele envolve num determinado período de uso. A maioria desses sentidos surgiu graças à aplicação, embora outro fator, relativo ao uso figurado, possa ter desempenhado o seu papel. As ramificações de uma palavra variam conforme o uso combinado com outra palavra que a acompanha, principalmente no uso de adjetivos que podem incidir na variação do seu significado de acordo com a qualificação que atribuem ao substantivo.
- **Especialização num meio social** - quando as palavras adquirem significados diversos e específicos dependendo do seu campo de ação e atuação. Assim, em diversas situações, incluindo as profissões, há uma ideia de que o outro acompanha a ideia, sendo desnecessário declarar quando se fala.
- **Linguagem figurada** - quando uma palavra pode adquirir um ou mais sentidos figurados sem que ocorra a perda do seu significado original, os significados são expressos e não inferem confusão.
- **Homônimos reinterpretados** - quando duas palavras apresentam o som idêntico e a diferença de significado não é aparente, surge uma certa tendência

a considerar como uma única palavra com dois sentidos. As duas palavras seriam homônimas, porque possuem origens diferentes, mas os falantes, por desconhecerem esse fato, estabelecem relações de significados entre elas. De modo geral, esses casos são raros e imprecisos.

- **Influência estrangeira** - na mudança de sentido de uma palavra que já existe num sistema linguístico por importação de significado de uma palavra estrangeira. Assim, apresenta dois significados, o que origina a polissemia.

Em Libras, os sinais polissêmicos apresentam quatro das cinco fontes citadas, que foram relacionadas a partir de exemplos e organizadas no quadro que estabelece: fonte da polissemia, item polissêmico em Libras e sua significação e as características específicas de cada fonte (MARTINS, 2013).

QUADRO 6 - SINAIS POLISSÊMICOS

Fontes de polissemia (ULLMANN, 1964, 331, 343)	Item polissêmico da Libras	Características conforme a distribuição de Ullmann (1964)
<p>1.</p> <p>MUDANÇA DE APLICAÇÃO</p>	 <p>SAÚDE S. SADIO Adj.</p> <p>SAUDÁVEL Adj.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Nos adjetivos varia o significado de acordo com o substantivo que qualificam; • Adjetivo X adquire os significados s^1, s^2, s^3 quando acompanhado por um substantivo. <p>EX.: COMER-MAÇA SAUDÁVEL CORPO PRECISAR FORÇA.</p> <p>OPERAR-RIM CONSEGUIR POR CAUSA CORAÇÃO SADIO.</p>
<p>2.</p> <p>ESPECIALIZAÇÃO NUM MEIO SOCIAL</p>	 <p>QUÍMICA QUÍMICA disciplina</p> <p>LABORATÓRIO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A palavra pode adquirir um certo número de sentidos especializados, dos quais um só será aplicável em determinado meio. <p>EX.: No meio farmacêutico o sinal estará relacionado com produtos químicos e laboratório;</p> <p>No meio acadêmico o estudante o identificará como disciplina, laboratório ou elementos químicos dependendo do ambiente ou solicitação de atividades.</p>

<p>3.</p> <p><i>LINGUAGEM FIGURADA</i></p>	 <p>SAFADO BARBEIRO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Uma palavra pode adquirir um ou mais sentidos figurados sem que haja a perda do seu significado original; os significados convivem lado a lado e não se confundem. <p>EX.: NÃO SABE ESTACIONAR EL@ BARBEIR@.</p> <p>EL@ SAFAD@ ESCONDER CHOCOLATE.</p>
<p>4.</p> <p><i>HOMÔNIMOS REINTERPRETADOS</i></p>	<p>Não encontramos um exemplo preciso para esse tipo de fonte polissemica. Talvez seja o caso da seguinte palavra:</p>  <p>LEGAL (lei) HIGIENE (limpo)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • As palavras têm som idêntico e pouca diferença no significado; • "Historicamente são casos de hominímia (termos de origem distintas), mas o locutor moderno, desconhecedor da etimologia, estabelecerá relação entre eles sobre bases puramente psicológicas". (p. 340).
<p>5.</p> <p><i>INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA</i></p>	<p>Não encontramos exemplos que pudessem representar e registrar caso como esse.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Uma língua pode influir noutra pela mudança de significado de uma palavra já existente; • O sentido importado abolirá completamente o antigo; • Se configura como "empréstimo semântico", muitos deles têm vasta circulação nacional.

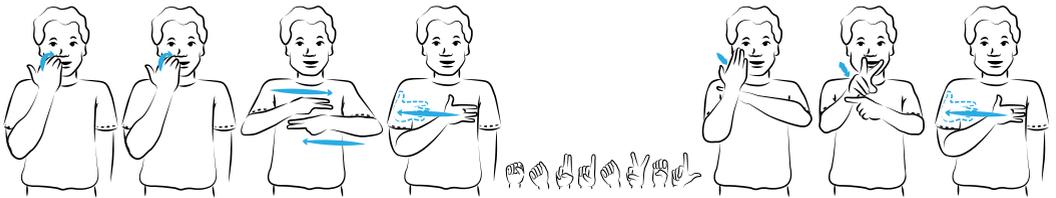
FONTE: Martins (2013, p. 128-129).

Para Martins (2013), as duas primeiras fontes de polissemia são recorrentes em Libras, mas apontam a existência de outras possíveis relações. A arbitrariedade linguística causa a polissemia quando reaproveita uma mesma unidade linguística enquanto deficiência do sistema linguístico. A segunda fonte em Libras, denominada de 'especialização num meio social', não se configura de forma clara como na língua oral, uma vez que um dos fatores que contribuem para esse evento seria a falta de profissionais surdos nas diferentes áreas do conhecimento, o que incide nos processos de tradução que envolvem a Língua Portuguesa e a Libras.

A fonte do tipo 'mudança de aplicação' infere sobre outras contradições, como no exemplo SAÚDE/SAUDÁVEL/SADIO, que incide no significado relacionado à saúde e aos cuidados com os alimentos. Contudo, pode causar um impasse para o interlocutor em entender o sentido da mensagem, pois o sinal utilizado para representar tais palavras é o mesmo.

FIGURA 18 - AMBIGUIDADE POLISSÊMICA

COMER ALIMENTOS SAÚDE S-A-U-D-A-V-E-L⁵⁴ AJUDAR-ME⁵⁵ CUIDAR-ME
SAÚDE



*Ingerir alimentos **saudáveis** contribui na preservação da saúde.*

FONTE: Martins (2013, p. 130).

Além do sinal que representa SAÚDE/SADIO/SAUDÁVEL ser polissêmico, o sinal COMER/COMIDA também é o mesmo. O enunciador deve utilizar recursos extralinguísticos para diferenciar o verbo COMER do substantivo COMIDA, por exemplo, acrescentar outros sinais referentes a frutas. Segundo Martins (2013, p. 131),

Em relação às palavras SAÚDE/SADIO/SAUDÁVEL, uma estratégia bastante comum é utilizar o sinal e a soletração datilológica da palavra polissêmica em questão, ou seja, em casos como esse em que SAÚDE e SAUDÁVEL aparecem lado a lado, realiza-se o sinal de SAÚDE e soletra-se S-A-U-D-Á-V-E-L a fim de desconstruir o que é acionado primeiro no léxico mental do interlocutor, despertando nele a atenção para o conceito de saudável.

Em vista disso, aquele que utilizar da Libras precisa determinar de forma bem distinta, no contexto de sua conversa, o conceito e sentido que está envolvido. Uma situação complexa que pode aparecer em conversação aberta entre surdos ou com ouvintes, como também nas traduções de um texto escrito em português para Libras. (MARTINS, 2013).

No contexto da Educação Inclusiva, as pessoas surdas geralmente necessitam de um professor bilíngue ou de um tradutor ou intérprete de Libras, pois as aulas nas escolas regulares são ministradas em Língua Portuguesa. Nesse meio, a maioria desses alunos se encontra em processo de aquisição da L2 - a Língua Portuguesa, sendo que possuem um léxico mental e conhecimento de mundo estruturado na sua língua natural, a Libras. Desse modo, a ocorrência da ambiguidade aumenta e ocorre de forma não perceptível pelo aluno surdo. (MARTINS, 2013).

Vale ressaltar que, no momento de uma exposição, seja oral ou em sinais, recursos tais como a alteração de movimento ou o uso de expressões não manuais (movimentos de face, olhos, sobrancelhas e testa), são elementos de fundamental importância para a determinação de um ou de outro sentido que o sinal lexicalmente ambíguo admite. Ocorre, entretanto, que nem sempre esses movimentos ou expressões são explorados pelos falantes. Quando se trata de textos escritos, então, o uso dessas representações torna-se menos eficaz, na medida em que a sua representação na forma escrita nem sempre é possível. Em tais circunstâncias, ou o problema permanece, ou se busca outra estratégia. (MARTINS, 2013, p. 140).

Em suma, o fenômeno da ambiguidade em Libras geralmente se destaca no processo que impera sobre a necessidade de tradução ou interpretação, entre uma Língua Oral e uma Língua de Sinais. Sendo que em algumas vezes pode também se limitar a somente uma língua, em que as informações precisam de esclarecimentos.

5 RELAÇÕES POR DETERMINANTE EVOCATIVO

Há sinais que não se classificam como homônimo ou polissêmico devido às suas particularidades, que variam conforme a ‘aquisição da motivação’. Tal situação pode se apresentar de duas maneiras: por motivação fonética e semântica. A motivação fonética seria na capacidade de anulação da expressividade de muitas palavras que podem dotar outras com efeitos onomatopaicos. E a motivação semântica e morfológica pode ser adquirida no processo de etimologia popular (MARTINS, 2013).

Na Libras são poucos os casos de relações por determinante evocativo, sendo que nos casos encontrados há a questão etimológica. Os exemplos encontrados consistem em resultados de contribuições de pessoas surdas adultas que vivenciaram o sistema de internato. Assim, foram percebidas situações que inferem sobre o motivo ou a origem de alguns pares de sinais, como: SEXTA-FEIRA/PEIXE, SÁBADO/LARANJA, NADA (nenhuma coisa), NADA (expressão), LEGAL/LIMPO/SÉRIO (MARTINS, 2013).

QUADRO 7 - RELAÇÕES EVOCATIVAS POR ETIMOLOGIA POPULAR

ITEM ABÍGUO	Acepções em Libras (LIRA E SOUZA. INES, 2.0, 2008)	RELAÇÕES EVOCATIVAS EM LIBRAS. (Conclusão a partir de extratos sobre depoimentos dos surdos).
	<p>SEXTA-FEIRA₁ Sexto e penúltimo dia da semana. Vem depois da quinta-feira e antes do sábado.</p>	<p>Por senso comum religioso – Sexta-feira Santa come-se peixe, logo os sinais PEIXE (alimento) e SEXTA-FEIRA são os mesmos.</p>
	<p>PEIXE₂ Animal vertebrado aquático. Possui nadadeiras, pele em geral coberta de escamas e aberturas nasais que não se comunicam com a boca.</p>	
	<p>SÁBADO₁ Último dia da semana. Vem antes do domingo e depois da sexta-feira.</p>	<p>Por senso comum cultural. No Brasil o sábado é "o dia da feijoada", geralmente este prato é servido acompanhado por laranja, ou ainda pelo fato da laranja ser parte da alimentação após a feijoada.</p>
	<p>LARANJA₂ Fruto da laranjeira, conhecido por conter vitamina C. Tem casca grossa e polpa em gomos. Pode ser consumidos ao natural e em forma de sucos, doces, bolos e geléias.</p>	
	<p>NADA₁ Coisa alguma; nenhuma coisa.</p>	<p>Relação por influência da LP na Libras. Empréstimo linguístico por influência do oralismo a expressão oral usada por falantes ouvintes se estendeu para o vocabulário de alguns surdos.</p>
	<p>NADA₂ Expressão da língua portuguesa para retribuir um agradecimento. Popular "de nada". <i>Conclusão extraída do depoimento de três surdos.</i> *Observação nossa: Expressão não dicionarizada em Libras, mas usada pela comunidade surda.</p>	
	<p>LEGAL₁ O que se baseia e é garantido pela lei.</p>	<p>Relação por fatores culturais. No Brasil, culturalmente, é comum relacionar o nome de uma pessoa sem problemas com a lei ou justiça como alguém que está com o nome "limpo". Na política recentemente surgiu o termo "ficha limpa".</p>
	<p>LIMPO₂ O que já passou pela limpeza; o que não é, nem está sujo.</p>	
	<p>ANTIPÁTICO₁ Que inspira antipatia ou aversão; o oposto de simpático.</p>	<p>Relação por empirismo na percepção e pré-avaliação a partir da observação da expressão facial e atitudes do outro.</p>
	<p>GRAVE₂ Sério; importante; que tem gravidade.</p>	
	<p>SÉRIO₂ Aquele que tem aparência ou modos graves e austeros; rigoroso.</p>	

FONTE: Martins (2013, p. 144-145).

As relações que são estabelecidas entre os pares de palavras SEXTA-FEIRA/ PEIXE, SÁBADO/LARANJA, NADA (nenhuma coisa), NADA (expressão), LEGAL/LIMPO/SÉRIO, caracterizam a etimologia popular, quando inferem uma motivação semântica a um termo opaco. Para Martins (2013), as palavras opacas consistem naquelas que não apresentam relação entre o som e o sentido.

Para Quadros e Karnopp (2004, p. 148), “[...] o tópico é o tema do discurso que apresenta uma ênfase especial, posicionado no início da frase e seguido de comentário a respeito desse tema”. Assim, a ordem da sentença será alterada quando ocorrer a presença desse recurso gramatical, sendo que na topicalização da palavra pode ocorrer ainda ambiguidade, sugerindo duas interpretações. Mais precisamente, quando a motivação advier de origens culturais, como no exemplo sobre o que ocorre entre SÁBADO e LARANJA (MARTINS, 2013).



Glossário dos principais termos encontrados nos estudos sobre morfologia segundo Bechara (2009).

Diacronia – seria a referência à língua através do tempo, ou seja, o estudo histórico das estruturas de um sistema e como história da língua, uma forma de gramática histórica.

Lexema – imprime o significado que representa o mundo extralinguístico mediante a linguagem, ou seja, no significado léxico comum a todas as palavras de série, como em amor, amar, amante.

Morfema – seria a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra.

Palavra – constitui-se indissolivelmente, ou seja, somente ocorrerá sua separação em casos de estudo e análise, de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical, conhecidas como morfema.

Sincronia – consiste na referência à língua em um determinado momento de seu percurso histórico, sincronizada com seus falantes e considerada de acordo com a descrição sistemática e estrutural de um só sistema linguístico, entendido também como língua funcional.

LEITURA COMPLEMENTAR

O PROBLEMA DA AMBIGUIDADE LEXICAL PARA A INTERPRETAÇÃO ENVOLVENDO A LÍNGUA PORTUGUESA E LIBRAS

Jorge Bidarra
Tânia Ap. Martins

[...]

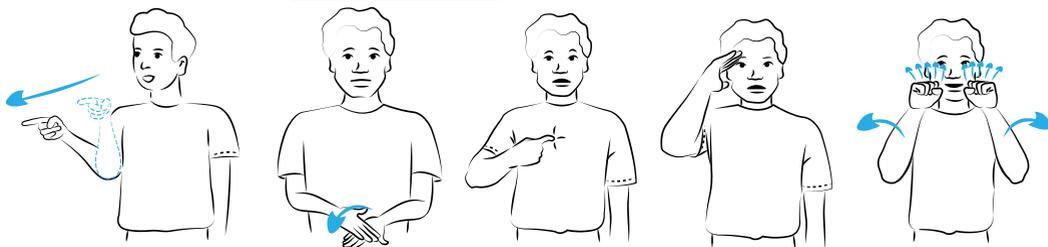
2 AMBIGUIDADE LEXICAL EM LIBRAS E SUAS DIFERENTES FORMAS DE MANIFESTAÇÕES

Entende-se por ambiguidade lexical as variadas interpretações admitidas por um único item lexical. Para Mattoso Câmara (1995), Ilari (1990), a ambiguidade lexical se caracteriza por comportamentos homonímicos, polissêmicos. Segundo Silva (2006), a ambiguidade lexical designa a presença de significados alternativos, resultante de um caso de polissemia ou homonímia. Homonímia ocorre quando os sentidos da palavra ambígua não são relacionados, e a polissemia quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si.

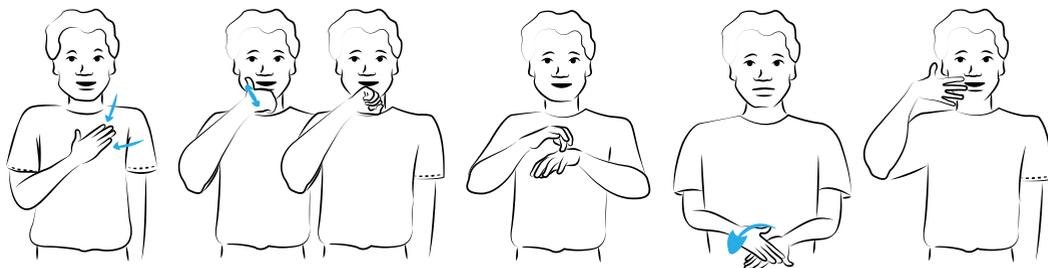
Para descrever a ocorrência de ambiguidade lexical em Libras, inicialmente partimos da elaboração de um inventário de palavras/sinais ambíguos, os resultados são de pesquisas realizadas nos dicionários on-line Libras dicionário da Língua Brasileira de Sinais (versão 2.1-2008), DEIT- LIBRAS (2010) e livros ilustrados. O primeiro quadro foi organizado levando em conta os sinais que, embora apresentem parâmetros idênticos em Libras, não estabelecem qualquer tipo de relação semântica entre si, o grupo foi denominado de sinais homônimos. O Quadro 01 fornece alguns exemplos de homonímia em Libras:

SINAIS/PALAVRAS E LIBRAS	Em determinados contextos os sinais podem ser interpretados ou traduzidos como:
1. INTERPRETAR  FRITAR	Intérprete: Interpretar: Fritar:
2. JEITO  BAHIA	Jeito: Sentimento: Sentir: Forma: Maneira: Bahia:

A título de ilustração, seguem os enunciados contendo exemplos de dois contextos possíveis para cada um dos homônimos anteriormente citados, representados em três colunas, a primeira delas contendo as palavras correspondentes em português na forma de glosas, na ordem sintática como seria produzido em Libras, a segunda composta por sinais gráficos SignWriting, e a terceira na ordem padrão da Língua Portuguesa.

EL@⁶ INTERPRETAR EU ENTENDER CLARO.

Ele/ela interpreta, eu entendo, fica claro.

MINHA MÃE CARNE FRITAR GOSTOSO.

A carne que minha mãe fritar é gostosa.

Apesar do que costuma ser preconizado pelos autores de que a homonímia apresenta um comportamento menos complexo, quando comparado à polissemia, os efeitos provocados no processo tradutório envolvendo Libras e Língua Portuguesa podem ser tão graves quanto as ocorrências de polissemias. Conforme Ullmann (1964:364-374), apesar de a homonímia ser muito menos comum e complexa do que a polissemia, seus efeitos podem ser tão graves quanto ou até mesmo mais contundentes. Nota-se aqui que somente com a presença de outros sinais associados fica possível resolver a ambiguidade lexical contida em cada um dos sinais usados como exemplos, uma peculiaridade das homonímias.

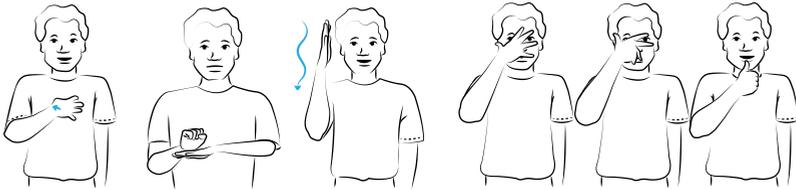
Enquanto a desambiguação de fato, aconteceria pelo consenso de outras palavras, ou sinais de Libras co-ocorrentes, poderia constituir um meio de resolução. Por exemplo, as palavras/sinal FRITAR/INTERPRETAR. As ações INTERPRETAR e FRITAR não mantêm qualquer proximidade interpretativa que as façam membros de um mesmo grupo semântico. É apenas em contexto que a distinção entre os possíveis significados admitidos pelo signo é capaz de emergir.

As relações homônimas entre as palavras BAHIA (substantivo simples, próprio, primitivo) e JEITO (substantivo e advérbio de modo), mesmo pertencendo a diferente classe gramatical, ainda assim o contexto nem sempre dá conta de defini-las. A LIBRAS não apresenta uma estrutura sintática “engessada”, sendo assim, na sentença (05) o sinal de BAHIA poderia ser pronunciado em outras ordens da sentença, podendo causar outros possíveis entendimentos. O sinal BAHIA pode referir-se a uma pessoa, a uma loja ou a um time de futebol, uma vez que em Libras o nome de uma pessoa, lugar ou objeto é substituído por um sinal.

Os surdos brasileiros se batizam por meio de sinais. Na verdade, é um ritual que acontece quando um surdo ou ouvinte entra no grupo surdo ou passa a ter contato com surdos. Eles olham para a pessoa e identificam alguma característica que seja específica da pessoa e lhe dão um sinal. (PIMENTA; QUADROS, 2009, p. 07).

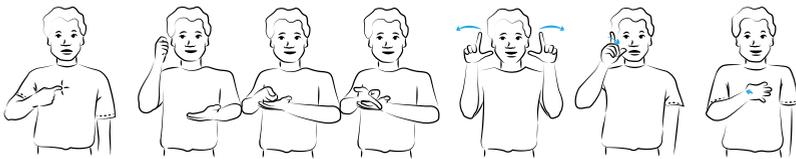
O sinal BAHIA que aparece nas sentenças (03), (04) e (05) é mais facilmente compreendido devido à ordem de apresentação das palavras, que aqui foram organizadas propositalmente, o que não é normalmente organizado durante a elaboração espontânea do falante. O sinal de JEITO na sentença (07), embora não tenha relação semântica com BAHIA, o contexto, neste caso, se torna claro quando é associado ao morfema de aprovação por meio da expressão facial. Essa ocorrência também é observada na sentença (05) com referência ao time BAHIA, nela o morfema sentimento que é codificado pela expressão facial correspondente ao de triste, esse morfema se estende até a produção do sinal BAHIA enfatizando a referência e o significado.

BAHIA ESTADO BRASIL LINDO.



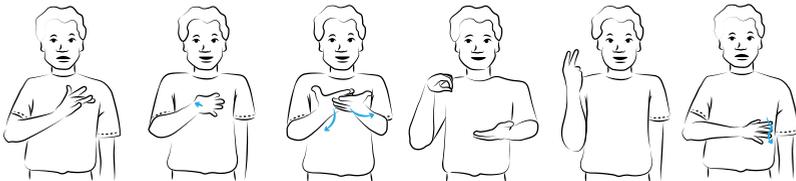
A Bahia é um lindo Estado brasileiro.

EU COMPRAR TV LOJA BAHIA.



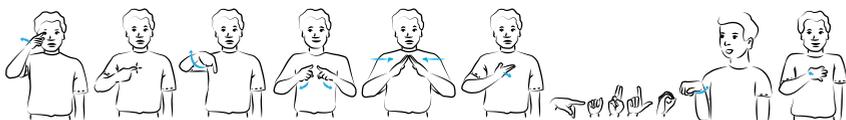
Ontem eu comprei um TV na loja Bahia.

PENA BAHIA PERDER 0X2 CORINTHIANS



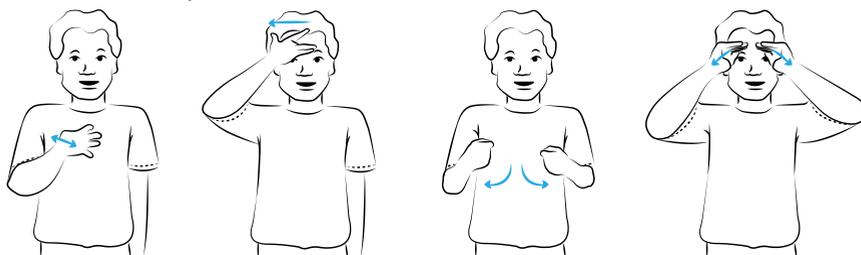
Que pena, o Bahia perdeu para o Corinthians por dois a zero.

ONTEM EU IR CHURRASCO CASA AMIGO P-A-U-L-O SINAL-DELE BAHIA.



Ontem eu fui a um churrasco na casa do meu amigo Paulo, conhecido por Bahia.

JEITO PESSOA PRECISA RESPEITAR



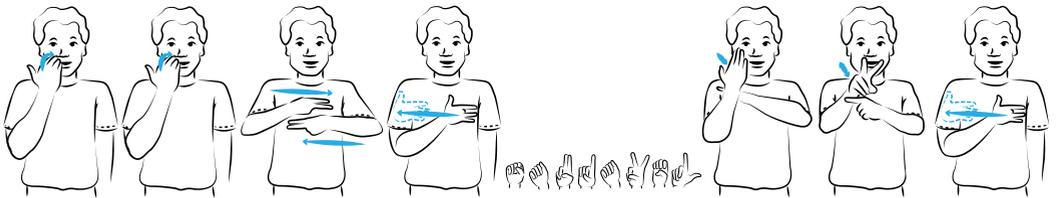
É preciso respeitar o jeito das pessoas.

O quadro 02 foi organizado por palavras/sinais, que são idênticas em seus parâmetros, mesmo que apresentem significados ou sentidos distintos mantêm relações semânticas entre si. Este quadro foi organizado a partir dos conceitos estabelecidos por Genouvrier e Peytard, (1974) e Biderman, (2001), segundo eles, o campo semântico é definido como o conjunto de possíveis significações de uma palavra. Tal definição vem ao encontro da organização do léxico em Libras, por exemplo, as palavras ENSINAR e EDUCAÇÃO, embora façam parte do mesmo campo semântico e apresentem significados distintos, estas podem ser identificadas apenas pelo contexto, o mesmo ocorre com as palavras ilustradas no quadro abaixo:

Sinal em LIBRAS COM relação semântica entre si	Escrita do Sinal	Respectivos significados em Libras e Português
		Saúde Sadio Saudável
		Comer Alimentar-se Ingerir Alimento
		Educação Ensinar

Supondo-se que durante uma aula o tema relacionado seja a saúde e cuidados com os alimentos. Esse tipo de tema pode ser um impasse no decorrer de um processo tradutório e interpretativo, em (01) do quadro 02 é apresentado o sinal de SAÚDE que também equivale a SAUDÁVEL e SADIO; o surdo, ao ver este sinal, o TILS ou qualquer outra pessoa ao ouvir esta palavra, tende a acionar o conceito de não estar doente. Tanto em Língua Portuguesa quanto em Libras é possível dizer que uma pessoa mesmo estando doente está com aparência saudável sem gerar ambiguidade. Porém, em Libras a ambiguidade é evidente na sentença: “*ingerir alimento saudável, ajuda preservar a saúde*”, nesta as escolhas lexicais precisam ser minuciosas, haja vista que “*ingerir*” e “*alimento*”, em (02) do quadro 02 são também representados por uma única palavra. A tradução mais comum pode ser:

COMER ALIMENTOS SAÚDE S-A-U-D-A-V-E-L⁸ AJUDAR-ME⁹ CUIDAR-ME SAÚDE



Para diferenciar o verbo COMER do substantivo ALIMENTO, neste caso, foi necessário alterar o número do substantivo, ou seja, acréscimo do sinal COISAS/VÁRIOS, que em Libras tem também a função de marcar hiperônimos, além de em alguns casos específicos alterar o léxico, por exemplo, a informação passou de *alimento* para *alimentos*. Outra estratégia bastante comum é utilizar o sinal e a soletração datilológica da palavra ouvida em português, para *saudável* faz-se o sinal de SAÚDE e em seguida soletra-se S-A-U-D-Á-V-E-L a fim de desconstruir o que é acionado primeiro no léxico mental do interlocutor surdo, despertando nele a atenção para o conceito de *saudável*, contudo, nem sempre o interlocutor surdo compreende ou identifica o que lhe é soletrado. Conforme Quadros (2004, p. 88), palavras do português podem ser emprestadas à língua de sinais brasileira, via soletração manual.

Um terceiro quadro foi organizado a partir de sinais relacionados por campos lexicais, cujas relações evocativas das palavras/sinais ocorrem por relações combinatórias. O diferencial deste quadro é o foco das análises sob a ótica da Libras e não da Língua Portuguesa, ou seja, não é possível afirmar que neste grupo de sinais elencados haja, em todos eles, uma relação semântica entre si ou que sejam polissêmicos. Por exemplo, não podemos afirmar que os sinais de SEXTA-FEIRA e PEIXE são homônimos ou polissêmicos em Libras, isso devido à relação evocativa que há na constituição de um ou de outro, uma vez que a relação se dá por senso comum religioso – Sexta-feira Santa come-se peixe, logo os sinais PEIXE (alimento) e SEXTA-FEIRA são os mesmos, apresentando os parâmetros (configuração de mão, locação, movimento, orientação das mãos e expressão não manuais) necessários para sua formação, idênticos. Como seguem, apresentados em alguns exemplos que foram selecionados para o Quadro 03:

Sinal em LIBRAS Campo lexical	Escrita do Sinal	Respectivos significados em Libras e Português	Relação Evocativas em LIBRAS
		Peixe Sexta-feira	Relacionados por senso comum religioso - Sexta-feira Santa come-se peixe, logo os sinais PEIXE (alimento) e SEXTA - FEIRA são os mesmos.
		Sábado Laranja	Um ou outro foi formado a partir do senso comum, uma vez que, no sábado geralmente serve-se feijoada a qual é acompanhada por laranja, ou ainda pelo fato da laranja ser parte da alimentação após a feijoada.
		Doce Açúcar	Denominam diferentes iguarias feitas com sacarose ou mel. Relaciona-se pelo fato de alguns doces lambuzarem ao redor da boca. O mesmo sinal representa substantivo e verbo.

Conforme Azeredo (2010), qualquer substantivo, verbo ou adjetivo representa uma parcela de algum conhecimento estruturado. Para o autor, uma simples palavra pode evocar outras segundo o sistema de relações que ela é capaz de ativar no conhecimento de cada pessoa. Para ele, por exemplo, a palavra *peixe* evoca *tartaruga*, *siri*, *polvo*, *marisco*, elementos ativados pela propriedade comum que se estabelece entre eles relacionados ao conceito de animal marinho, ou *anzol*, *rede*, *isca*, *molinete* que são instrumentos/recursos utilizados para sua captura, ou ainda, *frito*, *cozido*, *assado*, *cru*, variedades de sua preparação culinária. Sendo assim:

Em cada série de elementos associados temos uma espécie de microsistema lexical revelador de uma certa estruturação do conhecimento. Cada substantivo, cada verbo, cada adjetivo que conhecemos extrai dessas variadas constelações associativas sua significação e sua relevância na estruturação de nossas experiências de mundo. (AZEREDO, 2010, p. 410).

Em Libras, à medida que “as coisas” passam a ter significado e sentido para os surdos, muitos sinais saem do crasso para o arbitrário. Com o reconhecimento da Libras e seu livre uso, inúmeros sinais surgem para representar o que antes passava despercebido pela falta de uma comunicação convencional.

Assim como as línguas orais, em Libras muitas palavras também são desenvolvidas para se referir a diferentes entidades, porém algumas mantêm entre si proximidades que podem ser relativas ao conhecimento empírico visualmente constituído. Os surdos carregam consigo um conhecimento e interpretação do mundo visualmente construído, que se materializam em sinais.

Conforme afirma Brito (1985), o léxico da Libras, assim como o léxico de qualquer língua, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. Há pouco menos de uma década, a concepção de que a Libras era pobre porque apresentava um número pequeno de sinais ou palavras, se estendia para além dos linguistas. O que ocorre na Libras é comum também em outras línguas.

FONTE: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_154.pdf>. Acesso em: 11 out. 2018.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

- A ambiguidade lexical consiste nas diversas interpretações apresentadas por um único item lexical, caracterizado por comportamentos homonímicos ou polissêmicos.
- A polissemia, segundo Bechara (2009), consiste na situação de ocorrer uma só forma (significante) que apresenta mais de um significado que pertença a campos semânticos diferentes.
- A homonímia, para Bechara (2009), significa a propriedade de duas ou mais formas distintas pela significação ou função apresentarem a mesma estrutura fonológica.
- Na Língua de Sinais, a representação das palavras segue o padrão gestual visuoespacial, sendo que a ambiguidade lexical ocorre de forma diferente das Línguas Orais.
- Em Libras, a ambiguidade lexical revela a capacidade que uma palavra-signal tem de apresentar diferentes significados.
- Em Libras, os homônimos consistem em sinais-palavras que apresentam parâmetros fonológicos idênticos, sem estabelecer qualquer tipo de relação de traço semântico.
- A polissemia consiste no fenômeno de maior complexidade em comparação à homonímia, que em Libras infere sobre a possibilidade de um único item lexical ter dois ou mais sentidos relacionados entre si.
- A ocorrência desse fenômeno pode surgir em cinco maneiras distintas nas Línguas Orais, sendo que quatro são nativas e uma apresenta influência de uma língua estrangeira.
- Na Libras são poucos os casos de relações por determinante evocativo, sendo que nos casos encontrados há a questão etimológica. Os exemplos encontrados consistem em resultados de contribuições de pessoas surdas adultas que vivenciaram o sistema de internato.



1 A Libras segue a representação das palavras no padrão gestual visuoespacial, por isso se diferencia nos termos da ambiguidade lexical das línguas orais. Nesse sentido, as primeiras citações que identificaram a ambiguidade lexical em Libras foram publicadas pela estudiosa Ferreira Brito, em relação aos aspectos que definem os classificadores. Reflita sobre as características dos conceitos que permeiam a ambiguidade lexical em Libras, apresentadas nas sentenças a seguir:

- I- Na homonímia um mesmo sinal corresponde a diversos significados sem relação semântica.
- II- Na polissemia um sinal aponta vários sentidos relacionados semanticamente entre si.
- III- No determinante evocativo consiste no mesmo sinal indica significados distintos entre si.
- IV- Na polissemia um sinal incorpora o sentido de outro sinal sem relação semântica entre si.

Assinale a alternativa que apresenta as sentenças CORRETAS:

- a) () I – II - III.
- b) () I – II - IV.
- c) () II – III - IV.
- d) () II – III - IV.

2 (ENADE, LETRAS, 2017) Um aluno da rede pública de ensino, com 11 anos de idade, está matriculado no 5º ano do Ensino Fundamental e tem surdez profunda bilateral. Ele é bem-humorado, brincalhão e bastante sociável. É fluente na Língua Brasileira de Sinais (Libras), mas apresenta dificuldades de leitura e escrita da Língua Portuguesa. Tem potencial cognitivo elevado, embora necessite de constante interferência e auxílio da professora para realizar suas atividades. Considerando a situação apresentada e o que estabelece a Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, deve-se assegurar a esse aluno:



FONTE: <<http://www.cepae.faced.ufu.br>>. Acesso em: 7 jul. 2017 (adaptado).

- a) () Escolarização que atenda à proposta educacional bilíngue, considerando-se a língua de sinais como primeira língua.
- b) () Atendimento educacional especializado, priorizando-se o ensino da Língua Portuguesa, de modo a garantir a educação bilíngue.
- c) () Processo avaliativo que priorize o uso da Língua Portuguesa na modalidade escrita, dada a importância da manutenção do registro da aprendizagem.
- d) () Ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) após a aquisição da Língua Portuguesa na modalidade escrita, em processo análogo ao da alfabetização de aluno ouvinte.

3 A polissemia nas Línguas Orais pode ocorrer de cinco formas distintas, sendo que quatro são de origem nativa e uma apresenta influência da língua estrangeira. Em Libras, o fenômeno ocorre em quatro fontes distintas. Analise e descreva no quadro as características de cada fonte.



MUDANÇA DE APLICAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO NUM MEIO SOCIAL
LINGUAGEM FIGURADA	HOMÔNIMOS REINTERPRETADOS

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, G. A. C. **Contribuições da concepção histórico-cultural para a educação: teoria e metodologia da pesquisa.** Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- ARONOFF, M. et al. Classifier constructions and morphology in two sign languages. In: EMMOREY, Karen. (Ed.) **Perspectives on classifier constructions in sign languages.** Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.
- AZEVEDO, J. C. **Iniciação à sintaxe do português.** 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BAGGIO, M. A.; NOVA, M. G. C. **Libras.** Curitiba: InterSaberes, 2017.
- BARBOSA, W. M.; OLIVEIRA, L. S. **Apostila de Libras: curso básico. Módulo 2.** Espírito Santo: SEMED, 2013.
- BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA PEARSON. **Linguística I.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERNIERI-SOUZA, R.; SEGALA, R. R. A perspectiva social na emergência das Línguas de Sinais: noção de comunidade, fala e idioleto segundo o modelo teórico laboviano. In: QUADROS, R. M. de.; STUMPF, M. R.(orgs). **Estudos Surdos IV.** Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2009.
- BRITO, F. L. **Por uma gramática de Línguas de Sinais.** Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1995.
- CARVALHO, N. **Empréstimos Linguísticos na língua portuguesa.** São Paulo: Cortez, 2009.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 2000.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DIAS, R. **Língua Brasileira de Sinais: Libras.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.

- DINIZ, H. G. *A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais*. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, 2010.
- FARIA, S. P. *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: Uma Proposta Lexicográfica*. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2009.
- FAUSTINO, R.; FEITOZA, C. J. A. **Morfologia do português**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2016.
- FELIPE, T. A. **Introdução à Gramática da LIBRAS**. Educação Especial – Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP: Série Atualidades Pedagógicas 4, 1997.
- FERREIRA, L. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- FERREIRA, L. Repetição e reduplicação em Língua Brasileira de Sinais. **Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 6-17, 2001.
- FIGUEIRA, A. S. **Material de apoio para o aprendizado de Libras**. São Paulo: Phorte, 2011.
- GUIMARÃES, T. C. (Org.). **Língua Portuguesa III**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.
- HENRIQUES, C. C. **Morfologia**: estudos lexicais em perspectiva sincrônica. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. de. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e importância da documentação. In: STUMPF, M; QUADROS, R. M.; LEITE, T. A. (Orgs.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis: Insular, 2014.
- LUCCHESI, D. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I.; orgs. **O Português Afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 295-318.
- MARTINS, T. A. **Um estudo descritivo sobre as manifestações de ambiguidade lexical em Libras**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná: Cascavel. 2013. 158 f.
- MATTOSO CÂMARA, J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. Campinas/SP: Pontes, 2002.

NEVES, M. H. M. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.

NIDA, E. A. **Morphology: the descriptive analysis of words**. Michigan/Ann Arbor: University of Michigan Press, 1970.

PEREIRA, E. L. **“Fazendo cena na cidade dos mudos”**: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. 418 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2013.

PETTER, M. **Morfologia**. In.: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística** (vol. 2). 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. **Curso de Libras 2**. Rio de Janeiro RJ: Editora LSB Vídeo, 2009.

PINTO, A. N. S. **Alomorfia prefixal numa abordagem otimalista**: análise de /iN/aN-/ E /deS-/. 117 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, L. C. A. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SAID ALI, M. **Gramática secundária e gramática histórica da Língua Portuguesa**. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

SALLES, H. M. M. L. et al. **Ensino da língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SILVA, R. V. M. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

SCHEMBRI, A. Rethinking ‘classifiers’ in signed languages. In: EMMOREY, K. (Ed.) **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003 (p. 3-34).

SPERANÇA-CRISCUOLO, A. C. **Funcionalismo e cognitismo na sintaxe do português**: uma proposta de descrição e análise de orações subordinadas substantivas para o ensino. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. Aspectos linguísticos da Libras. Curitiba: Seed/ Suerd/ DFF, 1998.

SUPALLA, T. The classifier system in american sign language. In: CRAIG, C. (Ed.) **Typological studies in language**: noun classes and categorization. 7. ed. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1986. p. 181-214.

TAFNER, E. P. **Morfologia da Língua Portuguesa**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Obras Escogidas I**: Los métodos del investigación reflexológicos y psicológicos. Madrid: Visor Distribuciones, 1997a.

_____. **Obras Escogidas III**: Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Madrid: Visor Distribuciones, 1997b.